

Márcio J. R. de Carvalho

**Caminhos da compreensão:  
condicionantes sócio-intelectuais  
da recepção das obras de Max Weber no Brasil**

Dissertação submetida ao Prog. de  
Pós-Graduação em Sociologia Política  
da Universidade Federal de Santa  
Catarina para a obtenção do grau de  
Mestre em Sociologia Política.

**Orientador:** Prof. Dr. Carlos  
Eduardo Sell.

Florianópolis  
2016

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Carvalho, Márcio José Rosa de  
Caminhos da compreensão : condicionantes sócio  
intelectuais da recepção das obras de Max Weber no Brasil  
/ Márcio José Rosa de Carvalho ; orientador, Carlos  
Eduardo Sell - Florianópolis, SC, 2016.  
179 p.

- Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de  
Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em  
Sociologia Política.

Inclui referências

1. Sociologia Política. 2. Max Weber. 3. Recepção  
intelectual. 4. Pensamento Social Brasileiro. 5.  
Pensamento Social Alemão. I. Sell, Carlos Eduardo. II.  
Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós  
Graduação em Sociologia Política. III. Título.



*Novamente a você, Hellen, com sua capacidade incansável de canalizar  
o cosmos para dentro de meu coração.*

*Ao meu irmão, Fernando de Carvalho – quem duvidaria? – um  
historiador! Nosso pai estaria orgulhoso.*



## AGRADECIMENTOS

**Institucionais:** À Universidade Federal de Santa Catarina, pela excelente formação que nos dispõe; ao CNPq, pelos recursos investidos para a realização deste trabalho de pesquisa; ao Departamento de Pós-Graduação em Sociologia Política da UFSC, tanto ao seu quadro administrativo quanto a seu quadro docente. Agradeço ao grupo de colegas de graduação e pós-graduação que contribuíram muito durante a nossa convivência; aos colegas do grupo de estudos de Pensamento Social Alemão; e, em especial, ao meu orientador, Professor Dr. Carlos Eduardo Sell, que, com sua paciência didática, tem me incentivado há mais de seis anos.

**Pessoais:** São inúmeras as circunstâncias e pessoas que nos guiam a um lugar específico de nossa trajetória. A começar pela família – cuja mão pesada pode nos conduzir tanto à boca do lobo quanto ao *jardim das delícias* –, é relativamente clara a influência que certas pessoas imprimem em nossa experiência de vida. Embora seja incontável o número de nomes que caberiam nesta vaga categoria, escolho, nesta circunstância, agradecer especificamente a alguns amigos e amigas que tiveram participação decisiva em minha história e, sim, contribuíram com a integridade de suas personalidades na formação de meu próprio caráter: de uma época em que a terra parecia coberta por sombras, as luzes de Marcos Gaia, Rona C. Ribeiro e Renato “Raiz” da Silva foram as melhores coisas que me aconteceram; no cair da madrugada da vida, Fabrício Teodoro Mendes me apresentou à esperança; na primeira aurora, Artur de Vargas Giorgi (e toda a sua família) e Agmar “Guima” Baruk me deram a propulsão para reagir; perto do meio dia, Fernando Machado e Amauri Bitencourt me despertaram do sono na caverna; e na hora mais clara, Wand e Nani de Moura me deram óculos de sol, pegaram em minhas mãos e me levaram à praia e me ensinaram como é possível viver e ser alegre. Este trabalho é o presente, a retribuição, que nenhum de vocês algum dia pediu. Iluminados que são, apenas se fizeram presentes e contribuíram para que eu chegasse até aqui. Ofereço este trabalho, também, a todos os meus familiares.



*É perfeito e exato dizer – e toda a experiência histórica o confirma – que não se teria jamais atingido o possível, se não se houvesse tentado o impossível.*

Max Weber, em 1919.





**Caminhos da compreensão:  
condicionantes sócio-intelectuais  
da recepção das obras de Max Weber no Brasil**

**RESUMO**

O presente estudo objetiva empreender uma investigação sociológica e histórica, com o caráter de “compreensão explicativa” (*Erklärendes Verstehen*), acerca das condicionantes sócio-intelectuais da recepção das obras de Max Weber no Brasil. Destarte, aponta-se para a problemática da compreensão dos processos de importação e de recepção das ideias fora de seu contexto de origem, conforme Bourdieu (2002a; 2002b). Atenta-se para a necessidade de evidenciar *como as ideias* dão orientação e/ou são reorientadas em conjunção com os *interesses* e as *instituições*, de acordo com M. Rainer Lepsius, conforme Schluchter (2014). Para obter tais respostas, buscar-se-á um levantamento das literaturas *primária* e *secundária* (SELL, 2009), quais sejam, os escritos do próprio Weber traduzidos no Brasil e aqueles autores que leram/leem Weber no cenário nacional, respectivamente. Considera-se, a contraponto, a própria problemática da difusão internacional do pensamento de Weber, desde sua origem editorial na Alemanha. Contemplar *quais as condições sociais e políticas de recepção, interpretação e repercussão do pensamento de Max Weber no Brasil*, através de suas vias principais (produção, edição e publicação científica e acadêmica), aparece urgente não somente para compreender as condições em que este autor é apropriado como uma matriz referencial e teórica no país, mas, de igual urgência, à colaboração no desenvolvimento de uma sociologia da recepção das ideias. Este trabalho se apresenta à tarefa de levantar subsídios e delinear indicativos que possam dar colaboração a esse debate.

Palavras-chave: Max Weber. Recepção intelectual. Pensamento Social Brasileiro. Pensamento Social Alemão.



**Paths to understanding:  
social and intellectual conditioners  
for the reception of Max Weber's works in Brazil**

**ABSTRACT**

This study is a sociological and historical investigation characterized as an “explanatory understanding” (*Erklärendes Verstehen*) of social and intellectual conditionings in the reception of Max Weber's work in Brasil. Thus the problem of understanding the processes of importing and receiving ideas out of their original context, according to Bourdieu (2002a, 2002b) is noted, as is also the need to make evident *how the ideas* orient and/or are reoriented in relation to the *interests* and the *institutions*, according to M. Rainer Lepsius apud Schluchter (2014). In order to undertake the study, *primary and secondary literature* will be considered (SELL, 2009), meaning respectively Brazilian editions of Weber's own writings as well as works from author who read / have read Weber in the country. Contrastingly, the troublesome international diffusion of Weber's thought since its editorial inception in Germany is considered. It is urgent to contemplate *what the social and political variables for the reception, interpretation and repercussion of Max Weber's thought in Brazil are* in the production, edition and publishing of scientific and academic works, not only in order to understand the ways with which the author is appropriated as a referential and theoretical matrix nationally, but also to participate in the development of a sociology of reception of ideas. This study aims at presenting material and delineating indicators which might add to this discussion.

Keywords: Max Weber. Intellectual reception. Brazilian Social Thought. German Social Thought.



## SIGLAS

### **Em Alemão<sup>1</sup>:**

*Archiv – Archiv für Sozialwissenschaft und Sozialpolitik*

**GARS I** – *Gesammelte Aufsätze zur Religionssoziologie, Band I.*

**GARS II** – *Gesammelte Aufsätze zur Religionssoziologie, Band II.*

**GARS III** – *Gesammelte Aufsätze zur Religionssoziologie, Band III.*

**GASS** – *Gesammelte Aufsätze zur Soziologie und Sozialpolitik*

**GASW** – *Gesammelte Aufsätze zur Sozial- und Wirtschaftsgeschichte*

**GAW** – *Gesammelte Aufsätze zur Wissenschaftslehre*

**GdS** – *Grundriss der Sozialökonomik.*

**GPS** – *Gesammelte Politische Schriften*

**MWG** – *Max Weber- Gesamtausgabe*

**PE** – *Die protestantische Ethik und der Geist des Kapitalismus*

**PE II** – *Die Protestantische Ethik II. Kritiken und Antikritiken.*

**WuG** – *Wirtschaft und Gesellschaft.*

**WG** – *Wirtschaftsgeschichte. Abriß der universalen Sozial- und Wirtschaftsgeschichte*

### **Em português:**

**ACB** – Academia de Ciências da Baviera

**CcP** – Ciência como Profissão

**EeS** – Economia e Sociedade

**EP** – A ética protestante e o espírito do capitalismo

**ERF** – Ética religiosa de fraternidade

**ES** – Ensaio de Sociologia

**PcP** – Política como Profissão

---

<sup>1</sup> Seguimos aqui, como indicado por Waizbort (2012, p. 13), “um padrão já estabelecido na weberologia”.



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	19
<b>CAPÍTULO I – MARCO TEÓRICO</b> .....	25
1.1 MAX WEBER E A ESFERA INTELECTUAL .....	25
1.2 BOURDIEU: CAMPO CIENTÍFICO E CIRCULAÇÃO DAS IDEIAS.....	32
1.3 LEPSIUS: IDEIAS, INTERESSES E INSTITUIÇÕES... 41	
2.1 A RECEPÇÃO DE WEBER NO BRASIL: O ESTADO DA ARTE .....	47
2.2 MARCOS HISTÓRICOS DA RECEPÇÃO DE WEBER NO BRASIL.....	55
2.2.1 Primórdios weberianos <i>no e sobre o Brasil</i> . Karl Loewenstein e Emílio Willems: um weberianismo estrangeiro.....	55
2.2.2 Sérgio B. de Holanda e José H. Rodrigues: inícios de um weberianismo brasileiro e as primeiras críticas	58
2.2.3 Weber como método: um “amadurecimento” para as ciências sociais no Brasil.....	62
<b>CAPÍTULO III – DAS INSTITUIÇÕES: A RECEPÇÃO DAS OBRAS WEBERIANAS NO MERCADO EDITORIAL BRASILEIRO</b> .....	69
3.1 A ORGANIZAÇÃO DAS OBRAS DE WEBER NA ALEMANHA: O CAMPO DE ORIGEM.....	69
3.1.1 A organização de Marianne Weber, <i>Wirtschaft und Gesellschaft</i> (WuG), <i>Grundriss der Sozialökonomik</i> (GdS) e os “ <i>Gesammelte</i> ” .....	71
3.1.2 MWG: histórico e concepção.....	81
3.2 A RECEPÇÃO DAS OBRAS DE WEBER NO BRASIL 91	
3.2.1 Eventos editoriais e condicionantes bibliográficas da recepção da obra de Weber.....	91
3.2.2 Partes que foram traduzidas.....	92
3.3 DOS ATORES E SEUS INTERESSES: TRADUTORES E EXPERTS.....	116
<b>CONCLUSÕES OU “CONSIDERAÇÕES PARA UMA CONTINUIDADE”</b> .....	127
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	135
<b>APÊNDICES</b> .....	143





## INTRODUÇÃO

No início do curso de graduação de Bacharelado em Ciências Sociais, tive a oportunidade de, em nível bem exploratório, pesquisar a presença de Max Weber na obra *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda. Na ocasião, instigou-me perceber, pela primeira vez, como o pensamento sociológico atravessa as fronteiras. Tanto aquelas físicas, marcadas pela geografia, quanto as fronteiras abstratas, marcadas pela preponderância das ideias e concepções vigentes a respeito de determinado assunto. Como impacto mais imediato em minha trajetória acadêmica, passei a me dedicar de modo predominante, mas não exclusivamente, ao pensamento de Max Weber, tendo, inclusive, defendido um Trabalho de Conclusão de Curso<sup>2</sup> voltado a investigar como o pensamento de Weber repercutiu em diferentes contextos internacionais, através dos embates teóricos de intérpretes de sua obra.

Embora aquela pesquisa tenha sido tomada sob um olhar mais geral, voltado a compreender – sem, contudo, esgotar – algumas das condições em que os intérpretes de Weber elaboraram suas interpretações, o interesse pelas condições de entrada e permanência da obra de Max Weber no Brasil se manteve pungente. Após o contato com alguns trabalhos<sup>3</sup> específicos acerca desse assunto, notei a abertura fértil para análise e a necessidade de compreender certos aspectos das condições sociológicas da recepção das obras de Weber neste país, problemática para a qual esta pesquisa pretende dar alguma contribuição, levantando e fornecendo subsídios que recuperem os caminhos da recepção sócio-intelectual desse importante autor.

\* \* \*

---

<sup>2</sup> O mencionado Trabalho de Conclusão de Curso foi defendido sob o título “O pensamento de Max Weber na literatura internacional: um estudo temático da produção de seus comentadores a partir do Portal de Periódicos EBSCOhost” (CARVALHO, 2013). Nele, foi abordado um conjunto de 458 artigos de autores que tratavam diretamente a obra de Max Weber enquanto tema de análise; a partir dessa abordagem, organizou-se uma tipologia com base em um “perfil temático” e “temporal” de *como* e *quando* Weber era lido por esses comentadores.

<sup>3</sup> Vianna (1999), Sell (2007; 2009), Mata (2013b), Villas Bôas (1997; 2014), entre outros.

Max Weber, como jurista, como sociólogo, como historiador ou como economista, é reconhecidamente um dos grandes clássicos das Ciências Sociais, nas duas *razões*<sup>4</sup> pontuadas por Jeffrey Alexander (1999). Para além dos 150 anos de seu nascimento e de mais de um século da sua obra, constata-se que seu fôlego teórico é intensamente renovado, pois seu trabalho ganha uma projeção cada vez maior. Weber tem extrapolado o campo das Ciências Sociais, é lido nos mais diversos países e tem seus trabalhos traduzidos do alemão para diferentes línguas. Destarte, conforme observamos em nosso trabalho anterior (CARVALHO, 2013)<sup>5</sup>, a propagação de sua obra tem projeção equiparada apenas à amplitude dos trabalhos que lançam escrutínio sobre os fundamentos nos quais ela se assenta, provocando renovações nos padrões analíticos e mudanças, ou reorientações, nos campos de interesse das novas gerações. Inserido nesse contexto de amplo processo de circulação e recepção da obra de Weber, nosso país recebe, também, marcas desse arcabouço. O esquema conceitual-teórico desenvolvido por Weber figura com importância maior do que a de mero “instrumento de pesquisa” (SELL, 2009).

Dedicar atenção à importância da produção intelectual de Weber é ao mesmo tempo *conhecer* e *reconhecer* os feitos teóricos desse autor. “Conhecer” no sentido de aprofundar-se nos conceitos teóricos formulados por ele, percebendo os caminhos de trânsito e influência de tais conceitos; e “reconhecer” no sentido de dar contribuição para a interpretação crítica e reflexiva à aplicação desses conceitos. Para que se possa criar uma imagem compreensiva e explicativa de como se dá a recepção, a permanência e a atualização da obra de Weber no Brasil –

---

<sup>4</sup> Tanto a razão “funcional”, que toma o clássico como um ponto de referência comum para a discussão teórica, quanto a razão “intelectual”, qual seja, o clássico como contribuição singular e permanente (ALEXANDER, 1999, p. 47-51).

<sup>5</sup> Todas as conclusões apresentadas neste parágrafo são parte do Trabalho de Conclusão de Curso para título de Bacharel em Ciências Sociais, defendido no ano de 2013. No período entre 2009 e 2012, com auxílio do programa PIBIC/CNPq, vasculhamos o portal de periódicos HEBSCOhost para compreender que imagem de Weber poderia ser encontrada a partir de seus comentadores na literatura internacional. O trabalho avalia 468 artigos (cf. CARVALHO, 2013), **a partir de seus resumos.**

dada a sua relevância –, o objeto desta pesquisa é o pensamento de Max Weber – em sua circulação e repercussão. Um estudo de caráter sociológico que traga elementos da relação entre a publicação de trabalhos *teóricos*, os seus respectivos contextos de recepção e as condicionantes sociais e históricas de circulação, bem como os seus objetos de interesse, poderá servir como base referencial, com desdobramentos que vão além de uma leitura exclusivamente temporal.

Em texto no qual analisa o estado da arte da teoria social no Brasil, Sérgio Costa (2010) demonstra que o sociólogo alemão figura como o autor mais citado nos principais periódicos acadêmicos de circulação nacional no campo das Ciências Sociais, dado que sugere ser Max Weber um autor amplamente lido no campo científico brasileiro. Fora do ambiente acadêmico, essa informação parece confirmar-se também em meios “leigos”, já que uma rápida busca no acervo eletrônico de memória de um dos periódicos de maior público no país, a *Folha de São Paulo*<sup>6</sup>, com o verbete “Max Weber” utilizado como chave, revela um total de 2.316 páginas publicadas naquele meio. Se tomarmos por comparativo o verbete “Karl Marx”, referente a outro clássico das Ciências Sociais, temos um número relativamente menor de ocorrências: 2.209 páginas<sup>7</sup>.

É possível afirmar, com base em nossa pesquisa anterior (CARVALHO, 2013), que a reflexão crítica sobre o pensamento de Max Weber e sua produção literária cresce consideravelmente, se tomarmos referências globais, pois os esforços dedicados pelos examinadores da

---

<sup>6</sup> Incluindo a circulação periódica do veículo em suas três versões antigas: *Folha de São Paulo*, *Folha da Manhã* e *Folha da Noite*, pesquisa realizada em junho de 2015.

<sup>7</sup> Entretanto, se nos voltarmos para trabalhos que trazem uma perspectiva analítica sobre esses clássicos, temos uma enorme lacuna. Se lançarmos o verbete “Marx” no Portal Scielo, categoria de busca “Regional”, teremos um total de 306 ocorrências (290 apenas no Brasil); quanto ao verbete “Max Weber”, teremos uma quantidade bem menor, de 90 ocorrências (86 para o Brasil). Já no Banco de Teses da Capes, ao tomarmos na busca por títulos de trabalhos o verbete “Max Weber”, encontramos apenas 6 trabalhos, correspondentes aos seguintes resultados: cinco dissertações na categoria “Mestrado Acadêmico” e apenas uma na categoria “Tese de Doutorado”, enquanto o verbete “Marx” apontava para 30 resultados: 22 dissertações na categoria “Mestrado Acadêmico” e apenas oito na categoria “Tese de Doutorado” (dados de 2015).

obra de Weber no intuito de “desvendar” aspectos minuciosos e específicos dentro do conjunto de sua obra sugerem refinamento e crescente complexidade nas abordagens ao longo do tempo. Em se tratando de cenário nacional, porém, a grande visibilidade de Weber, tanto no meio acadêmico quanto em meios “leigos” regionais, contrasta com a pequena quantidade de trabalhos de perspectiva analítica sobre a obra desse autor. Parece imperativo, portanto, haver estudos voltados também a esse aspecto. Uma sociologia crítica da recepção da obra de Max Weber no Brasil pode, entre outras coisas, levantar algumas questões sobre a aparente naturalidade com que as ideias circulam no meio intelectual.

Este trabalho visa compreender e, explicativamente, levantar subsídios indicativos sobre a forma como as condições sociais da esfera intelectual brasileira condicionam a recepção da obra (tradução) de Max Weber no Brasil, tomando como perspectiva o reconhecimento de que Weber é, hoje, também no Brasil, um autor de alta circulação editorial e um clássico das Ciências Sociais. Destarte, esta pesquisa tem como alicerce as seguintes perguntas-diretivas:

a) Quais os principais *caminhos* – editoras, núcleos de pesquisa, instituições de ensino, prefaciadores, apresentadores e tradutores – que proporcionaram uma recepção e permanência da obra de Weber no Brasil?

b) Quais são as principais *temáticas* e preocupações que, ao longo do tempo, foram selecionadas por pesquisadores brasileiros ao estudar o pensamento weberiano? E em quais problemáticas regionais elas foram aplicadas?

c) Quais as fontes originais utilizadas por esses *receptores* para apresentar ao Brasil as abordagens teóricas de Weber?

A pesquisa segue e aprimora a metodologia que desenvolvemos em trabalhos anteriores, utilizando-se das mais variadas fontes disponíveis, entre elas portais de periódicos, anais de eventos, bancos de teses e dissertações, literatura teórico-crítica, registros de laboratórios, consultas a portais de bibliotecas universitárias e à Biblioteca Nacional, fundações e núcleos de pesquisa etc., a partir da adoção dos conceitos de “esfera” e “campo intelectual”. A esse método, foram conjugadas outras formas práticas de levantamento de dados, como pesquisas *in loco* em arquivos de universidades, em jornais e publicações do meio editorial.

Por último, cabe observar que nosso trabalho tem como escopo dar indicações, levantar subsídios e mais questões acerca da recepção de Weber no Brasil, apresentando um retrato descritivo do processo de entrada deste autor em nosso país, fomentando o surgimento de

hipóteses possíveis, sem pretender apresentar respostas definitivas e/ou contundentes, de modo que esta dissertação de mestrado deve ser entendida como a etapa intermediária de um processo de pesquisa maior, iniciado há cerca de sete anos. Visando a continuidade deste trabalho, tal proposta foi apresentada como projeto de pesquisa no processo de seleção de Doutorado 2016 do Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da Universidade Federal de Santa Catarina e obteve aprovação.

Para os fins desta dissertação, a pesquisa realizada e as temáticas abordadas estão organizadas no texto conforme aqui descrevemos. No Capítulo I, apresentamos um marco teórico de matriz weberiana, apto a identificar os fatores ideais (conteúdos) e materiais (veículos) da recepção da obra de Weber no Brasil, articulando-o com elementos da sociologia de Pierre Bourdieu, como as noções de “circulação internacional das ideias” (BOURDIEU, 2002a; 2002b) e de “campo científico” – em nossa leitura, um conceito diretamente tributário (ou afim) da noção de “esfera intelectual” de Weber. Dessa forma, situamos a problematização dentro da própria terminologia *bourdieusiana* de “campo intelectual” (BOURDIEU, 1989). Além desses importantes conceitos, como *background* teórico, tomamos as leituras weberianas de M. Rainer Lepsius (2014) e Wolfgang Schluchter (2014) acerca de como as *ideias*, os *interesses* e as *instituições* estão mutuamente articulados e constituem três termos-chaves da sociologia weberiana.

No Capítulo II, apresentamos alguns subsídios para a compreensão cronológica da primeira onda de recepção das ideias weberianas “no” e “do” Brasil, identificando suas temáticas centrais (fator *ideias*), desde a entrada de “um weberianismo estrangeiro”, de Karl Loewenstein e Emílio Willems, passando pelo pioneirismo de Sérgio B. de Holanda e José H. Rodrigues, que inauguram os inícios de um weberianismo brasileiro e também elaboram as suas primeiras críticas. Não deixamos de fora a entrada de Weber como *método*, impactando diretamente no “amadurecimento” das ciências sociais no Brasil, para o que destacamos os nomes de Alberto Guerreiro Ramos, Juarez Brandão Lopes, Raymundo Faoro, Maria Sylvia de Carvalho Franco, Florestan Fernandes, Fernando Henrique Cardoso e Gabriel Cohn, entre outros.

No Capítulo III, procuramos tratar de alguns aspectos das fontes bibliográficas internacionais que condicionaram a interpretação do pensamento weberiano no mercado editorial brasileiro. Para tanto, nosso ponto de partida foi compreender *como* as obras de Weber foram, primeiramente, organizadas na Alemanha. Como resultado,

apresentamos (na Seção 3.1) o retrato complexo e inesgotado do quadro organizativo de um manancial teórico que se encontra, há mais de um século, no processo editorial de constituição da sua *definitive edition*. Tratamos (Seção 3.1.1) da fase de publicação de escritos de Weber anterior e imediatamente posterior ao seu falecimento e tratamos, também, sobre os esforços de Frau Marianne Weber – assessorada por Sigmund Hellmann e Melchior Palyi – em verter os escritos completos e os inacabados de Weber em um conjunto mais ou menos coeso, garantindo a sobrevivência histórica do legado weberiano. Também no terceiro capítulo apresentamos (Seção 3.1.2) uma descrição detalhada da *Max Weber- Gesamtausgabe (MWG)*, a atual coletânea das obras completas de Weber. Trata-se de uma compilação revista, contextualizada e atualizada, dentro de princípios *histórico-críticos* (HANKE, 2012), de uma enorme massa de obras completas e incompletas, manuscritos, cartas, anotações, palestras e cursos produzidos por Weber ao longo de sua vida. Iniciado em 1975, o projeto atravessa quatro décadas de esforços na revisão e organização do montante que corresponde, atualmente (2015), a 43 volumes publicados na Alemanha, num total de 54 tomos. Apesar dos números, a MWG ainda não foi finalizada, restando, ainda, nove tomos com previsões de publicação entre 2016 e 2017. Na Seção 3.2, com base nos parâmetros aqui mencionados, tratamos mais diretamente da recepção das obras de Weber no Brasil e apresentamos uma síntese de partes dessas obras que foram traduzidas, com uma breve descrição das fontes internacionais utilizadas. Por último, Seção 3.3, apresentamos um *perfil* dos atores envolvidos no processo de importação, tradução e apresentação das obras de Weber ao meio editorial nacional.

## CAPÍTULO I – MARCO TEÓRICO

### ESFERA INTELECTUAL – CAMPO CIENTÍFICO CIRCULAÇÃO DAS IDEIAS – IDEIAS, INTERESSES E INSTITUIÇÕES

Neste capítulo, apresentamos as bases teóricas, de matriz weberiana, que utilizaremos para identificar os fatores ideais (conteúdos) e materiais (veículos) da recepção da obra de Weber no Brasil. Nesse sentido, convém apontar que Weber figura neste trabalho tanto como objeto – uma vez que estamos tratando da circulação, importação e recepção de suas obras – quanto como referencial teórico, articulado com elementos da sociologia de Pierre Bourdieu, como as noções de “campo científico” e de “circulação internacional das ideias” (BOURDIEU, 2002a; 2002b). O primeiro desses dois termos, “campo científico” (ou intelectual), figura em nosso entendimento como um conceito diretamente tributário (ou afim) da noção de “esfera intelectual” de Weber. Noção esta que descreveremos em detalhe (Seção 1.1), quanto a sua origem e conforme os fundamentos descritos por Weber ao discutir as “esferas autônomas de valor”. A partir desse entendimento, situamos a problematização dentro da própria terminologia *bourdieusiana* de “campo intelectual” (BOURDIEU, 1989), para adentrar (Seção 1.2) a discussão perpetrada pelo sociólogo francês acerca da “circulação internacional das ideias”. Além desses importantes conceitos, como *background* teórico, apresentamos (Seção 1.3) as leituras weberianas de M. Rainer Lepsius e Wolfgang Schluchter acerca de como as ideias, os interesses e as instituições estão mutuamente articulados e constituem três termos-chave da sociologia weberiana (SCHLUCHTER, 2014).

#### 1.1 MAX WEBER E A ESFERA INTELECTUAL

O ensaio seminal *Rejeições religiosas do mundo e suas direções* (WEBER, 1980 [1920]<sup>8</sup>, p. 237-268) é aberto pela argumentação do

---

<sup>8</sup> Para referência completa: Weber, M., *Zwischenbetrachtung: Theorie der Stufen und Richtungen religiöser Weltablehnung* (ZB), in Weber, Max.



autor quanto ao “sentido” (WEBER, 2006, p. 317), ou “motivo” (WEBER, 1982, p. 371), de uma construção racional da rejeição do mundo. Ao abordar os “níveis da rejeição do mundo”, Weber expõe como o processo de racionalização interna das religiões de salvação torna a religião – no mundo ocidental moderno – uma esfera social com valores e regras próprias, a partir da formação muito particular de uma ética de conduta que passa a ordenar a vida social.

Tal processo – herdeiro das formas com que as religiões de salvação com uma ética fraternal orientaram as práticas de negação do mundo – levou a esse mesmo caminho outras formas de organizar a vida social, provocando a formação de outras esferas independentes e um aumento de racionalização e autolegalidade de cada uma dessas esferas autônomas. Estas se tornam autorreguladas e assumem valores próprios, o que culmina, enfim, em um aumento da tensão na relação entre essas esferas de valores, muitas vezes, incompatíveis. No processo dessa explicação, Weber apresenta, simultaneamente, as chamadas “esferas autônomas de valor”: Religiosa; Econômica; Política; Estética; Erótica; e Intelectual (WEBER, 2006, p. 317-358). Nesta seção, retomamos a construção de Weber do conceito de esferas autônomas de valor e a relação tipificada que ele estabelece entre elas.

Publicado originalmente no volume I da coleção *Gesammelte Aufsätze zur Religionssoziologie* (**GARS I**), sob o título *Zwischenbetrachtung: Theorie der Stufen und Richtungen religiöser Weltablehnung*, o ensaio *Rejeições religiosas do mundo e suas direções* (1980, p. 237-268) tinha a função de, em uma espécie de “entreato”, preparar o leitor para a fase seguinte das explanações de Weber, em **GARS I**, acerca das religiões no mundo, na qual – após discutir o sistema religioso na China – daria sequência à abordagem das religiões asiáticas, mais especificamente aquelas praticadas na Índia.

As versões brasileiras de *Consideração intermediária: teoria dos graus e orientações da rejeição religiosa do mundo* foram publicadas, sob o título *Rejeições religiosas do mundo e suas direções*, em duas obras, a saber: i) na coletânea *Max Weber: textos selecionados*, obra que compunha a coleção *Os Pensadores* (WEBER, 1980, p. 237-268); ii) na coletânea de textos de Weber organizada por H. H. Gerth e C. Wright-

Mills sob a forma de livro, *From Max Weber: essays in Sociology* – no Brasil, *Ensaio de Sociologia* (WEBER, 1982 [1946], p. 371-408). Wolfgang Schwentker (1996) observa que o termo *Zwischenbetrachtung* pode ser encontrado em outras línguas traduzido como “Considerações intermediárias”, “Reflexões intermediárias” ou ainda “Interlúdio teórico”. Em língua portuguesa, por fim, convém citar a versão publicada em Portugal, *Consideração intermediária: teoria dos graus e orientações da rejeição religiosa do mundo*, em *Max Weber: Sociologia das religiões* (WEBER, 2006). Neste trabalho, doravante iremos nos referir a esse texto apenas como *Consideração intermediária*.

Se submetermos o texto a uma redução esquemática, encontraremos uma sistematização clara em torno de um conjunto de ideias principais. O texto é aberto pela argumentação do autor quanto ao “sentido” (WEBER, 2006, p. 317), ou “motivo” (WEBER, 1982, p. 371), de uma construção racional da rejeição do mundo. A seguir, o sociólogo de Heidelberg expõe, não sem antes apresentar uma breve, porém densa, descrição do seu método “típico ideal”<sup>9</sup>, um esquema tipológico de diferenciação entre “ascese” e “misticismo”. Após esse movimento teórico-metodológico inicial, Weber expõe o núcleo de seu argumento, tratando das formas com que se orientam as práticas de negação do mundo e, simultaneamente, apresentando as chamadas “esferas autônomas de valor” (Religiosa; Econômica; Política; Estética; Erótica; e Intelectual). Ao abordar os “níveis da rejeição do mundo”, ele expõe como o processo de racionalização interna torna a religião uma esfera social com valores e regras próprias.

Antes de nos responder “quais os motivos por que surgiram, afinal, éticas religiosas de negação do mundo”, e quais as “orientações” e os “sentidos” que adotaram, Weber (2006, p. 317) sustenta que “uma tentativa deste gênero em sociologia das religiões pretende ser e tem de ser, ao mesmo tempo, um contributo para a tipologia e a sociologia do próprio racionalismo”, sendo necessário, portanto, partir “das formas mais racionais que a realidade *possa* adotar” e, também, procurar

---

<sup>9</sup> Este procedimento metodológico reverbera em consonância com uso dos conceitos sociológicos e a construção de tipos ideais, como apresentada por Weber em “Economia e Sociedade”, “Conceitos Sociológicos Fundamentais”, item “I. Fundamentos Metodológicos”, notas 1 (“sentido”), 7 (“motivo”) e 11 (conceitos de “tipos puros e ideais”) (WEBER, 2012, p. 1-35).

determinar “até que ponto certas consequências racionais, susceptíveis de se colocar em termos teóricos, foram tiradas na realidade. E, eventualmente, por que não o foram”. Essa assertiva trata diretamente do conceito de método típico-ideal<sup>10</sup>, construído como um “meio de orientação”, no qual “[...] as diferentes esferas de valores são apresentadas com uma coesão racional que *raramente* têm na realidade, mas com a qual podem, contudo, manifestar-se, e até se manifestaram *mesmo* de forma historicamente relevante” (WEBER, 2006, p. 318-19).

A incompatibilidade da “perfeição divina” em face da presença do mal e a controvérsia da própria existência do mal em face da “onipotência divina” são geradoras de um conjunto complexo de problemas para as religiões de salvação. Assim, está colocado o problema da teodiceia, que, de acordo com Weber, “faz parte universalmente das causas determinantes do desenvolvimento religioso e da necessidade de salvação”. As respostas a essa complexidade<sup>11</sup> variaram, “numa relação muito íntima com a formação da concepção de deus e também com as ideias de pecado e salvação” (WEBER, 2012, p. 351), questões sensíveis da teodiceia; eis o estabelecimento de sistemas de sentido nas formas religiosas perante as denúncias dos males do mundo que afrontam a onipotência da divina potestade:

Mas quanto mais próxima a concepção de um deus único, universal e supramundano, tanto mais facilmente surge o problema de como o poder aumentado ao infinito de semelhante deus pode ser compatível com o fato da imperfeição do mundo que ele criou e governa (WEBER, 2012, p. 351).

A partir do método típico-ideal como uma chave de organização e interpretação da realidade a qual se deseja dar uma explicação, Weber apresenta de maneira polarizada as expressões de “ascese” e “mística” e desvela como a concepção de “Deus Criador transcendente” torna-se

---

<sup>10</sup> Diferente do que ocorre nas “ordens da vida” (*Lebensordnungen*) (Weber, 2006, p. 318).

<sup>11</sup> Sem nos atermos muito a estas respostas, por não ser o objeto de nossas preocupações neste trabalho, podemos citar os três tipos de teodiceia consideradas por Weber “as únicas coerentes”: o dualismo, a crença na predestinação e o carma (Weber, 2012, p. 350-55; 2010b, p. 249).

uma poderosa alavanca conceitual para uma busca ativa pela salvação, principalmente “quando segue ativamente a via do ascetismo que, ao contrário da orientação contemplativamente mística, está intimamente ligada à impessoalidade e à imanência da divina potestade” (WEBER, 2006, p. 319).

As formas ascética e mística seriam práticas religiosas de conduta de negação do mundo, tipos de comportamento que se tornam constituídos em “conduta metódica da vida”, que “resultaram, num primeiro tempo, de pressupostos mágicos” (WEBER, 2006, p. 319), resultando, em sua consubstanciação máxima, em uma ética *perante* ou *distante* do próprio mundo.

Na verificação histórica, essas formas de práticas comumente aparecem fora do tipo ideal, por vezes uma mesclando a característica da outra. A entrada no “campo da religiosidade indiana” é substantivamente considerada por Weber pois, para ele, seria “o berço das formas de ética religiosas mais negadoras do mundo, tanto em termos teóricos como práticos”; e é exatamente na Índia onde “mais se desenvolveu a ‘técnica’ correspondente” a essa negação, da qual se pode citar o monaquismo e as “manipulações típicas da ascese e da contemplação”, abrindo caminho para a racionalização da esfera religiosa (WEBER, 2006, p. 317). Nesse ponto de sua exposição, Weber faz referência ao que já havia abordado quanto às formas religiosas chinesas, em total oposição à indiana, como das mais afirmadoras do mundo, ou das mais integradas à ordem mundana. A forma mais exemplar seria o taoísmo, com o seu preceito da “ação de não agir” (originalmente chamada *Wu Wei*)<sup>12</sup>, com a qual, através da não ação, os agentes contemplam o estabelecimento ou reestabelecimento da ordem externa a si; a não ação “pretende constituir um ‘ter’ e não um agir” (WEBER, 2006, p. 319-21).

Também a prática ascética, nas palavras de Weber, assumiu formas práticas dualistas e “mostrou desde logo, no limiar do seu aparecimento, um rosto duplo”, com traços do “afastamento [fuga] do mundo” e, por outro lado, em traços de salvacionismo, a “dominação do mundo”. A primeira, a *ascese*, se firmou pela atividade no mundo, qual seja, pela “ação” que se queria transformadora (ação “intramundana”).

---

<sup>12</sup> V., p. ex., FISCHER, Theo. *A arte de viver o Tao*. São Paulo: Ed. Árvore da Terra, 1999. Título original: *Wu Wei Die Lebenskunst Des Tao*.

O exemplo acabado (típico-ideal) de Weber é a conduta do puritano<sup>13</sup> que, para se afastar das ordens mundanas (ação “extramundana”), imerge na prática profissional, culminando – numa conversão ética não percebida a princípio – inversamente na ação “no mundo”. Em outra mão, a segunda prática, a *mística*, se firma pela “ação contemplativa”, pela “renúncia radical” ao mundo (contemplação que “foge ao mundo”), como o caso dos monges mendicantes, chamados “homens santos” na Índia (WEBER, 2006, p. 319-21). Porquanto que “as formas de fuga ao mundo de ambos os procedimentos são distinguíveis por oposições semelhantes”:

Para o **asceta** intramundano, o comportamento do **místico** é um indolente narcisismo [...]. Para o místico, o do asceta (agindo no mundo) é uma implicação nas actividades do mundo, alheias a Deus, associada a uma vã presunção [...] a ascese intramundana cumpre as determinações positivas de Deus, cujo sentido derradeiro lhe permanece oculto, mas que estão patentes nas ordens racionais da Criação tal como Deus as dispôs [...]; ao passo que para o místico, pelo contrário, apenas conta para a salvação justamente a apreensão através da experiência mística desse sentido último, inteiramente irracional (WEBER, 2006, p. 320-21).

As religiões de “salvação”, por sua qualidade salvadora, conforme Weber (2006, p. 320-21), reorientam a conduta da vida “pela aspiração a um bem de salvação”, levando o crente a uma “sistematização racional da conduta de vida, quer apenas em certos pontos, quer no todo”. O último caso foi a regra em todas as verdadeiras religiões de “salvação”, isto é, em todas aquelas que proporcionavam aos seus sequazes a perspectiva da libertação do *sofrimento*, quanto mais a essência do sofrimento fosse concebida de maneira sublimada, inferiorizada, fundamental. Pois do que se tratava, então, era de colocar o adepto num estado permanente que o tornasse interiormente imune ao sofrimento. Nas palavras de Weber, “expresso em termos abstractos, o

---

<sup>13</sup> V. WEBER, Max. *A Ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Pioneira, 2013.

objetivo da religião de salvação era alcançar para o redimido um hábito sagrado duradouro”, e que exatamente em função disso “lhe garantisse a salvação, em lugar do estado sagrado obtido por meio da orgia, da ascese ou da contemplação, de forma aguda, não quotidiana e, por conseguinte, transitória” (WEBER, 2006, p. 321-22).

As religiões proféticas e de salvação viviam numa relação de permanente tensão com o mundo e as suas formas de ordenamento, desde a forma de relação mais primeva, a parental. Weber nos explica que quando a profecia de redenção criou comunidades assentes numa base puramente religiosa, a primeira força com a qual ela entrou em conflito foi a comunidade natural da *parentela*. Sobretudo quando se tornou religiosidade soteriológica comunal (de salvação a qualquer pessoa), o que tornou possível no interior das comunidades religiosas uma “Ética Religiosa de Fraternidade” (ERF). De igual medida do desenvolvimento dessa ética interna motivada para a salvação religiosa, a que Weber chama “religiosidade de convicção”, cresce o atrito daquela forma religiosa com o mundo exterior. Grosso modo, quanto mais os assentamentos religiosos negavam o mundo externo a sua comunidade de salvação, obediente a regras racionalizadas de conduta, maior se tornava a tensão com a ordem do mundo, e mais racionalizadas se tornavam as suas práticas, extrapolando os sentidos do ritualismo profético que deu origem à mesma religião (WEBER, 2006, p. 322-24).

Seguidamente, pelas formas necessárias à sobrevivência do culto, templos e mosteiros se tornam locais de economia racional (da administração de bens e posses). E a crescente tensão que se retroalimentava: quanto mais a racionalização na ordem do mundo pressionava a ética religiosa de salvação, mais racionalizada ela se tornava, especializando-se no desenvolvimento de “técnicas” de negação do mundo. Diante da aparente contradição econômica interna da religião em administrar sua sobrevivência no mundo, surgiu uma grande tensão entre as esferas da religiosidade e da economia, provocando, em casos extremos, cisão ou “retorno às origens do culto” (negação franciscana de posses, por exemplo), numa exaltação à via contemplativa.

Pode-se afirmar, com base em *Consideração intermediária*, que ao passo que as esferas Econômica e Religiosa tornam-se autônomas, autorreguladas e com valores próprios, o mesmo ocorre com a Política, a Estética, a Erótica e a Intelectual. Weber explora o âmbito de formação e de valoração de cada uma delas e, mesmo que haja relação de atração ou repulsa entre essas esferas, dadas as afinidades circunstanciais ou

contingentes, é maior a tensão entre a esfera da Religião e as demais, por exemplo. Por outro lado, a esfera religiosa tende a manter maior proximidade com as esferas consideradas *mais racionais* – a Econômica e a Política (e jurídica), por exemplo – e grande distanciamento em relação às esferas tidas como *irracionais*, ou *arracionais* – a Estética e a Erótica –, e em relação à esfera mais técnica – a Intelectual (científica, por exemplo) (WEBER, 2006).

## 1.2 BOURDIEU: CAMPO CIENTÍFICO E CIRCULAÇÃO DAS IDEIAS

Fortemente tributário dos escritos sobre a sociologia da religião de Max Weber, mais especificamente sobre as suas teorias acerca das “esferas autônomas de valor”, o conceito de “campo” tem suas origens descritas pelo próprio Bourdieu n’*A gênese dos conceitos de habitus e de campo* (BOURDIEU, 1989. p. 59-73). Nesse trabalho, Bourdieu empreende uma revisão e consequente sistematização do, até então muito utilizado por ele, conceito de “campo”. A necessidade de pôr o conceito em revista, afirma Bourdieu, está no fato de que, uma vez que o trabalho empírico levou à aplicação múltipla desse conceito como instrumento de pensamento, seria relevante “realizar a confluência da diversidade aberta pela pesquisa em acção com a coerência reforçada por um olhar retrospectivo” (BOURDIEU, 1989, p. 59). Sobre tal movimentação teórica, Bourdieu comenta:

Para construir realmente a noção de campo, foi preciso passar para além da primeira tentativa de análise do “campo intelectual” como universo relativamente autônomo de relações específicas: com efeito, as relações imediatamente visíveis entre os agentes envolvidos na vida intelectual – sobretudo as interações entre os autores e os editores – tinham disfarçado as relações objetivas entre as posições ocupadas por esses agentes, que determinam a forma de tais interações. Foi assim que a primeira elaboração rigorosa da noção [de campo] saiu de uma leitura do capítulo de *Wirtschaft und Gesellschaft* consagrado à sociologia religiosa, leitura que, dominada pela referência ao campo intelectual, nada tinha de comentário escolar. Com efeito, mediante uma crítica da visão interacionista das relações entre os

agentes religiosos proposta por Weber que implicava uma crítica retrospectiva da minha representação inicial do campo intelectual, eu propunha uma construção do campo religioso como estrutura de relações objetivas que pudesse explicar a forma concreta das interações que Max Weber descrevia em forma de uma tipologia realista. Nada mais restava a fazer do que pôr a funcionar o instrumento de pensamento assim elaborado para descobrir, aplicando-o a domínios diferentes, não só as propriedades específicas de cada campo – alta costura, literatura, filosofia, política etc. – mas também as invariantes reveladas pela comparação dos diferentes universos tratados como “casos particulares do possível” (BOURDIEU, 1989, p. 65).

Ou seja, esse esforço de conjugar suas primeiras noções de campo com aplicação prática do conceito em inúmeras pesquisas e gerar um *balanço teórico* em torno do conceito leva Bourdieu em retorno ao conjunto de escritos coletados e organizados, entre 1920 e 1924, pela detentora do espólio intelectual de Max Weber, Frau Marianne Weber, *Wirtschaft und Gesellschaft* [no Brasil, *Economia e Sociedade* (WEBER, 1994)]. Em especial, Bourdieu se atém ao capítulo com os textos de Weber dedicados à sociologia da religião, traduzidos no Brasil como *Sociologia da Religião: tipos de relações comunitárias religiosas* (WEBER, 1994 [Cap. V], p. 279-418), para reelaborar o conceito de *campo* que ele já havia colocado em uso desde 1966, em *Champ intellectuel et projet créateur* (BOURDIEU, 1966 apud BOURDIEU, 1989, p. 65). Desta feita, as noções de “campo científico” ou “campo intelectual” que adotamos derivam diretamente desse arcabouço referenciado por Bourdieu a uma genealogia weberiana.

Em 1989 Pierre Bourdieu proferiu duas palestras que trariam em comum o tema da “causa” e da “autonomia” da ciência, bem como o tema do papel e do problema da “circulação das ideias”. A primeira delas foi uma conferência proferida em 1989, na Universidade de Freiburg, Alemanha<sup>14</sup>, na qual Pierre Bourdieu propôs algumas

---

<sup>14</sup> Conferência pronunciada em 30 de outubro de 1989, na inauguração do Frankreich-Zentrum, da Universidade de Freiburg, publicada pela primeira vez



reflexões acerca daquilo que chamou “as condições sociais da circulação internacional das ideias”, chamando atenção para as tendências dentro dos movimentos de “importação e exportação intelectual” e apresentando “um programa para uma ciência das relações internacionais em matéria de cultura” (BOURDIEU, 2002a [1989], p. 4). A segunda foi realizada naquele mesmo ano, no Colóquio de Chicago sobre *Social Theory and Emerging Issues in a Changing Society*. Parte das ideias expostas naquela conferência tornaram-se as bases de *Social Theory for a Changing Society*<sup>15</sup>, e são recuperadas em *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*<sup>16</sup>, texto que traz essa discussão de forma atualizada pelo próprio autor (BOURDIEU, 2002b [1989]), colocando em evidência o que ele acredita serem impedimentos para uma internacionalização da ciência. Os dois textos, que serão detalhados adiante, trazem em seu bojo algumas reflexões críticas que situam a discussão – a partir da própria terminologia de Bourdieu – no “campo intelectual”.

Em conferência proferida em 1989, na Universidade de Freiburg, Alemanha, Pierre Bourdieu (2002a [1989]) propõe algumas reflexões acerca daquilo que chamou “as condições sociais da circulação internacional das ideias”, chamando atenção para as tendências dentro dos movimentos de “importação e exportação intelectual” e apresentando “um programa para uma ciência das relações internacionais em matéria de cultura” (BOURDIEU, 2002a [1989], p. 4).

Ao situar e manter a discussão no “campo intelectual”, Bourdieu recorre ilustrativamente às relações simbólicas entre França e Alemanha para demonstrar algumas tendências nas trocas internacionais condizentes à atividade intelectual. O primeiro problema apontado por Bourdieu (2002a [1989], p. 5) estaria relacionado a uma crença corrente na espontaneidade da internacionalização da vida intelectual. Segundo o sociólogo francês, “não há nada mais falso” (BOURDIEU, 2002a

em *Romanistische Zeits für Literaturgeschichte*, 14 anne, 1-2, p. 1-10 (BOURDIEU, 2002c).

<sup>15</sup> (BOURDIEU; COLEMAN, 1991).

<sup>16</sup> Os argumentos aqui apresentados baseiam-se em uma publicação de 1995, *Actes de la Recherche en Sciences Sociales* (BOURDIEU, 2002b [1989], tradução de Gabriel Fernandes, doutorando do Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da UFSC, e revisão técnica da Dra. Tamara Benakouche).

[1989], p. 5), pois a internacionalização da vida intelectual estaria sujeita às mesmas regras que outros espaços da vida social; sujeitas, inclusive, a “nacionalismos e imperialismos”, e “preconceitos, estereótipos, ideias pré-concebidas” (BOURDIEU, 2002a [1989], p. 5), sendo o “internacionalismo científico”, como um aspecto cultural, algo que não pode acontecer nas sociedades isoladamente. Tomando comparativamente o conceito de *laissez-faire*, o autor sustenta que “nas trocas internacionais, a lógica do *laissez-faire* leva muitas vezes a fazer circular o pior e a impedir o melhor de circular” (BOURDIEU, 2002a, p. 5). Em se tratando de ideias, alerta, a sua “força intrínseca [...] esbarra em resistências devidas aos interesses, aos preconceitos, às paixões” (BOURDIEU, 2002a, p. 5).

Outro problema apontado por Bourdieu é um conjunto de fatores “estruturais que são geradores de mal-entendidos”, quais sejam, aqueles problemas relativos ao fato de que as ideias, ao circularem pela comunicação internacional, em geral, não levam consigo o seu contexto (BOURDIEU, 2002a, p. 6). A esse respeito, esclarece:

O fato dos textos circularem sem seu contexto, de não importarem junto consigo o campo de produção – para empregar meu próprio jargão – dos quais são o produto, e dos receptores, eles próprios inseridos em um campo de produção diferente, reinterpretem-no em função da estrutura do campo de recepção é gerador de mal-entendidos colossais (BOURDIEU, 2002a, p. 6).

Em decorrência disso, alerta Bourdieu, o peso do “campo de chegada” é “tanto ou mais” determinante para “o sentido e a função” de uma obra quanto o “campo de origem” (BOURDIEU, 2002a, p. 7). Nesse curso de ideias, convém considerar que: a) muitas vezes, as ideias “importadas” têm o seu sentido e sua função no “campo de origem” ignorados no “campo de chegada”; e b) a transição de ideias entre campos nacionais distintos está submetida a uma série de “operações sociais” de adequação, como “operação de seleção” (para determinar, por exemplo, ‘o que’, ‘quando’, ‘como’, ‘por quem’ e ‘por que’ se traduzir algo). Há também a “operação de marcação”, ou “identificação”, quando, por exemplo, uma editora adiciona uma “etiqueta” que não existia anteriormente a uma publicação importada, vinculando-a a um tema típico do “campo de chegada” que não era contemplado pelo texto em seu campo de origem; e, ainda, a “operação

de leitura”, qual seja, a adequação feita pelos leitores ao aplicar uma cognição orientada por “categorias de percepção e problemáticas que são produto de um campo de produção diferente” (BOURDIEU, 2002a, p. 7-8) daquele que originou o texto importado.

Ao tratar da **operação de seleção** de entradas no “campo de recepção” como “um objeto de pesquisa verdadeiramente crucial e verdadeiramente urgente”, Bourdieu (2002a [1989]) levanta a importância de nos perguntarmos “quem são os selecionadores, aqueles que uma socióloga da ciência americana chama os *gatekeepers*?”. De outra forma: quem são aqueles que “descobrem” um texto e “quais interesses eles têm em descobrir”? (BOURDIEU, 2002a [1989], p. 7). Há aqui a ressalva do autor para que se tome o termo “interesse”, ou “o efeito das afinidades ligadas à identidade”, no intuito de compreendermos as determinantes de uma escolha na recepção:

Publicar o que eu gosto é reforçar minha posição no campo tal, quer queira eu ou não, quer saiba ou não, e mesmo se esse efeito não entre de modo algum no projeto de minha ação. Não há nada de mal nisso, mas é preciso estar consciente [deste processo]. As eleições mútuas e puras se fazem frequentemente sobre a base de homologias de posição nos campos diferentes aos quais correspondem as homologias de interesses, e homologias de estilos, de partidos intelectuais, de projetos intelectuais. Podemos compreender essas trocas como alianças, portanto, dentro da lógica das relações de força, como, por exemplo, maneiras de dar força a uma posição dominada, ameaçada (BOURDIEU, 2002a [1989], p. 8).

Embora utilize o conceito de “afinidades eletivas” herdado de Weber<sup>17</sup>, Bourdieu (2002a [1989]) ressalta que, para além do conceito, existem também os “clubes de admiração mútua, que [...] exercem um poder de tipo temporal na ordem cultural ou, pode-se dizer, espiritual”. As altas posições no campo intelectual estabelecem condições privilegiadas de trocas de capital simbólico, empréstimo e circulação de prestígio entre “detentores de posições acadêmicas importantes”

---

<sup>17</sup> E Weber, por sua vez, a partir de Goeth.

(BOURDIEU, 2002a [1989], p. 8). As operações sociais de **seleção** (o que é publicado, quem é publicado, quem traduz o publicado) e **marcação** (quem edita, a qual coleção pertence, quem faz o prefácio) estariam diretamente ligadas a esses aspectos de afinidade.

A operação social de **leitura**, contudo, está sujeita à percepção e à adequação de problemática feita pelos leitores. Os textos trafegam sem contexto, sem levar consigo o campo intelectual de formação e de produção das ideias do qual é produto. Estando os receptores inseridos em um campo diferente de produção, torna-se indispensável às ideias uma mediação. Os receptores tendem a reinterpretar os textos de acordo com a posição no campo de recepção. A análise bourdieusiana sugere até mesmo a possibilidade de as categorias de percepção e de pensamento – que os “campos intelectuais nacionais [...] impõem e inculcam” – exercerem um efeito de “prisma deformante” tanto à produção quanto à recepção das ideias (BOURDIEU, 2002a [1989], p. 11).

Enfim, Bourdieu propõe que “A *Realpolitik* da razão [...] deve, portanto, como projeto trabalhar para criar as condições sociais de um *diálogo racional*”, atentando para a necessidade de se conhecer as diferenças de funcionamento entre os campos intelectuais nacionais, uma vez que “a probabilidade de deformação do texto aumenta quanto maior a ignorância do contexto de origem” (BOURDIEU, 2002a [1989], p. 12). A proposição de Bourdieu é de que se pense, a partir “de uma sociologia e de uma história social reflexivas e críticas [...], uma sócio-análise científica, sobre as estruturas do inconsciente cultural nacional” (BOURDIEU, 2002a [1989], p. 12), com base nas histórias nacionais tanto do campo de origem quanto do campo de recepção. Sobretudo em se tratando das instituições educativas (por uma história comparada das disciplinas, mais especificamente das ciências sociais nacionais) e dos campos de produção intelectual, para que se liberem “os modos de pensamento herdados da história” na busca por assegurar “um domínio consciente das formas escolares de classificação, das categorias de pensamento impensadas e das problemáticas obrigatórias” (BOURDIEU, 2002a [1989], p. 13). Ilustrativamente, Bourdieu toma os conceitos de *Ethnologie* (França) e *Volkskunde* (Alemanha), que designam o mesmo campo disciplinar (antropológico), para demonstrar que mesmo esses conceitos já vêm “carregados” de significados simbólicos e de “todo um passado de tradições implícitas” que os separam pela própria história da tradição de seus campos. A elaboração de um programa, ou agenda, de pesquisa nesse sentido seria um

instrumento possível para localizar e identificar os “mal-entendidos” gerados pelo processo de importação de ideias e para favorecer uma verdadeira internacionalização racional da vida intelectual.

A reflexividade crítica compõe, através da “anamnésia” histórica (BOURDIEU, 2002a; 2002b), uma poderosa chave para evadir-se do processo amnésico ao qual o conhecimento intelectual está sujeito e que se dá “quase inevitavelmente, numa relação rotineira”, legando apenas o essencial à “*doxa* disciplinar”, muitas vezes legada à tensão entre o *campo* político e o *campo* intelectual (BOURDIEU, 2002b, p. 143).

A compreensão anamnésica da construção da herança científica, como propôs Bourdieu, abre uma via maior de apreensão de como se deram as variadas opções teóricas em torno das quais se fundamentam correntes metodológicas e epistemológicas. A capacidade que as Ciências Sociais têm de refletir criticamente e autoconscientemente, de maneira autônoma e autorregulada, posto que “tem o privilégio de poder eleger por objeto seu próprio funcionamento” (BOURDIEU, 2002b [1989], p. 144), é o grande alicerce nos quais se assentam “os princípios de uma *Realpolitik* científica, visando assegurar o progresso da razão científica” (BOURDIEU, 2002b [1989], p. 144).

Um passo decisivo, proposto por Bourdieu para uma “contribuição mais eficaz para o progresso da autonomia científica” e, ainda, “uma verdadeira internacionalização do campo das ciências sociais” (BOURDIEU, 2002b [1989], p. 153-4), a internacionalização e circulação de ideias, teorias, programas epistemológicos e metodológicos de investigação científica garantiria às Ciências Sociais a possibilidade de sublimação da pressão pela *concorrência interna*, aquela entre as próprias relações científicas, e da *concorrência externa*, aquela que se dá entre os meios “leigos” ou não científicos, “sobretudo na escala da nação”, através de poderes sociais “que confundem ou contaminam a luta científica” (BOURDIEU, 2002b [1989], p. 154).

A história social das ciências sociais não é uma especialidade dentre outras. Ela é o instrumento privilegiado da reflexividade crítica, condição imperativa da lucidez coletiva e individual. [...] Mas, realmente, ela só encontra sua justificação quando consegue atualizar os pressupostos inscritos no princípio dos empreendimentos científicos do passado, os quais perpetuam, frequentemente no estado implícito, a herança científica coletiva, os problemas, os conceitos, os

métodos ou as técnicas (BOURDIEU, 2002b [1989], p. 143).

A situação do campo das Ciências Sociais, entretanto, é ambígua – são dois os tipos de concorrência –, “pelo fato de que ele tem por objeto o mundo social e que pretende produzir dele uma representação científica”. Se, por um lado, a concorrência nos meios científicos é propulsora de seu desenvolvimento, como no caso de qualquer ciência, por outro lado, estando as Ciências Sociais também inscritas e circunscritas em seu objeto, o mundo social, elas estão em concorrência direta com outros tipos de “profissionais da produção simbólica”, como escritores, políticos, jornalistas, além da grande gama de “agentes sociais que, com forças simbólicas e sucessos desiguais, trabalham para impor sua visão do mundo social” (BOURDIEU, 2002b, p. 145).

Isso constitui uma das razões pelas quais o especialista de Ciências Sociais não consegue obter, tão facilmente quanto outros cientistas, o reconhecimento do monopólio do discurso legítimo sobre seu objeto, que reivindica por definição, pretendendo a cientificidade. Seus concorrentes do exterior, mas também por vezes do interior, podem sempre apelar ao senso comum, contra o qual se constrói a representação científica do mundo. Eles podem, inclusive, fazer esse apelo recorrendo ao modo de validação de opiniões corrente na política (principalmente quando a autonomia do campo político tende a anular-se face a uma demagogia populista, que finge conceder a todos o poder e o direito de julgar tudo) (BOURDIEU, 2002b):

Tem-se, pois, que lidar com duas lógicas completamente opostas: a do campo político, onde a força das idéias depende sempre da força dos grupos que as aceitam como verdadeiras; e a do campo científico que, em seus estados mais puros, só conhece e reconhece a “força intrínseca da idéia verdadeira”, à qual se referia Spinoza. Não se decide um debate científico por um afrontamento físico, por uma decisão política ou por um voto, e a força de uma argumentação depende em grande parte, sobretudo quando o campo é fortemente internacionalizado, da conformidade das proposições ou dos procedimentos às regras de coerência lógica e de compatibilidade com os fatos. Ao contrário, no campo político o que triunfa são as proposições

que Aristóteles (em *Os Tópicos*) chama de *endóxicas*, isto é, aquelas às quais se é obrigado a recorrer porque as pessoas que contam gostariam que fossem verdadeiras; e também porque participando da *doxa*, do senso comum, da visão ordinária, que é também mais divulgada e mais largamente partilhada, tem-se a favor o número (BOURDIEU, 2002b, p. 146).

É preciso, pois, interrogar-se sobre os obstáculos sociais – nunca completamente ausentes, mesmo nos campos científicos mais autônomos – que se opõem à instauração do *nómos* científico como critério exclusivo de avaliação de práticas e de produtos.

A raiz comum de todos esses obstáculos à autonomia científica e à completa dominação do princípio científico de avaliação ou de hierarquização é o conjunto de fatores capazes de impedir o jogo da *livre concorrência científica entre pares*, isto é, entre os detentores do domínio mínimo das aquisições coletivas da ciência social, o qual é a condição de entrada nos debates propriamente científicos; ou seja, é o conjunto de fatores capazes de favorecer a entrada no jogo, seja como jogadores, seja como árbitros (através, por exemplo, de um certo tipo de crítica jornalística), de intrusos desprovidos dessa competência e inclinados a introduzir normas de produção e de avaliação extrínsecas, como as do senso comum ou do “bom senso”.

A ciência está sujeita a duas categorias de conflitos: a primeira, “dos conflitos propriamente científicos”, quais sejam, “aqueles que se apropriam das aquisições coletivas de sua ciência se opõem entre si” (BOURDIEU, 2002b [1989], p. 148). A segunda categoria é a “dos conflitos políticos de dimensão científica”, sobretudo nos embates “socialmente inevitáveis e cientificamente analisáveis” entre produtores científicos.

A larga via da “*confrontação universal*” seria, então, “a contribuição mais eficaz para o progresso da autonomia científica”, em “uma verdadeira internacionalização do campo das ciências sociais” (BOURDIEU, 2002b [1989], p. 153-4). Bourdieu faz a ressalva de que, apesar de o campo das ciências sociais ter sido “sempre internacional”, “isso se deu sobretudo para o pior e raramente para o melhor”, pois “o campo internacional pode ser o lugar de fenômenos de dominação, e talvez mesmo de formas específicas de imperialismo” (BOURDIEU, 2002b [1989], p. 154), dadas as circunstâncias em que ocorrem as trocas simbólicas entre diferentes nações, pois mesmo no âmbito propriamente

científico, não leigo, estão expressas relações de dominação institucional e políticas – quase sempre entre dominantes e dominados, ou entre o *establishment* acadêmico e os *outsiders* (BOURDIEU, 2002b [1989]) – levando à geração de “distorção e mal-entendidos” na circulação das ideias.

### 1.3 LEPSIUS: IDEIAS, INTERESSES E INSTITUIÇÕES

Os estudos weberianos mais emblemáticos, segundo Schluchter (2014), de como “as ideias influenciam a História”, estariam expressos em duas circunstâncias bem marcadas: a primeira ligada diretamente àqueles estudos condensados em *A ética protestante e o “espírito” do capitalismo* (EP), a “exemplificação da questão do poder causal das ideias”; e a segunda ligada à “descoberta” feita por Weber sobre como a racionalização estruturou o desenvolvimento da forma de composição da “música harmônica racional”, de modo que, assim como o “capitalismo empresarial burguês”, tal forma só existisse no Ocidente (SCHLUCHTER, 2014, p. 63-64).

De acordo com Schluchter, essas disposições levam Weber a uma reviravolta em suas preocupações investigativas, como sinalizou Frau Marianne Weber: “essa descoberta da particularidade do racionalismo ocidental e do seu significado na cultura ocidental foi uma de suas mais importantes descobertas” e, por consequência, “seus questionamentos iniciais sobre a relação entre religião e economia ampliaram-se ainda mais na direção da especificidade de toda a cultura ocidental” (WEBER, Marianne, 1926, p. 349 apud SCHLUCHTER, 2014, p. 65).

Se, antes de suas conclusões expostas em EP e antes do seu brilhante *insight* acerca das composições harmônicas da música racional ocidental, Weber procurava por uma relação econômica entre as origens do capitalismo ocidental do tipo moderno e a religião, no momento seguinte, “o problema central” na investigação weberiana passa a ser “identificar a particularidade da cultura ocidental e esclarecer a sua origem”, de modo que toda a problemática do capitalismo foi absorvida pelo problema maior do racionalismo, que ele passa a perseguir “a partir de 1910-1911” (SCHLUCHTER, 2014, p. 66).

Sem entrarmos muito nessa questão, podemos adiantar que Schluchter (2014) demonstra o quanto o conceito de *ideias* está em intensa relação com outros dois conceitos, *instituições* e *interesses*, e ele evoca a voz de Rainer Lepsius, para quem “a sociologia é uma ciência empírica e histórica das instituições”. Schluchter fundamenta que o



“fiador teórico dessa teoria das instituições é Max Weber”. Embora, ressalva Schluchter, Weber tenha utilizado o conceito de instituição “de maneira pouco específica e apenas ocasionalmente” – e por se referir mais às relações, às ordens, e às organizações sociais –, “do ponto de vista do conteúdo”, Weber também compreende as instituições como mediação entre ideias e interesses (SCHLUCHTER, 2014, p. 58-66).

Schluchter toma como referência o texto publicado como “Introdução” (*Einleitung*) para os artigos de *A Ética econômica das Religiões Mundiais*<sup>18</sup>, mais especificamente o excerto que traz a metáfora do “manobrista de linhas de trem”, utilizada por Weber, que, em seu núcleo, porta “a tese da salvação, e de sua interpretação, no contexto de ‘uma *imagem de mundo* racionalizada’, bem como o posicionamento dos crentes em relação a ela” (SCHLUCHTER, 2014, p. 58).

Interesses (materiais e ideais), não ideias, dominam diretamente a ação dos homens. Porém, as “imagens de mundo”, que são criadas pelas “ideias”, determinam, com grande frequência, como manobristas, os trilhos em que a ação se vê movida pela dinâmica dos interesses (MWG I/19, p. 101 apud Schluchter, 2014, p. 58-59).

Conforme Schluchter, essa é a fonte que permite a Lepsius (1990, p. 31 apud Schluchter, 2014, p. 59) vincular seu ponto de vista ao de Weber. Schluchter adverte, ainda, que mesmo que não haja nesta citação uma referência direta às instituições, é necessário lançar um olhar atento à passagem, pois são três os conceitos que nela desempenham papel fundamental, quais sejam, as “imagens de mundo” – como manobristas de linhas de trem –, os “interesses” e os “caminhos” – os trilhos em que a ação se move pela dinâmica dos interesses. Essas três chaves apontariam para a existência de um terceiro elemento que faria a mediação entre ideias e interesses.

---

<sup>18</sup> Weber, Max. *A Ética Econômica das Religiões do Mundo. Confucionismo e Taoísmo. Escritos 1915-1920*. Editados por Helwig Schmidt-Glintzer, em 1989. Cf: **MWG Band I/19: Die Wirtschaftsethik der Weltreligionen. Konfuzianismus und Taoismus. Schriften 1915–1920**. Hrsg. v. Helwig Schmidt-Glintzer, in Zus.-Arb. m. Petra Kolonko. 1989. XIII, 621 Seiten.

Para que se compreenda a materialidade dessa metáfora, Schluchter sugere um retorno à sociologia da Religião de Weber sob a perspectiva de lê-la “como projeto comparativo e de história do desenvolvimento” (SCHLUCHTER, 2014, p. 59). Se tomarmos como ponto de partida a recomendação de Schluchter e observarmos **EP** como um estudo que “procura demonstrar de que forma as ideias influenciam a história [...] de modo que evitasse tanto um materialismo quanto um idealismo ingênuo”, estaremos aptos a perceber que **EP** trata-se da “exemplificação da questão do poder causal das ideias” (SCHLUCHTER, 2014, p. 63-64). Assim, para Weber:

Em geral as ideias não possuem uma influência direta. No entanto, elas atuam e, por essa razão, elas precisam ser levadas em conta para explicar, ao lado das condições econômicas e culturais, o surgimento do capitalismo moderno, em particular a disposição e a capacidade dos homens para a condução sistemática da vida. Em geral, esse lado interno e espiritual da ação humana não pode ser compreendido apenas por meio das condições econômicas (SCHLUCHTER, 2014, p. 64).

Junto (ou em conjunção) à ação (ou influência) indireta das ideias, as instituições dão materialidade a “fatores mentais e culturais”. Conforme Schluchter:

Do ponto de vista institucional, do capitalismo racional [moderno] com seu livre intercâmbio de fatores de produção [dentre eles, podemos assinalar o trabalho livre assalariado], a separação entre os empreendimentos orientados para os lucros e o patrimônio familiar, está, sobretudo, o Estado administrativo e fiscal com seu poder de promulgação de leis e o monopólio da coerção física legítima em seu território, mas também a ciência e sua combinação entre teoria e experimentação, bem como na sua aplicação cotidiana na tecnologia dela resultante. Cada um deles contribui para a especificidade da cultura ocidental. Porém,

junto destes fatores institucionais, incluem-se, também, fatores mentais e culturais, em especial a figura do profissional que encontra o sentido de sua vida na ascense intramundana (SCHLUCHTER, 2014, p. 70).

Até aqui, temos indicações de como as ideias e as instituições coadunam de maneira relacional e de maneira multicausal. Observemos agora o papel dos interesses. Conforme Schluchter, para compreendermos o terceiro termo dessa equação, é preciso retomarmos os *Conceitos sociológicos fundamentais*. O individualismo metodológico de Weber *previa* que “a partir das **ações sociais** individuais surgem **formações sociais** com propriedades emergentes que, por sua vez, também exercem efeitos causais” (SCHLUCHTER, 2014, p. 70-71, grifo nosso). É apresentada em *Conceitos sociológicos fundamentais* a disposição desses efeitos causais em uma formação emergente e em camadas multiniveladas: da ação do indivíduo à ação social; da ação social ao tipo de orientação dessa ação; de sua orientação ao tipo de coordenação dessas ações (relação, ordem associação); desta aos “‘contextos supraindividuais de sentido’ ou ‘cultura’ (sentido compartilhado)”, tratando-se de um modelo de “múltiplos níveis” observáveis em sua inter-relação causal e emergente, definidos, em última análise, “pela correlação entre interesses, instituições e ideias, ou, ainda, sobre a mútua ligação entre internalização, institucionalização e interpretação” (SCHLUCHTER, 2014, p. 71). É este o “trítone” que fornece a base conceitual com a qual Lepsius empreende seus estudos sobre a democratização da Alemanha<sup>19</sup>.

Embora não seja este o espaço para desdobrar todos os aspectos desse esquema teórico, temos importantes subsídios indicativos de como pretendemos utilizar o referencial *Ideias, interesses e instituições*. O primeiro termo, *ideias*, nos dará referências para tratarmos exatamente das temáticas problematizadas por Weber no *campo de origem* e que foram importadas para o Brasil, chamadas à necessidade de

---

<sup>19</sup> Schluchter cita como exemplo a pesquisa de Lepsius sobre o papel do carisma e da dominação carismática no “Estado sob influência nazista” (Lepsius, M. Rainer. *Demokratie in Deutschland: Soziologisch-historisch Konstellationsanalysen*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1993. (Cf. SCHLUCHTER, 2014, p. 82).

compreensão de problemáticas fora dos *contextos originais* em que foram gestadas; o segundo termo, *instituições*, será utilizado por nós para tratar das vias institucionais pelas quais as ideias entram em nosso contexto nacional, sobretudo, organizações universitárias e editoriais; já o terceiro termo, *interesses*, para tratar dos *experts* e dos tradutores que fazem a mediação e *marcação* das ideias no *campo de chegada*.



## **CAPÍTULO II – O CAMPO DE CHEGADA E O CONTEXTO DAS IDEIAS**

### **SUBSÍDIOS PARA A COMPREENSÃO DA RECEPÇÃO DAS IDEIAS WEBERIANAS NO BRASIL**

O campo de chegada e suas características é elemento essencial para a compreensão do processo de recepção de uma obra. Embora não possamos reconstruir toda a realidade do campo intelectual (ou científico) brasileiro a esse respeito, vamos aprofundar, neste capítulo, dois pontos: algumas abordagens que discutem teoricamente como analisar esse processo de recepção, tanto na História quanto na Sociologia; e o levantamento de alguns momentos históricos fundamentais de discussão do pensamento weberiano no Brasil.

#### **2.1 A RECEPÇÃO DE WEBER NO BRASIL: O ESTADO DA ARTE**

Duas perspectivas têm marcado a discussão sobre a recepção de Weber no Brasil: a histórica e a sociológica. Neste tópico realizamos um balanço dessa literatura.

Na perspectiva histórica, Sérgio da Mata (2013b), ao se colocar a pergunta *de que forma Max Weber é lido no Brasil?*, apresenta-se à difícil tarefa de buscar as pistas do que ele mesmo chamou o “elo perdido” entre Max Weber e a historiografia brasileira. Nessa empreitada, o autor toma como ponto de partida a obra *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda, mais especificamente o momento em que seus originais eram preparados para a primeira edição.

Ao tomar como referência estudos sobre a recepção de Weber em outros países, Sérgio da Mata elenca alguns fatores (Quadro 1) que compõem uma “lógica da recepção” (MATA, 2013b, p. 189):

**Quadro 1 – Critérios que compõem uma “lógica da recepção”**

**(a) situação institucional ou de poder** desfrutada pelos promotores da recepção (a quem designaremos “**mediadores**”) no **campo intelectual/acadêmico**;

**(b) a disponibilidade de traduções**;

**(c) as possibilidades de diálogo** da obra de um autor com os problemas suscitados pela realidade histórico-cultural da comunidade de recepção;

**(d) a presença ou não de discípulos ou divulgadores** imigrados da comunidade de origem na comunidade de recepção;

**(e) a eventual interferência ideológica ou política**, que, não obstante ser externa ao campo intelectual, pode facilitar ou dificultar o processo de recepção;

**(f) as relações de força** que regem a lógica dos intercâmbios intelectuais-acadêmicos entre a comunidade intelectual de origem e a comunidade de recepção;

**(g) a existência ou não de paradigmas alternativos** na comunidade de recepção;

**(h) o sucesso ou insucesso prévio** da recepção numa terceira comunidade científica, uma “comunidade intermediária”, a qual goza de prestígio junto à comunidade final etc.

---

Elaborado a partir de Mata (2013b, p. 189-90, **grifos nossos**).

Ao investigar as condições da recepção de Weber no cenário da historiografia nacional, Mata nos apresenta um quadro dessa recepção também nas ciências sociais praticadas no Brasil. Embora não nos seja possível aplicar diretamente a nossa pesquisa, neste momento, todos os critérios elencados pelo historiador, o conceito de “lógica da recepção” nos é útil para organizar pistas de investigação que se revelam sem que portem uma coerência interna *a priori*.

Na perspectiva sociológica, conforme Sell (2007), pode-se distinguir duas maneiras predominantes de se ler historicamente Weber no Brasil ou, de forma mais específica, “no âmbito da sociologia brasileira”. Em uma mão, teríamos um conjunto de interpretações que privilegiam a “sociologia política weberiana e sua sociologia da dominação”. Nesse eixo analítico, Sell identifica um tipo de leitura que se apropriou de Weber a fim de produzir explicações muito próprias acerca de uma realidade específica brasileira, e tem como suas

expressões maiores os nomes consagrados de dois autores que figuram entre os pioneiros do Pensamento Social Brasileiro: Sérgio Buarque de Holanda e Raymundo Faoro. Em outra mão, Sell (2007) toma como perspectiva um eixo analítico que privilegiaria a sociologia weberiana “histórico-comparada das religiões”. Se, por um lado, o primeiro eixo de análise está centrado em dois “clássicos”, o segundo eixo coloca em evidência uma geração mais recente de intérpretes de Weber e toma como expressão central os nomes de dois autores: Jessé Souza e Antônio Flávio Pierucci (SELL, 2007, p. 241). A partir desses dois eixos principais, o autor propõe um olhar sobre o tipo de leituras que se fez e se faz de Weber no Brasil, e avança sugerindo um esboço das possíveis ramificações interpretativas que são repercutidas no desdobramento daquelas leituras.

A partir do conceito de *Literatura Social Brasileira*, Carlos Sell (2007) aborda a influência e a utilização de Max Weber no “conjunto de obras e autores de diversas áreas, das ciências sociais ou não, que buscam uma interpretação histórico-social global da formação social do Brasil”. Ao delimitar o uso da expressão “literatura”, dá relevância à extrapolação da utilização de Weber para além “do campo da sociologia ou mesmo das ciências humanas, indo até o campo da literatura e das artes em geral, recobrindo, portanto, todo o campo das ‘humanidades’” (SELL, 2007, p. 241).

Nessa via analítica, dois conceitos propostos por Sell (2007) tornam-se importantes para empreender uma interpretação de como as ideias são apropriadas a partir de seus intérpretes. Trata-se dos conceitos de literatura “primária”, aquela produzida por autores que foram elevados a um *status* canônico, “os autores referenciais e modelares, dos quais partiriam as diferentes linhas paradigmáticas de referência teórica”; e de literatura “secundária”, uma literatura *especializada* na compreensão das vias de circulação e aplicação das ideias daquele ator tomado ou reconhecido como cânone (SELL, 2007, p. 241-42).

Se tomarmos como referência macro a obra de Weber como literatura “primária”, teremos, por exemplo, uma série de autores empenhados em se debruçar sobre seu trabalho, inclusive no Brasil. Mas, de outro modo, se tomarmos a referência regional, é possível citar alguns nomes que se firmam como “nossos clássicos”, dentre eles Caio Prado Jr., Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda, Raymundo Faoro e Simon Schwartzman (SELL, 2007).

O surgimento de uma “literatura secundária” (SELL, 2007, p. 242) se daria em consequência à “canonização” de um autor como



“clássico”, pois aquela surgiria da necessidade de se empenhar esforços na compreensão do uso deste. Sell busca, assim, evidenciar a distinção:

referimo-nos não apenas àqueles estudos nos quais o autor consagrado aparece como referência teórica das mais diferenciadas pesquisas empíricas e nem mesmo aos estudos que buscam determinar o sentido de suas obras e idéias. Trata-se da literatura que já em momento posterior visa explicitar o próprio sentido das múltiplas utilizações a que um clássico é submetido, tarefa eminentemente hermenêutica, portanto (SELL, 2007, p. 242).

Nesses limites conceituais, esta distinção na literatura é válida não somente para tomarmos os ‘grandes clássicos’ de longo alcance, como Weber, mas torna-se relevante também para nos aprofundarmos no alcance das ideias através daqueles que delas se apropriaram. Em curso, Sell destaca como a “literatura secundária” nos tem ajudado na tarefa de compreender “não só a história da recepção de Weber no Brasil, mas também as diferentes interpretações da própria realidade brasileira que resultam da absorção de referenciais teóricos weberianos” (SELL, 2007, p. 242), levando-nos à necessidade de interpretação, também, da propagação das ideias de clássicos *regionais* que são entendidos como literatura “primária” em termos de cânone nacional, como Buarque de Holanda e Raymundo Faoro.

Em termos gerais, conforme Sell (2007), ao tomarmos tal referência para tratarmos da literatura acerca de Max Weber e sua “influência” no Brasil, torna-se possível observarmos que dentro dessa literatura secundária existe uma tendência de continuidade por dois segmentos diferentes. No primeiro segmento, “a ênfase estaria na presença e, especialmente, no modo da presença de Weber no conjunto da literatura social brasileira”. Há, no conjunto dessas leituras, uma preocupação em investigar “o desenvolvimento histórico” e, também, “os diferentes padrões de leitura e interpretação da obra de Weber, realizada pelos analistas sociais no Brasil” (SELL, 2007, p. 242), visando entender de que modo o nosso contexto social e intelectual condiciona a leitura que se faz de Weber.

Já o segundo segmento se preocupa em observar a “influência” weberiana desde os resultados das leituras realizadas pelo primeiro, “na medida em que destaca de que forma esta apropriação teórica condicionou a interpretação que se fez do processo histórico-social de

formação da sociedade nacional” (SELL, 2007, p. 242). Retomando, temos, em uma via, uma preocupação em saber em quais condições nos apropriamos de Weber, condicionando a leitura de sua obra pelas circunstâncias próprias e características de nossa formação social, enquanto, em outra via, a preocupação é inversa, interessando aos pesquisadores compreender como a leitura de Weber condicionou o olhar dos pesquisadores na compreensão dos fenômenos sociais no Brasil. A seguir (Quadro 2), apresentamos uma sistematização para facilitar a compreensão global do argumento exposto.

**Quadro 2** – Tipos de leitura que compõem uma “lógica da recepção”

	<b>Tipos de leitura</b>	<b>Sociologias weberianas</b>	<b>Autores</b>
<b>Primeiro eixo</b>	Literatura clássica regional	Da política e da dominação	Sérgio Buarque de Holanda Raymundo Faoro
<b>Segundo eixo</b>	Literatura secundária (em relação a Weber e aos regionais)	Histórico-comparada das religiões mundiais	Jessé Souza Antônio Flávio Pierucci

Fonte: Elaborado a partir de Sell (2007).

Vale firmar, ainda a partir de Sell (2007), duas ressalvas significativas: a primeira é de que esses dois segmentos, ou essas duas perspectivas, não são excludentes, embora seja a leitura do segundo tipo aquela predominante entre os estudiosos de Weber; a segunda ressalva é de que elas não devem ser hierarquizadas a partir desses conceitos, pois a denominação “secundária” nada tem a ver com alguma espécie de classificação valorativa, mas, sim, com o aparecimento de uma literatura *especializada* na compreensão das vias de circulação e aplicação das ideias daquele ator tomado ou reconhecido como cânone. Dessa forma, a chamada “literatura secundária” torna-se importante referência para a compreensão da apropriação, do uso e do campo de influência da literatura dita “primária”.

A sociologia brasileira tem a peculiar característica de *nascer gestante* de determinadas ideias e conceitos que pululavam no campo intelectual do Brasil do século XIX. É o que pode ser inferido a partir dos comentários de Villas Bôas (2014) sobre o imaginário intelectual

que regulava a *mensura* do pensamento social brasileiro naquele tempo. Empenhada em compreender as condições de recepção da sociologia de origem alemã no Brasil, Gláucia Villas Bôas (1997, 2014) nos fornece pistas notáveis a respeito da recepção de Max Weber no cenário sociológico nacional, sobretudo no período entre as décadas de 1940 e 1980. A escolha por esse recorte temporal é justificada pelas décadas marcarem duas ondas, ou momentos, caracterizados por duas diferentes “modalidades” de recepção da obra do sociólogo alemão. No primeiro momento, o fluxo de leitura dos trabalhos de Weber orienta-se por tratar dos anos iniciais da institucionalização da sociologia no Brasil, nos quais “uma primeira modalidade de recepção da obra de Max Weber se impõe e se caracteriza pelo interesse no uso do instrumental teórico e metodológico weberiano na pesquisa empírica” (VILLAS BÔAS, 2014, p. 5). Seu marco inicial é a criação da revista *Sociologia*, em 1939, editada pelo alemão Emílio Willems. A segunda onda de recepção, e o ponto final da demarcação de Villas Bôas, é a publicação de *Crítica e resignação: fundamentos da Sociologia de Max Weber*, de Gabriel Cohn, em 1979, “livro que inaugurou uma segunda modalidade da recepção, orientada para a análise imanente da obra de Max Weber” (VILLAS BÔAS, 2014, p. 5). Para ela, ao longo desses 40 anos, Max Weber foi recebido no Brasil não sem controvérsias, mas em um cenário marcado por “problemas, recusas e disputas”, seletividade e apropriação de ideias em função dos interesses de pesquisa dos especialistas brasileiros e nos limites de uma discussão metodológica, na qual os pressupostos da construção ideal típica weberiana foram recusados em favor de proposições classificatórias de caráter generalizante. Naquele período, destaca-se ainda a ausência de referências às proposições weberianas sobre o sentido da ciência nos acalorados debates que definiam o papel do sociólogo como cientista e pessoa de ação (VILLAS BÔAS, 2014, p. 5).

A opção de Villas Bôas, portanto, é localizar a recepção de Weber em relação à própria consolidação do estatuto da Sociologia enquanto disciplina no contexto acadêmico nacional – no momento “em que se define sua identidade cognitiva, social e histórica” –, apontando algumas problemáticas no processo de entrada de Weber exatamente nesse cenário social-institucional em que a Sociologia pleiteia seu reconhecimento científico entre os intelectuais brasileiros (VILLAS BÔAS, 2014, p. 6).

Seria indispensável um mapeamento refinado para compreender não apenas como “chegaram” as ideias de Weber à América, mas quais os valores que conduziram os processos de recepção, incluindo o ensino,

as obras escolhidas, a literatura secundária interpretativa utilizada em sala de aula, além da reconstrução das ideias weberianas nas pesquisas empíricas e polêmicas geradas na disputa pelas interpretações falsas e corretas. A obra de Weber exige empenho na reconstrução das camadas de seu passado, que vão sempre levando a novas camadas, pistas e interpretações (VILLAS BÔAS, 2014, p. 8-9).

Desse modo, tão relevante quanto apreender a especificidade do pensamento de Weber, recomenda Villas Bôas, é “a tarefa de esboçar problemas da recepção de suas ideias no Brasil”, a qual “exige que se relembre a questão própria que distingue a sociologia brasileira em um contexto histórico nacional” (VILLAS BÔAS, 2014, p. 9).

Aquela que seria a *semente* mais expressiva dentro desse cenário é a ideia do “atraso” brasileiro frente às grandes nações que se modernizaram (VIANNA, 1999). A problemática do “descompasso” (VILLAS BÔAS, 2014) norteou fortemente as preocupações de nossos intelectuais, provocando uma *impregnação temática*, ou, de forma menos contundente, um direcionamento, nos primeiros anos da recém-chegada disciplina de Comte ao território nacional. Vejamos o que Villas Bôas registra:

[...] no Brasil, a sociologia, durante largo período, ocupou-se sistematicamente do conhecimento das peculiaridades da sociedade nacional com o objetivo precípua de verificar as chances efetivas de desenvolvimento do país. A camada intelectual brasileira, desde finais do século XIX, discutia o “descompasso” de uma nação surgida de uma colônia portuguesa com países “adiantados” e “civilizados”, fosse pela existência de três raças – branca, negra e indígena –, pela indiferenciação entre a esfera do público e do privado, fosse, ainda, pelo abandono das populações interioranas e atrasadas dos sertões brasileiros em contraste com a população modernizada e republicana do litoral. Aquele “descompasso”, tal como uma marca de origem da camada intelectual, persistiu ao longo do tempo, sendo ela o *leit-motiv* da produção de conhecimento e da produção cultural brasileira. Não foi Mário de Andrade, o arauto do Modernismo da década de 1920, que apregoava o abraço aos brasileiros para que a nação acertasse seus relógios e entrasse no concerto das nações modernas? A virada do Modernismo dos

anos de 1920 destacou-se no conjunto dos diagnósticos e dos ideais programáticos ao proclamar a aceitação da parte brasileira no processo de equiparar o Brasil ao concerto das nações. Mas a meta de modernizar o país permaneceu (VILLAS BÔAS, 2014, p. 9).

A autora acrescenta que, apostando na dualidade da sociedade brasileira, dividida em tradicional e moderna, em seu movimento primeiro de institucionalização “a sociologia não inventou novas questões nem hipóteses, porém as reelaborou”, ou seja:

Adotaram-se novos procedimentos teóricos e metodológicos, intitulando-se de científica a nova disciplina que surgia junto a um conjunto de outras, no período de criação da comunidade científica. Mudaram-se os métodos, a construção do objeto, as possibilidades de explicação e compreensão, mas as questões originais foram mantidas. Interessados na investigação de problemas históricos e concretos, os sociólogos se voltaram para a pesquisa das mudanças que transformassem o Brasil em uma sociedade moderna, democrática, dotada de uma ordem racional, fundada na indústria e na ciência. Essas particularidades nacionais da fundação e desenvolvimento da sociologia propiciaram condições favoráveis tanto para o reconhecimento, legitimidade e continuidade institucional da disciplina como para um debate acirrado sobre os destinos da nação (VILLAS BÔAS, 2014, p. 9-10).

Se tomarmos essa linha de problematização das questões norteadoras de nossa *primeira sociologia*, e tomarmos aqui a ideia de “atraso” como uma falha de acesso à modernidade (VIANNA, 1999), não é incomum que em dado momento a sociologia do campo intelectual brasileiro tenha evocado o arcabouço teórico de Weber, teórico da modernidade por excelência nas Ciências Sociais, como um dos modelos explicativos para o que se entendia como “atraso”. Luiz Werneck Vianna (1999) revela uma excelente evidência da apropriação que a literatura da época faz de Max Weber:

O “nosso” Weber tem conhecido uma fortuna similar, uma vez que tem sido convocado pela literatura, predominantemente, para explicar o *atraso* da sociedade brasileira, com o que se tem limitado a irradiação da sua influência a uma sociologia da modernização. Daí que a mobilização desse autor pela perspectiva do *atraso* se faça associar ao diagnóstico que reivindica a *ruptura* como passo necessário para a conclusão dos processos de mudança social que levam ao moderno (VIANNA, 1999, p. 38, grifos do autor).

Compreender a lógica seletiva de apropriação de Weber, os usos de alguns de seus conceitos elencados em razão do descarte de outros dentro das condições nascedouras da *nova ciência* (VILLAS BÔAS, 2014, p. 10) pode nos dizer muito não somente sobre a apropriação e o uso teórico-epistêmico-metodológico do legado weberiano, mas também sobre a formação de uma sociologia *tipicamente* brasileira, no sentido de que a *disciplina* propunha problematizar e enfrentar questões peculiares de nosso ordenamento social, a partir de nossa própria constituição histórico-social.

## 2.2 MARCOS HISTÓRICOS DA RECEPÇÃO DE WEBER NO BRASIL

Diferentemente do tópico anterior, mais analítico, este tópico visa demarcar alguns dos principais momentos (com suas obras e autores) que explicam a inserção do pensamento weberiano na esfera ou campo intelectual brasileiro. Por essa razão, vamos privilegiar a via histórica, acompanhando os trabalhos que têm se preocupado em reconstruir tal trajetória. Não se trata, aqui, de uma reconstrução completa ou exaustiva, mas sim de um primeiro esboço que demarca momentos e ênfases do modo como Weber penetra na realidade intelectual brasileira.

### 2.2.1 Primórdios weberianos *no e sobre o Brasil*. Karl Loewenstein e Emílio Willems: um weberianismo estrangeiro

O historiador Sérgio da Mata (2013b), ao tratar da “lógica da recepção” das obras intelectuais, considera o caso de Weber ainda mais

difícil, uma vez que existiria uma “dificuldade em classificá-lo como cientista”, dada a diversidade de abordagens que ele realiza em termos de campos disciplinares. Curiosamente, conforme a análise do mesmo autor, as primeiras incursões de um weberianismo no Brasil, o que ele nomeia “weberianismo tropical”, se dão através de um jurista e de um cientista político estrangeiros, Karl Loewenstein e Emílio Willems, e os primeiros indícios de um movimento weberiano por mãos brasileiras estão no trabalho de dois historiadores de primeira hora, também juristas de formação: Sérgio Buarque de Holanda e José Honório Rodrigues (MATA, 2013b, p. 190).

Citado por Sérgio da Mata (2013b, p. 193-98) não apenas como um autor de influência weberiana, mas como um frequentador do círculo organizado em torno do casal Weber, em Heidelberg, Karl Loewenstein torna-se figura proeminente do que poderíamos chamar de um weberianismo “estrangeiro” feito “no” e, também, “sobre o” Brasil. Evadido de Munique durante a ascensão de Hitler, Loewenstein move-se para os Estados Unidos, onde se torna professor da Universidade de Amherst, Massachusetts, e colaborador do Depto. de Estado Norte-Americano, atribuição que o leva a viajar pela América Latina organizando um levantamento sobre as condições e regimes políticos que compunham a região. A parte de sua pesquisa dedicada ao Brasil rendeu-lhe um volume individual, publicado nos EUA em 1941, sob o título *Brasil under Vargas*, sobre o qual Sérgio da Mata afirma: “não obstante os objetivos a que serviu e o cronograma espartano em que foi redigido, este livro é provavelmente o primeiro estudo weberiano *avant la lettre* sobre o Brasil” (MATA, 2013b, p. 193); mais especificamente, nas palavras do próprio Loewenstein, trata-se de uma “análise descritiva do Brasil sob Vargas” (LOEWENSTEIN, 1942, p. 46 apud MATA, 2013b, p. 194).

Embora não seja a ocasião de nos atermos em profundidade na especificidade do estudo de Loewenstein, podemos elencar alguns dos traços de sua análise, conforme a leitura empreendida por Sérgio da Mata, destacando-se a observação do pesquisador alemão acerca da repressão, do “caudilhismo” e do “domínio personalista”, “costumeiros desde sempre” (LOEWENSTEIN, 1942, p. 4 apud MATA, 2013b, p. 194); do papel da burocracia, na figura dos interventores, que “confirmava a tendência geral de perda de importância relativa dos políticos profissionais” (MATA, 2013b, p. 194); e de uma cultura jurídica brasileira “curiosamente marcada não apenas pelo probabilismo, mas igualmente pelo seu oposto, o judicialismo”, que impõe, “de um lado, uma eterna dúvida sobre a efetividade do dispositivo legal e, de

outro, a crença cega em seus super-poderes” (MATA, 2013b, p. 195). Além desses pontos, Loewenstein destaca a “baixa competência e integridade” do funcionalismo público brasileiro, bem como a insuficiência de formação técnica e profissional, os baixos salários e “a ausência de um sistema racional de admissão”, como contribuições – assim como a “indiferença da opinião pública” – a vicissitudes como “a corrupção, a venalidade e o nepotismo” (LOEWENSTEIN, 1942 p. 98 apud MATA, 2013b, p. 194-196).

Apesar Loewenstein lidar com uma agenda de pesquisa típica de um programa weberiano, lidando com temas como a organização política e jurídica do Estado, a dominação e a burocracia, Sérgio da Mata (2013b, p. 197) registra uma crítica ao “seu esforço no sentido de ressaltar um liberalismo desde-sempre-existente no Brasil”. Vejamos:

Loewenstein comete o mesmo erro de Sérgio Buarque. Mas se este tende à naturalização do nosso personalismo, o cientista político e sociólogo teuto-americano reifica a atitude oposta: a suposta natureza “tolerante e conciliatória”, o suposto temperamento “liberal e individualista” dos brasileiros. E isso a ponto de defender a ideia de que “a ditadura não é capaz de obliterar a tradição liberal” aqui existente (LOEWENSTEIN, 1942: 359). É bastante provável que isso se explique, em larga medida, mais pelas injunções geopolíticas do momento que pelas convicções pessoais de Loewenstein (MATA, 2013b, p. 197).

Apesar da ressalva, Sérgio da Mata reconhece o “senso de equilíbrio e o empenho” de Loewenstein “em desenvolver uma análise axiologicamente neutra” que “não traem a escola de pensamento a que se filia” (MATA, 2013b, p. 197-98). Ainda que produzido sob condições geopolíticas delicadas, o trabalho desse autor, coetâneo de Max Weber, torna-se basilar para a compreensão de uma análise do Brasil e seu processo primordial de modernização por uma perspectiva weberiana.

Outro autor estrangeiro imigrado para as Américas por ocasião da ascensão nazista na Alemanha é Emílio Willems. Apresentado como aluno, em Berlim, de Alfred Vierkandt, Theodor Geiger e Werner Sombart, Willems deixa sua terra natal em direção ao Brasil em 1931, onde passa a lecionar num seminário de padres no Rio Grande do Sul. Natural de Colônia, Willems é citado por Sérgio da Mata como “o



primeiro cientista social a falar em Weber no Brasil” (MATA, 2013b, p. 203).

Conforme Villas Bôas (2006 apud MATA, 2013b), os primeiros trabalhos de Willems “seguiram os passos de seu mestre Vierkandt, e trataram do processo de aculturação dos alemães no Sul do Brasil” (2006, p. 81-103 apud MATA, 2013b, p. 203). Embora esse autor tenha seguido por outra senda epistemológica, pois estava mais interessado em dar continuidade a “seus estudos sobre a estrutura social de pequenas comunidades rurais”, aos quais “a sociologia de Weber lhe oferecia menos instrumentos heurísticos e conceituais que a antropologia social norte-americana”, Sérgio da Mata considera grande a relevância de Willems, que, em 1945, publica na revista *Administração Pública* um trabalho seminal, *Burocracia e patrimonialismo*, o qual lançaria as bases daquelas “que viriam a ser as categorias clássicas do weberianismo brasileiro” (MATA, 2013b, p. 203).

### **2.2.2 Sérgio B. de Holanda e José H. Rodrigues: inícios de um weberianismo brasileiro e as primeiras críticas**

Sérgio da Mata sustenta que “a primeira onda de recepção [da obra de Weber] fora da Alemanha privilegiou seus estudos históricos”, tendência que o Brasil não teria deixado de seguir, representada por Sérgio Buarque de Holanda e José Honório Rodrigues (MATA, 2013b, p. 190).

Após uma estada em Berlim como correspondente jornalístico, Sérgio Buarque teria retornado sob influência não só do pensamento weberiano, mas também de autores de outra lavra teórica, como Spengler, Carl Schmitt e Hermann Keyserling – influência que, segundo Sérgio da Mata (2013b), seria sentida fortemente em *Raízes do Brasil*, cuja primeira edição é de 1936. Outro representante da historiografia brasileira assinalado por Sérgio da Mata é José Honório Rodrigues – também formado em direito, como Buarque –, que traz a marca weberiana, inicialmente, em um artigo intitulado *Capitalismo e protestantismo*, de 1946, no qual “se alia claramente à tese weberiana” (MATA, 2013b, p. 199).

De acordo com a leitura de Sérgio da Mata, esses dois autores protagonizariam a primeira querela epistemológica em torno da obra de Weber no Brasil. A disputa se deu em torno do problema do “atraso” brasileiro. Embora ambos utilizassem um referencial teórico weberiano, Rodrigues, por um lado, concentrava sua atenção no problema do crédito e proibição da usura por parte da igreja católica para explicar o

“atraso” econômico referenciado nos países ibéricos; em outra via, Buarque encontrava na má administração de recursos e manutenção das riquezas a razão perdulária de nosso debilitado desenvolvimento econômico. O confronto, conforme o historiador, levou Buarque a publicar um artigo em resposta a Rodrigues, o qual seria integrado à segunda edição de *Raízes do Brasil*, em 1948. Nas palavras de Sérgio da Mata:

Apesar de sua utilização mecânica e pouco criativa do argumento desenvolvido na *Ética protestante*, Rodrigues mostrava estar tão bem familiarizado com os fundamentos teóricos da análise de Weber quanto Sérgio Buarque [...] No ano seguinte, 1947, Sérgio Buarque faz publicar na mesma revista [*Digesto Econômico*] o artigo “Mentalidade capitalista e personalismo”. Boa parte deste artigo seria incorporada à segunda edição de *Raízes* (1948). Embora Weber não seja mencionado, ele é o óbvio “interlocutor oculto”. Holanda se opõe à tese central de Rodrigues: a noção da usura como pecado não teria significado uma limitação importante ao desenvolvimento do capital financeiro na Península Ibérica. Não seria na obtenção da riqueza que os ibéricos se distinguiriam de outros povos, mas no emprego improdutivo da riqueza – que se voltaria para a “ostentação ou o luxo” (HOLANDA, 2004:56). Este deslocamento da discussão sobre a realidade brasileira para a ibérica se explica facilmente. Via-se a explicação das razões do “atraso” de Portugal e da Espanha como uma tarefa prévia para a explicação do nosso próprio “atraso”. [...] O texto de Sérgio Buarque suscita uma réplica de Rodrigues: em 1948, ele publica, também na *Digesto Econômico*, o artigo “Expansão capitalista versus ideologia canônica em Portugal” (RODRIGUES, 1976b). A Weber se soma agora a influência de Werner Sombart. Para Rodrigues, Portugal teria sido prejudicado pela proibição da usura – ele retoma aqui um argumento já presente em seu livro de 1940 – e pela expulsão dos judeus (MATA, 2013b, p. 198-200).

Mais um ponto a se considerar nessa oposição, conforme sublinha Mata (2013b, p. 200), seria o de que para José Honório Rodrigues o problema central do “atraso” não é uma questão de ética profissional (*Berufsethik*), teorizada por Weber e reverberada em Sérgio Buarque, mas sim um problema de crédito que remonta à metrópole portuguesa:

José Honório [1976] conclui que a história das finanças públicas em Portugal estava condenada a ser uma história “sem esperança [e] de crises contínuas”, haja vista “a falta de racionalização da vida pública, um dos fatores mais importantes, segundo Weber, na formação do capitalismo” (MATA, 2013b, p. 200).

Sérgio da Mata demonstra que tal discussão tornou-se assídua para ambos os historiadores, rendendo ainda mais algumas réplicas e estendendo-se até meados dos anos 50, após uma última publicação de Rodrigues nesta direção, em 1951; contudo, “o crescente afrancesamento da historiografia brasileira”, segundo Mata (2013b, p. 200), poderia ter sido um dos motivos de uma “desweberianização” tardia de Sérgio Buarque de Holanda.

Sérgio da Mata trata, também, da “influência crescente do marxismo e da história econômica” entre os historicistas, bem como da “gradativa profissionalização dos historiadores brasileiros”, fatores que “acabaram produzindo um clima pouco favorável à recepção de Weber, autor no qual se via cada vez mais o sociólogo e cada vez menos o historiador” (MATA, 2013b, p. 201). Este seria um cenário muito favorável ao surgimento de uma crítica aos estudos weberianos. Um trabalho exemplar, indicado por Mata (2013b), é o do historiador Fernando Sgarbi Lima, tese de livre-docência, intitulada *Fundamentos históricos do espírito capitalista*, que surge em 1956, “portanto dois anos antes do aparecimento deste marco do weberianismo tropical que é *Os donos do poder*” (MATA, 2013b, p. 201).

Conforme descrito por Sérgio da Mata (2013b), o conjunto das preocupações de Sgarbi Lima trazia em seu cerne a busca pelas origens históricas do “espírito do capitalismo”, indo de encontro a Weber e Sombart e suas teses – que Lima “qualifica de insustentáveis e arbitrárias” –, movimento que o alinha “de forma particularmente nítida” à gênese de uma perspectiva crítica “que se tornará recorrente nos meios historiográficos, dentro e fora do Brasil: a de que a explicação do advento do capitalismo em Weber seria essencialmente ‘idealista’”, um “mal-entendido” que já nublava também “os últimos lances da polêmica entre Sérgio Buarque e José Honório” (MATA, 2013b, p. 201):

Para Sgarbi Lima, o advento do espírito capitalista só pode ser respondido adequadamente pelos

historiadores. É verdade que, em nome de um maior rigor no exame da questão, seu argumento adquire num dado momento uma tonalidade positivista: “uma análise das origens do capitalismo e do espírito capitalista deve partir do fato histórico puro [...]. Procuramos ater-nos ao domínio do acontecido, nunca ao do provável” (LIMA, 1957:6). De uma forma geral, porém, esta profissão de fé objetivista não chega a comprometer o seu trabalho, cuja tese central é a de que uma mentalidade capitalista poderia ser encontrada já na Idade Média (MATA, 2013b, p. 201).

Sérgio da Mata demonstra (2013b) a incorreção de Lima ao alimentar a premissa de que, em Weber e Sombart, a abordagem do capitalismo estaria presa “exclusivamente ao domínio do religioso” (LIMA, 1957, p. 8 apud MATA, 2013b, p. 202), incompreensão vítima da chamada “interpretação espiritualista da História” (LIMA, 1957, p. 11 apud MATA, 2013b, p. 202). Quanto a essas queixas, Sérgio da Mata as considera, “no fundo”, reveladoras de

uma incapacidade crescente da historiografia do século XX em reconhecer na religião, ou antes, nas ideias religiosas, uma potência capaz de produzir efeitos históricos em contextos que não apenas os pré-modernos. *A historiografia secularizou-se, não o mundo* (MATA, 2013b, p. 202).

Apesar de Sgarbi Lima subestimar o papel da religião e, principalmente, das “ideias religiosas” em sua leitura, deixando de “reconhecer nelas *potências históricas*”, para Sérgio da Mata é inegável o valor de sua tese por apresentar uma complexificação do quadro analítico, demonstrando, ao recuar no tempo, “tudo o que havia de inócuo nas limitações impostas pela Igreja à atividade econômica e, sobretudo, colocando em dúvida o peso que o calvinismo eventualmente possa ter tido na inversão desse estado de coisas” (MATA, 2013b, p. 202). Nas palavras de Sérgio da Mata:

Fernando Sgarbi Lima identifica no século XIII a ocorrência de transformações intelectuais, sociais e econômicas que lhe permitem falar numa

verdadeira “revolução”. Ele acredita que o *ethos* econômico da burguesia “se formara em outras esferas que não a da teologia”. Ademais, o irrefreável desenvolvimento do comércio faz com que a usura fosse praticada “a despeito de todas as restrições” (LIMA, 1957:21). Toda tentativa nesta direção, emanada tanto do poder civil quanto do eclesiástico, não passava de letra morta. Mesmo porque as finanças da própria Igreja dependiam, em escala crescente, dos grandes banqueiros e diretores das companhias de comércio (LIMA, 1957:47). O *espírito burguês* já se encontrava desenvolvido quando Calvino elaborou sua teologia. Mais: a atitude predominante desta classe ascendente em face da religião não era nem de submissão nem de recusa cética. A burguesia viveria, antes, “uma religião prosaica, teologicamente empírica” (LIMA, 1957:50) – proposição que coincide inteiramente com a do clássico artigo de Rachfahl (1909:1290), mas que todavia nosso autor não chegou a conhecer. Enfim, conclui-se que “o espírito capitalista dos tempos modernos é produto do próprio mundo em que se movimenta o empresário burguês” (LIMA, 1957:58) (MATA, 2013b, p. 202).

Não obstante, apesar das críticas direcionadas ao repertório teórico-crítico de Sgarbi Lima, Sérgio da Mata considera que sua contribuição, embora modesta, “é uma contribuição que não encontra equivalente no contexto da historiografia brasileira de meados do século passado”, o que já seria o suficiente para considerá-lo o “primeiro representante digno de nota” para um “antiweberianismo tropical” em “um momento decisivo na história da recepção de Weber no Brasil” (MATA, 2013b, p. 202).

### **2.2.3 Weber como método: um “amadurecimento” para as ciências sociais no Brasil**

Se, por um lado, como apontado por Mata (2013b), os debates dentro de uma historiografia “inspirada em Weber” acabaram por se orientar, no contexto ibero-americano, pelo problema da ausência de uma *Berufsethik* (ética profissional), pelo “espírito do capitalismo” e “para os contrastes colonização puritana *versus* colonização católica, visão de mundo racional *versus* visão de mundo ‘cordial’”, nas Ciências Sociais a interpretação de Weber privilegiou o

debate sobre as “relações contraditórias entre Estado e sociedade”, bem como “os impasses da modernização socioeconômica no país”, o que traduziria um “anseio de se empregar Weber para compreender as razões de nosso ‘atraso’” (MATA, 2013b, p. 203).

Dois marcos cruciais são apontados por Sérgio da Mata (2013b) para a absorção de Weber pela comunidade sociológica brasileira. Primeiramente, o ano de 1944, quando da publicação da tradução de *Economia e sociedade* no México, com destaque para as primeiras tentativas nacionais “de oferecer uma síntese do pensamento de Weber”, realizadas por Alberto Guerreiro Ramos (1946) e por Juarez Brandão Lopes (1956); e, seguidamente, o ano de 1946, ocasião em que é publicada a coletânea de artigos *From Max Weber*, organizada por Hans Gerth e Wright Mills (MATA, 2013b, p. 203).

Apesar desse fôlego adicional à partida de uma sociologia weberiana no Brasil, apenas em 1958, atenta Mata (2013b, p. 204), irá aparecer “uma primeira grande obra sociológica brasileira que mais claramente revela a influência de Weber”. Note-se que, curiosamente, assim como no campo da historiografia pelas mãos de Sérgio B. de Holanda e José H. Rodrigues, no campo das Ciências Sociais é também pelas mãos de um jurista de origem que Weber ganha projeção. Trata-se, não menos, da obra *Os donos do poder*, de Raymundo Faoro (1958). Nesse reconhecido trabalho sobre as origens e o desenvolvimento do “estamento burocrático” brasileiro, Faoro elabora a tese de que, em nossa história, “os detentores do poder político impuseram uma lógica patrimonialista ao Estado”, que acabaria por transformá-lo “num estamento autônomo e cuja onerosa manutenção sufoca o pleno desenvolvimento capitalista” (MATA, 2013b, p. 204); essa relação patrimonialista abrigava em si “o germe do suicídio econômico” (FAORO, 1958, p. 41 apud MATA, 2013b, p. 204) e tinha raízes na história de Portugal e do Brasil, “laboratório onde Faoro pretende confirmar as teses de Weber sobre a relação parasitária entre funcionários e aparato Estatal, bem como o efeito inibidor deste tipo de dominação sobre o processo econômico” (MATA, 2013b, p. 204). Uma segunda edição de *Os donos do poder* é lançada em 1975, com o triplo do número de páginas do original, causando novo impacto em um Brasil sob o manto do regime autoritário de ditadura, instituído em 1964 pelos militares, “vistos por uma parcela da intelectualidade brasileira como a nova face do estamento patrimonial brasileiro” (MATA, 2013b, p. 204).

Outra obra relevante para compreendermos os primeiros usos de uma metodologia weberiana no Brasil é o livro *Homens livres na ordem escravocrata*, de Maria Sylvia de Carvalho Franco. Conforme Sérgio da Mata, em Carvalho Franco e na contramão de Faoro, que via uma marca patrimonialista em nossa constituição enquanto Estado:

[...] a constituição de uma burocracia moderna no Brasil do século XIX foi dificultada não por um vício de nascença qualquer, **mas pela penúria financeira das instâncias político-**

**administrativas locais e** (o que não fora cogitado até então) **pela dupla moral dos funcionários públicos**, sempre dispostos a subordinar, quando achassem necessário, as obrigações do cargo aos seus interesses pessoais (FRANCO, 1969, p. 128 apud MATA, 2013b, p. 204, grifos nossos).

Escrito como tese de doutorado em 1964 e publicado em 1969, esse livro é apontado por Sérgio da Mata como o que seria “uma espécie de correlato” de *Os donos do poder*, apesar de tomar outra direção explicativa (MATA, 2013b, p. 204).

Ainda sobre a recepção de Weber no meio acadêmico, Sérgio da Mata cita, na Ciência Política, o círculo de Júlio Barbosa, da Universidade Federal de Minas Gerais, e alguns de seus alunos, Simon Schwartzman, José Murilo de Carvalho e Fábio Wanderley Reis, nomes importantes na Ciência Política brasileira contemporânea (MATA, 2013b, p. 206). Por fim, citando o campo dos Estudos de História Urbana, o autor faz referência a um estudo de 1964, *Evolução urbana do Brasil: 1500-1720*, de Nestor Goulart Reis, livro que encontrou em Weber sua “âncora teórica” (REIS, 2000, p. 207 apud MATA, 2013b, p. 206).

Conforme Sell (2014, p. 6), ao tomarmos o histórico de um dos mais antigos cursos brasileiros de pós-graduação em Ciências Sociais, na Universidade de São Paulo (USP), perceberemos que é nesse contexto institucional que, em 1959, “Florestan Fernandes, na busca dos *Fundamentos empíricos da explicação sociológica*”, colocava Weber ao lado de Durkheim e Marx “como uma das soluções possíveis para o problema da indução na sociologia” (FERNANDES, 1959 apud SELL, 2014, p. 6). Florestan Fernandes não ficou de fora das análises de Sérgio da Mata: o “mais influente sociólogo brasileiro das décadas de 1950 e 1960” traria, também, Weber como “uma referência teórica central”, como lembra o historiador (MATA, 2013b). *Fundamentos empíricos da explicação sociológica*, de 1959, traz um capítulo inteiro dedicado a Weber e, “mesmo marcado pelo pensamento de Marx”, Florestan Fernandes teria, sim, recusado “o postulado weberiano da neutralidade axiológica”, mas reconhecido “ser essencial para o sociólogo o emprego de tipos ideais”, formação metodológica que ‘contaminou’ seu círculo de formação na Universidade de São Paulo, composto por aqueles que estão “entre os principais responsáveis pela consolidação da condição de clássico que Weber passou a desfrutar no Brasil” – destacam-se nesse grupo os nomes de Fernando Henrique Cardoso, Octávio Ianni, Maria

Sylvia de Carvalho Franco, Juarez Brandão Lopes, Roberto Cardoso de Oliveira e Gabriel Cohn (MATA, 2013b, p. 204).

Desses autores, Sérgio da Mata destaca Fernando Henrique Cardoso como “o sucessor de Fernandes na Universidade de São Paulo” – que, “diferentemente de seu mestre, combinava Marx e Weber com maior desenvoltura” – e como adicto de “um dos temas clássicos do weberianismo tropical”: as “‘anomalias’ na formação da burguesia empresarial e do Estado no Brasil” (MATA, 2013b, p. 205).

No final dos anos de 1970, as categorias weberianas são colocadas sob estudo específico, com um trabalho que, segundo Sell (2014), inaugura “um novo patamar de discussão” (SELL, 2014, p. 6). Trata-se da tese de livre-docência de Gabriel Cohn, *Crítica e resignação*, de 1979, trabalho que se destaca por colocar ampla evidência sobre as influências intelectuais diretas de Weber, como Dilthey, Simmel, Rickert, Nietzsche etc., com grande ênfase analítica nos conceitos metodológicos centrais (compreensão, sentido e tipo ideal) do arcabouço weberiano.

Sell (2014) destaca que, no estado de São Paulo, a reflexão sobre Max Weber também marcou decisivamente os programas de pós-graduação da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), na qual “questões metodológicas e epistemológicas tiveram desenvolvimento privilegiado”, destacando-se a tese de livre-docência de Héctor Sant-Pierre, de 1994, que “sob o mote da ‘paixão e da razão’ em Weber percorreu de uma ponta a outra os temas filosóficos, os tipos de ação, os tipos de dominação e ainda os tipos éticos do autor”. Ressalta, ainda, que “foi nesta Universidade, a partir da direção de Maurício Tragtenberg, que se realizou a primeira tradução integral dos escritos epistemológicos de Weber” – organizada por Marianne Weber como *Wissenschaftslehre* –, “publicados em dois volumes, respectivamente, em 1992 e 1995” (SELL, 2014, p. 8-9).

Contudo, o “tema decisivo e distintivo da produção teórica da UNICAMP sobre Weber reside especialmente no tema da política” (SELL, 2014, p. 9), destacando-se as leituras de Maurício Tragtenberg, Marco Aurélio Nogueira e Edmundo Fernandes.

Ao longo das décadas de 1980 e 1990, conforme Sell (2014, p. 9), “sempre acompanhando o próprio processo de expansão e institucionalização de cursos de graduação e pós-graduação das universidades brasileiras”, outras universidades começam a figurar com comentários à obra weberiana. É o caso da Universidade de Brasília (UnB), na qual se destacam os nomes de Vamireh Chacon e Bárbara



Freitag, que “prepararam o solo para que, em Brasília, em meados dos anos 90, já se fizesse sentir uma nova onda de estudos weberológicos de inspiração europeia, em particular da Alemanha”. Essa onda foi impulsionada pela importante influência dos estudos de Wolfgang Schluchter, de Heidelberg (um dos editores da MWG), “que orientou diretamente dois pesquisadores oriundos da UNB: Eurico Cursino dos Santos (estágio doutorado entre 1991 e 1993) e Jessé Souza (estudos de doutorado, concluído em 1991)” (SELL, 2014, p. 9-10).

Ainda de acordo com Sell (2014), a tendência de uma vertente europeia acaba por deslocar o interesse na obra de Weber para o campo de sua sociologia *histórico-comparada* das religiões universais.

Também já no final dos anos 90, na tradução do livro *Os Fundamentos Racionais e Sociológicos da Música*, outro pesquisador formado na Alemanha – Leopold Waizbort – na introdução que escreve ao livro, chamou a atenção dos leitores para o tema da racionalidade e da racionalização, pano de fundo da análise weberiana sobre a música. O mesmo texto se fez acompanhar de um *Prefácio* de Gabriel Cohn, cuja meta era explicitar o núcleo duro da ideia de racionalização na sociologia de Weber. Na USP, portanto, uma nova tendência de leitura de Weber já se encontrava em curso e seus resultados mais substantivos foram apresentados por Antônio Flávio Pierucci que, em sua tese de livre-docência (defendida em 2002), tratou ampla e sistematicamente da categoria weberiana do desencantamento do mundo. Os estudos de Pierucci, relacionando as temáticas da secularização e do desencantamento, consolidaram a centralidade da sociologia da religião de Weber como núcleo de sua teoria da modernidade e desencadearam importantes discussões teóricas e empíricas (quanto ao tema da religião na sociedade brasileira) [...]. Na capital paulista, enfim, já estamos em tempos de uma segunda onda de estudos weberianos (2014, p. 09-10).

Relativamente aos anos 90, Sell (2014) destaca a emergência de uma leitura crítica de Weber “feita à luz da Escola de Frankfurt (e,

então, do seu expoente máximo, Jürgen Habermas)”, que despertou o interesse de estudiosos do Direito em Santa Catarina, “ensejando importantes aproximações entre a temática do racionalismo jurídico weberiano e as tendências do webero-marxismo” (SELL, 2014, p. 11), dos quais citam-se os trabalhos organizados por Edmundo Lima de Arruda Jr., *Max Weber: direito e modernidade*, de 1996; Aluizio Bezerra de Amorim, com *Elementos de sociologia do direito em Max Weber*, de 2001; e Katie Argüello, com *Direito e política em Max Weber*, 1997. Conforme o autor, essa tendência pode ser sentida, também, em Belo Horizonte, “lugar em que Leonardo Avritzer, também em diálogo direto com Habermas, realiza importantes críticas do elitismo democrático nas análises políticas de Weber”, no trabalho *A moralidade da democracia*, de 1996, (SELL, 2014). Há destaque, também, para as “significativas – e críticas – contribuições ao estudo teórico da obra de Weber” surgidas na UFMG, com destaque para o trabalho de Renarde Freire Nobre, uma reflexão sobre a relação entre Weber e Nietzsche: *Perspectivas da razão: Nietzsche, Weber e o conhecimento*, de 2004.



### **CAPÍTULO III – DAS INSTITUIÇÕES: A RECEPÇÃO DAS OBRAS WEBERIANAS NO MERCADO EDITORIAL BRASILEIRO**

Neste capítulo, iremos tratar de alguns aspectos das fontes bibliográficas originais (campo de origem) que condicionaram a interpretação do pensamento weberiano no mercado editorial brasileiro (campo de chegada). Para tanto, nosso ponto de partida foi compreender *como* as obras de Weber foram, primeiramente, organizadas na Alemanha (contexto de origem). Como resultado, apresentamos (Seção 3.1.1) a fase de publicação de escritos de Weber anterior e imediatamente posterior ao seu falecimento, e como os esforços de Frau Marianne Weber – assessorada por Sigmund Hellmann e Melchior Palyi – em verter os escritos completos e inacabados de Weber em um conjunto mais ou menos coeso, garantindo a sobrevivência histórica do legado weberiano. Neste capítulo, também apresentamos (Seção 3.1.2) uma descrição detalhada da *Max Weber- Gesamtausgabe (MWG)*, a atual coletânea das obras completas de Weber. Por último (Seção 3.2), tratamos mais diretamente da recepção das obras de Weber no Brasil e apresentamos uma síntese das suas partes que foram traduzidas, com uma breve descrição das fontes internacionais utilizadas. Finalmente, na Seção 3.3, ofereceremos um panorama descritivo, ou um perfil, dos atores envolvidos no processo de edição, tradução e apresentação das obras de Weber traduzidas no Brasil.

#### **3.1 A ORGANIZAÇÃO DAS OBRAS DE WEBER NA ALEMANHA: O CAMPO DE ORIGEM**

A organização e publicação das obras acabadas e dos trabalhos de variadas naturezas da produção realizada por Max Weber é caracterizada por dois grandes blocos temporais. O primeiro grande bloco de publicações<sup>20</sup> é correspondente ao ciclo iniciado com a sua monografia para obtenção da habilitação em direito comercial, *Zur*

---

<sup>20</sup> V. Apêndice A.

*Geschichte der Handelsgesellschaften im Mittelalter*<sup>21</sup> (Stuttgart, 1889). Esse ciclo é finalizado com a publicação dos dois últimos títulos da Coleção de Ensaio<sup>22</sup>, em 1924, *Gesammelte Aufsätze zur Sozial- und Wirtschaftsgeschichte*<sup>23</sup> e *Gesammelte Aufsätze zur Soziologie und Sozialpolitik*<sup>24</sup>. O destaque para esse período é a publicação da primeira edição de *Wirtschaft und Gesellschaft* (**WuG**) – conhecida entre nós por *Economia e Sociedade* (**EeS**) –, a partir dos esforços de Marianne Weber e Melchior Palyi.

O segundo grande bloco de publicações<sup>25</sup> corresponde ao ciclo iniciado em 1984, com as primeiras publicações das *Obras Completas de Max Weber*, a *Max Weber- Gesamtausgabe* (**MWG**). Foi o momento em que, conforme Edith Hanke<sup>26</sup>, com “o aparecimento dos primeiros volumes, em 1984, a MWG fomentou o interesse público por Max Weber, sendo este um fator importante para o renascimento do autor na Alemanha Ocidental” (HANKE, 2012, p. 104). O projeto editorial da MWG está previsto para cobrir 47 volumes, organizados em três seções, a conhecer: *Abteilung I: Schriften und Reden* (*Escritos e Discursos*); *Abteilung II: Briefe* (*Cartas*); *Abteilung III: Vorlesungen und Vorlesungsnachschriften* (*Aulas e notas de aulas*). Dessa previsão, 43 volumes já foram publicados.

Nas duas seções a seguir (3.1.1 e 3.1.2), trataremos de maneira mais detalhada sobre esses dois blocos de publicações, dando atenção sobretudo aos dois grandes compêndios, ou coletâneas especializadas: a **WuG** e a **MWG**. Adiante (Seção 3.2), indicaremos as obras que já

<sup>21</sup> “Sobre a história das sociedades comerciais, na Idade Média” (**GASW**, p. 312-443), tradução nossa, assim como as demais notas de tradução para títulos de obras em alemão não publicadas em português.

<sup>22</sup> Publicados entre 1921 e 1924.

<sup>23</sup> *Gesammelte Aufsätze zur Sozial- und Wirtschaftsgeschichte*, Tübingen 1924, 2. Auflage. 1988, ISBN 3-8252-1493-1 **GASW** (Ensaio Reunidos de história social e econômica).

<sup>24</sup> *Gesammelte Aufsätze zur Soziologie und Sozialpolitik*, Tübingen 1924, 2. Auflage. 1988, ISBN 3-8252-1494-X **GASW** (Ensaio Reunidos de sociologia e política social).

<sup>25</sup> V. Apêndice B.

<sup>26</sup> Edith Hanke é uma das colaboradoras do círculo de editores da **MWG** (cf. HANKE, 2012).

foram publicadas no Brasil e apresentaremos as fontes textuais utilizadas como base para as traduções.

### 3.1.1 A organização de Marianne Weber, *Wirtschaft und Gesellschaft* (WuG)<sup>27</sup>, *Grundriss der Sozialökonomik* (GdS)<sup>28</sup> e os “*Gesammelte*”<sup>29</sup>

Max Weber legou às ciências humanas uma extensa obra, frequentemente visitada por cientistas sociais, economistas, juristas e historiadores. A envergadura do empreendimento de Weber na construção teórico-metodológica que, postumamente, resultaria na obra *Wirtschaft und Gesellschaft* (WuG) só pode ser comparada à história da sistematização editorial desse material.

No Brasil, o tomo que conhecemos em nosso mercado livreiro como “Economia e sociedade” (EeS) (WEBER, 2012 [1921]) é, ainda, a principal tábua de referência dos escritos weberianos mais amplos. Essa peça editorial se torna relevante para nós em duas vias. Primeiramente, WuG é – junto às coletâneas de “Ensaio reunidos”, de 1921 a 1924 (*Gesammelte*) – a obra-gênese dos textos de Weber lidos por nós em língua portuguesa, já que ainda tivemos poucas traduções diretas da nova organização, iniciada nos anos 70, das Obra Completas de Weber, a *Max Weber- Gesamtausgabe* (MWG), sobre a qual falaremos de modo mais detalhado a seguir. O segundo fator de relevância de EeS entre nós se deve à tradução da obra como um todo, que chega até nós baseada na 5ª edição alemã (WINCKELMANN, 2012 [1976]). Tal edição foi organizada por Johannes Winckelmann – que esteve à frente da edição de EeS desde 1955 – na tentativa de amarrar em uma monta coerente (COHN, 2012) o material publicado primeiramente por Marianne Weber, detentora do espólio intelectual do marido e executora da primeira edição original alemã (WEBER, 2012 [1921]), a alguns textos avulsos ou não acabados encontrados nos manuscritos de Weber.

---

<sup>27</sup> *Economia e Sociedade* (WEBER, Marianne, 2012 [1921]).

<sup>28</sup> *Fundamentos de economia social* (WINCKELMANN, J., 2012 [1976], p. xviii).

<sup>29</sup> Os *Ensaio reunidos*, como *Gesammelte Aufsätze zur Religionssoziologie* [1920-1921], os chamados *Ensaio Reunidos de Sociologia da Religião*.

Nesta seção, procuramos apresentar um histórico resumido dos principais fatos editoriais envolvendo a publicação de **WuG** desde sua primeira edição, em 1921. Há pelo menos duas maneiras de organizarmos esse histórico: poderíamos partir de problemas específicos e ordenar as soluções encontradas pelos organizadores da obra, ou poderíamos simplesmente partir da narrativa desses editores. Esta última opção nos parece viável. Para tanto, recorreremos sobretudo aos “Prefácios” de **EeS** (WEBER, 2012 [1921]), compostos por Frau Marianne Weber (2012 [1921, 1925]), por Johannes Winckelmann (2012 [1955, 1976]) e Gabriel Cohn (2012 [1991]). Embora não seja objetivo desta apresentação esgotar as polêmicas envolvendo as decisões editoriais em torno de **EeS**, procuramos, aqui, levantar alguns subsídios para compreendermos a chegada dessa obra até nós.

Mario Rainer Lepsius<sup>30</sup> (2012) sentencia que **EeS**, como organizada por Marianne Weber e por Johannes Winckelmann, “é um torso” (LEPSIUS, 2012, p. 137). Embora a imagem seja forte, convém adentrar aos meandros e sentidos de tal afirmação. Como Marianne Weber comenta no “Prefácio” à primeira edição alemã (WEBER, Marianne, 2012 [1921]), ela teve de partir de algum lugar para levar a fim a tarefa de publicar o espólio intelectual de seu falecido marido. Escolhas foram necessárias para dar corpo a uma enorme quantidade de materiais fragmentados que ela tinha em mãos:

[...] para a estruturação de todo o material não existiu plano algum. O plano original, esboçado nas páginas X e XI do primeiro volume de *Grundriss der Soziökonomik (GdS)* [Fundamentos de Economia Social] ofereceu alguns pontos de referência, mas em aspectos substanciais já fora abandonado (WEBER, Mariane, 2012 [1921], p. xxxix).

Como lembrado por Lepsius (2012), o material entregue por Weber para impressão, em 1920, corresponde apenas aos capítulos I, II

---

<sup>30</sup> Mario Rainer Lepsius (1928-2014) foi um dos especialistas reponsáveis técnicos pela edição da coleção *Max Weber- Gesantagsgaben (MWG)*, que atualiza e reordena os escritos de Max Weber. Os outros especialistas são Horst Baier, Gangolf Hübinger, Wolfgang J. Mommsen (1930-2004), Wolfgang Schluchter e Johannes Winckelmann (1900-1985) (HANKE, 2012).

e III e ao início do IV. Destarte, com base na entrega de Weber, ele concebe que “somente estes são ‘autorizados’. Marianne Weber e Johannes Winckelmann consideraram que esses capítulos e os textos encontrados no espólio formavam uma obra coesa e os apresentaram como uma unidade. Mas não é esse o caso” (LEPSIUS, 2012, p. 137).

Desde sua primeira edição, a maneira como **EeS** foi *complementada* também suscita controvérsias. No “Prefácio à primeira edição”, Marianne Weber indica que os demais complementos conceituais da obra (à primeira parte da Seção III do **GdS**) são também produtos dos escritos póstumos de Weber. Curiosamente, esses escritos se encontravam organizados antes da “primeira entrega”. Trata-se dos textos da “Teoria sistemática dos conceitos sociológicos”, sistematizados no período entre 1911 e 1913; contudo, esse material havia ficado “reservado”, pois, segundo Marianne Weber, o autor continuava a complementar esses conceitos conforme consumava o domínio sobre a “matéria empírica” e, provavelmente, sua intenção era a de amadurecer os conceitos e torná-los uma *tábua de referência* conceitual (WEBER, Marianne, 2012 [1921], p. xxxix). De fato, como veremos adiante, a tendência dos editores posteriores a Frau Weber foi de privilegiar o texto “Conceitos sociológicos fundamentais”, de 1918, em que Weber traz de maneira mais acabada os fundamentos conceituais de sua obra.

A segunda edição, ainda sob os cuidados de Frau Marianne, sofreu alterações de forma e conteúdo. O grosso fardo foi dividido em dois volumes “para mais fácil manuseio” e, para além das alterações e correções, incluiu-se o “Tratado músico-sociológico” (apenas como apêndice, sem incremento ao índice da obra), como um “primeiro elemento de uma sociologia da arte planejada pelo autor” (WEBER, Marianne, 2012 [1925], p. xli).

É em sua 4ª edição que **EeS** aparece, finalmente, e conforme seu editor Johannes Winckelmann “de forma modificada e desprendida do contexto da obra coletiva *Grundriss der Soziökonomik* (**GdS**), da qual constituiu até agora a seção III” (WINCKELMANN, 2012 [1955], p. xxxi).

Aqui, convém um pequeno aparte para esclarecer a natureza do **GdS**. No prefácio à 5ª edição alemã de **WuG**, Johannes Winckelmann nos explica que Weber, como redator da coletânea de textos **GdS** (publicada pela primeira vez em 1915, pela J. C. B. Mohr), havia deixado um “programa global” de edição, um sumário sistemático para a obra completa. Cada contribuição à obra completa do **GdS** estava



vinculada a um autor previsto (WINCKELMANN, 2012 [1976], p. xviii):

O *Grundriss der Soziolökonomik* completo foi dividido em cinco livros e subdividido em nove seções. Dentro do primeiro livro, “Fundamentos da Economia”, as primeiras seções traziam títulos como “Economia e ciência econômica” (I), “Economia e natureza” (II 1), “Economia e técnica” (II 2), e assim, conseqüentemente, o título da seção III era: “Economia e sociedade” (WINCKELMANN, 2012 [1976], p. xix). (Figura 1).

Como observado, a Seção III da obra **GdS** trazia o título geral de “Economia e Sociedade”. Mas, como explica Winckelmann (2012 [1955; 1976]), essa seção estava dividida em duas subseções principais. A princípio, a primeira seção seria assinada pelo próprio Weber, sob o título previsto “A Economia e as ordens e poderes sociais”, e a segunda seção estava destinada a ser assinada por Eugen Von Philippovich, sob o título “Desenvolvimento dos sistemas e ideais político-econômicos e político-sociais” (Figura 2).

Conforme Winckelmann (2012 [1976]), a segunda parte, destinada a Philippovich, baseava-se em uma série de conferências publicadas por ele na mesma editora, em 1910. Porém, com a sua morte, em 1917, o material careceu de um redator que o atualizasse e o preparasse para publicação, de modo que isso só veio ocorrer na segunda edição de **GdS**, em 1924, e na Seção I, ao invés da prevista Seção III. De qualquer modo, com o falecimento de Weber, em 1922, abandonou-se o plano original de dividir a Seção III em duas partes para dois autores. Além disso, Weber havia preparado e dividido seu próprio material em duas entregas, das quais apenas a primeira se efetivou (os capítulos I, II e III e o início do IV), o que levou os editores a manter a folha de rosto indicativa de “parte I” (representada graficamente por “I”), como pode ser visto a seguir, na Figura 1 (WINCKELMANN, 2012, [1976], p. xix).

O fato de a seção assinada por Weber ter atingido “fama mundial” sob o título *Economia e Sociedade* é explicado por Winckelmann:

[...] com a publicação da página de rosto original, modificada da primeira edição, abandonara-se a ideia de incorporar a segunda contribuição [de

Philippovich] à seção III, e o título rezava então: “Seção III. Economia e Sociedade. Redigida por Max Weber” (WINCKELMANN, 2012 [1955], p. xxxii).

**Figura 1** – Página de rosto original da “Seção III” de Grundriss der Sozialökonomik (1922).

GRUNDRISS  
der  
SOZIALÖKONOMIK  
III. Abteilung  
Wirtschaft und Gesellschaft.  
I  
Die Wirtschaft und die gesellschaftlichen  
Ordnungen und Mächte.  
Bearbeitet  
von  
MAX WEBER  
Erster Teil.

Fonte: com base em Winckelmann (2012 [1976], p. xviii).

**Figura 2** – Divisão de subseções da “Seção III” de GdS.

Seção III  
Economia e sociedade

I. A Economia e as ordens e poderes sociais. *Max Weber*.

II. Desenvolvimento dos sistemas e ideais político-econômicos e político-sociais. *E. von Philippovich*.

Fonte: com base em Winckelmann (2012 [1976], p. xix).

Dada esta pequena, porém necessária, digressão para tratar da natureza de **GdS**, podemos voltar a nos ocupar da construção de **EeS**. É no Prefácio à 4ª edição que Winckelmann (2012 [1955]) anuncia duas condições inusuais para a primeira revisão completa da publicação. A primeira delas é que, ali, ele dá conta do desaparecimento do manuscrito original de **EeS**, o que tornava impossível verificar anotações minuciosas de Weber. A segunda condição trata de uma série de intervenções (e complementações) feitas no material original, conforme os critérios eleitos pelo próprio Winckelmann<sup>31</sup> (2012 [1955], p. xxxiii).

Convém lembrar que, como já citado, Weber entregara apenas os capítulos I, II e III e o início do IV, conforme o que nos foi demonstrado por Lepsius (2012, p. 137). Uma vez que os originais de **EeS** estavam perdidos e não havia indicações acabadas de Weber para a segunda parte de sua colaboração em **GdS**, Winckelmann recorre a outras fontes, sobretudo aos escritos sobre metodologia das ciências culturais e sociais, organizados sob o título *Aufsätze zur Wissenschaftslehre*, ou *Exposições sobre a teoria das ciências*, publicados em 1922 (Winckelmann, 2012 [1976], p. xx).

Ainda que aqui não seja espaço para desdobrar em minúcias as consequências dessas escolhas de Winckelmann<sup>32</sup>, podemos citar três importantes intervenções: a retomada e revisão técnica do texto apendiculado “Tratado músico-sociológico”; a inversão da lógica de apresentação dos textos de Weber, privilegiando uma organização temática a uma ordem de temporalidade; e a adição de uma última seção, no último capítulo, “para concluir a segunda parte [do **GdS**]” – como Weber não deixara pronta uma “Sociologia do Estado”, Winckelmann, “essencialmente com intenções didáticas”, constrói toda uma seção em torno do tema a partir de excertos de outros escritos avulsos de Weber (a saber, *Parlament und Regierung im neugeordneten Deutschland* (Parlamento e governo na Alemanha reordenada, 1917), *Politik als Beruf* (Política como Profissão, 1919) e *Wirtschaftsgeschichte* (História da Economia, 1923) (WINCKELMANN, 2012 [1955], p. xxxiv). Por fim, se Winckelmann já havia se ressentido, no prefácio à 4ª edição, da ausência dos

---

<sup>31</sup> Para maiores detalhes, v. o Prefácio de Winckelmann à 4ª edição alemã de *Economia e Sociedade* (WINCKELMANN, 2012 [1955], p. xxxi).

<sup>32</sup> V. Lepsius (2012).

manuscritos originais de **EeS**, para seu júbilo, no íterim da 4ª e da 5ª edições (1955-1976), foram encontrados os capítulos I a VII da segunda parte de **EeS**, o que proporcionou revisões mais completas, inclusive de cunhos conceitual e metodológico.

Dada a natureza fragmentária e contingente da organização desses escritos, Gabriel Cohn, no prefácio à edição brasileira, afirma que **EeS** “é em grande medida uma obra póstuma”, sofrida da “carência de uma unidade terminológica, resultado da circunstância de que nela se associam escritos de períodos diferentes da produção weberiana, numa sequência definida pela ordem dos temas e não pela ordem cronológica da redação” (COHN, 2012 [1991], p. xiii-xiv).

Um problema citado por Cohn é o fato de a *tábua de conceitos* trabalhados por Weber ser elaborada em dois momentos diferentes: 1913, em *Sobre algumas categorias da Sociologia Compreensiva*, e 1918, em *Conceitos sociológicos fundamentais*, texto que figura como capítulo de abertura de **EeS**. Deste caso, Cohn pinça como exemplo de discrepância terminológica e conceitual o seguinte registro: “a circunstância de que aquilo que em 1918 se denomina ‘ação social’ era ‘ação comunitária’ em 1913” (COHN, 2012 [1991], p. xiii-xiv).

A esse respeito, Lepsius também é crítico: “O que temos diante de nós são versões inacabadas, originadas em diferentes fases de trabalho” (LEPSIUS, 2012, p. 137). E, ainda, a seção “‘Conceitos sociológicos fundamentais’ não faz mais parte do contexto do *Grundriss der Sozialökonomik*”; é, contudo, um texto típico de sociologia que “constitui fundamentação da sociologia compreensiva de Weber, que tem seu ponto de partida nas orientações da ação e progride sistematicamente, passando pelas relações e ordenações sociais, até as associações” (LEPSIUS, 2012, p. 139). Se comparado à versão conceitual de 1913, *Sobre algumas categorias da Sociologia Compreensiva*, em consonância com Gabriel Cohn, afirma Lepsius: “Esta última, utilizada em parte nos manuscritos do espólio, precisa ser vista como superada. Os conceitos de ‘agir comunitário’ e ‘agir concordante’ foram substituídos pelo de ‘agir social’” (LEPSIUS, 2012, p. 140).

Para Lepsius (2012), a situação ganhou complexidade com as mudanças feitas por Johannes Winkelmann, em 1956 (para 4ª edição), pois ele parte dos textos deixados por Weber, mas acrescenta uma “Sociologia do Estado”:

Embora Weber a tenha planejado, não foi encontrado no espólio um manuscrito

correspondente. Winckelmann compilou a seção 8 do capítulo “Sociologia da dominação” a partir de outras publicações de Weber, em suas palavras, a “complementando dentro do possível” a partir de “propósitos conscientemente didáticos” (Winckelmann, 1972, p. xix). [...] Em primeiro lugar, as compilações de Winckelmann foram retiradas do texto e editadas no âmbito dos escritos originais de Weber, a saber: os textos “Política como profissão” e “Parlamento e governo na Alemanha reordenada”, assim como a “História econômica” (LEPSIUS, 2012, p. 139).

Por último, Lepsius considera que “*Economia e sociedade* em sua versão tradicional não existe e, menos ainda, na versão de estudo difundida pela quinta edição de 1972” (LEPSIUS, 2012, p. 138). Como veremos na próxima seção, na qual apresentaremos a organização da MWG (*Max Weber- Gesamtausgabe*), os textos que compõem **EeS** foram, atualmente, desmembrados pelos organizadores da nova coleção em três acervos de textos: “1) os textos que o próprio Weber, entre 1919-1920, entregou para impressão e corrigiu; 2) os textos que não se encontravam ordenados no espólio; e 3) a ‘Sociologia do Estado’ compilada por Winckelmann”, sendo estes últimos alocados, na MWG, na coletânea de “Originais” de Weber (LEPSIUS, 2012, p. 140).

### 3.1.1.1 Os “Ensaio Reunidos”

Leopoldo Waizbort (2012) credita como “decisivo” para a “consagração intelectual” de Weber o processo de edição póstuma de suas obras empreendido por Marianne Weber (WAIZBORT, 2012, p. 09). Como nos informa o autor, embora Weber tivesse publicado alguns trabalhos ao término do século XIX, em seus últimos 20 anos não publicou livros e, com sua morte, em 1920, havia permanecido uma torrente de materiais por organizar e publicar. A tarefa hercúlea teve sua primeira realização prática nas dedicadas mãos de Marianne Weber. A esse respeito, Waizbort (2012) nos dá indicações preciosas:

Durante os seus últimos vinte anos de vida, Max Weber escreveu bastante e publicou consideravelmente, mas não livros: somente textos avulsos, veiculados em publicações e de tipo variado (revistas, jornais, enciclopédias,

manuais, plaquetes). A almejada edição dos “Escritos reunidos de sociologia da religião” estava em marcha, mas o autor não chegou a ver nem o primeiro volume pronto. Sua viúva levou ao cabo o projeto da reunião dos escritos sobre religião [...], mas fez muito mais: ordenou a publicação de uma série de volumes que reuniu quase todos os textos dispersos de seu marido, tais como os escritos “metodológicos” [...], os políticos [...], os de sociologia e política social [...], os de história social e econômica [...], a sociologia da música [...], as aulas sobre história social e econômica [...] e, *last but not least*, *Economia e sociedade* [...]. Tudo isso – publicado em uma sequência avassaladora entre 1920, após a morte de Weber, e 1924 – configurou um *corpus* organizado e acessível, até então inexistente (e para muitos surpreendente), de enorme visibilidade. Graças a ele, Weber tornou-se a grande referência da sociologia alemã nos anos de 1920 [...]. (WAIZBORT, 2012, p. 9-17).

Tendo em suas mãos quase 5.000 páginas, “em tipografia compacta”, de materiais deixados por Weber nas mais variadas condições editoriais, Marianne Weber decidiu por organizar o legado weberiano, assessorada por por Sigmund Hellmann e Melchior Palyi, em torno de chaves temáticas. Como assinalado por Waizbort (2012), pode-se constatar que Max Weber foi lido mais “através das edições de Marianne, e não das publicações originais, dispersas em jornais e revistas científicas, muitas delas de acesso difícil já naqueles anos” (WAIZBORT, 2012, p. 9-10). No quadro a seguir (Quadro 3), apresentamos de maneira esquemática os dez volumes organizados e publicados por Frau Weber a partir de 1921<sup>33</sup>:

---

<sup>33</sup> Para uma compreensão temporal mais ampla e referências bibliográficas completas deste período, ver Apêndice A.

**Quadro 3** – Publicações organizadas por Marianne Weber entre 1921 e 1924.

<ul style="list-style-type: none"> <li>• 1920-1: <i>Gesammelte Aufsätze zur Religionssoziologie</i> (Ensaio reunidos de Sociologia da Religião). <b>GARS</b>. (Em 3 volumes, um de 1920 e dois de 1921).</li> </ul>
Escritos publicados após a morte de Weber (1920)
<ul style="list-style-type: none"> <li>• 1921-1924: Continuação das coletâneas de “Ensaio Reunidos”:</li> </ul> <p>1921: <i>Gesammelte Politische Schriften</i> (Escritos políticos). <b>GPS</b>.</p> <p>1922: <i>Gesammelte Aufsätze zur Wissenschaftslehre</i> (Ensaio Reunidos da doutrina da ciência). <b>GAW</b>.</p> <p>1924: <i>Gesammelte Aufsätze zur Sozil- und Wirtschaftsgeschichte</i> (Ensaio Reunidos de história social e econômica). <b>GASW</b>.</p> <p>1924: <i>Gesammelte Aufsätze zur Soziologie und Sozialpolitik</i> (Ensaio Reunidos de sociologia e política social). <b>GASS</b>.</p>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• 1921: <i>Die rationalen und soziologischen Grundlagen der Musik</i> (Fundamentos sociológicos e racionais da música) (Incluídos como apêndice à <b>WuG</b>)</li> <li>• 1921-2: <i>Wirtschaft und Gesellschaft</i> (Economia e Sociedade). <b>WuG</b></li> <li>• 1922: <i>Die drei reinen Typen der legitimen Herrschaft</i> (Os três tipos puros de dominação legítima).</li> <li>• 1923: <i>Wirtschaftsgeschichte</i> (História econômica).</li> </ul>

Fonte: Elaborado pelo autor, com base em Mohr Siebeck<sup>34</sup>; Zeno.org<sup>35</sup>; e Wikipedia.org<sup>36</sup>.

Na Seção 3.2, veremos que essa afirmação de Waizbort (2012) é válida para as publicações dos escritos de Weber no Brasil. Ao traçar a genealogia das publicações em nosso meio editorial, apresentaremos,

<sup>34</sup> Mohr Siebeck (editora), seção “Name das Autoren” / “Max Weber”, em alemão. Disponível em: <<https://www.mohr.de/>>. Acesso em: nov. 2015.

<sup>35</sup> Zeno.org. **Busca** “Max Weber”, em alemão. Disponível em: <<http://www.zeno.org/Soziologie/M/Weber,+Max>>. Acesso em: nov. 2015.

<sup>36</sup> Wikipedia.org. **Verbetes** “Max Weber”, em alemão. Disponível em: <[https://de.wikipedia.org/wiki/Max\\_Weber](https://de.wikipedia.org/wiki/Max_Weber)>. Acesso em: nov. 2015.

também, uma descrição mais detalhada dos textos que compõem esse conjunto de Ensaio Reunidos.

### 3.1.2 MWG: histórico e concepção

*Max Weber- Gesamtausgabe (MWG)*, a coletânea das obras completas de Weber, é um empreendimento editorial de grande porte e empenho. Trata-se de uma compilação revista e contextualizada, dentro de princípios histórico-críticos (HANKE, 2012), de uma enorme massa de obras completas e incompletas, manuscritos, cartas, anotações, palestras e cursos produzidos por Weber ao longo de sua vida. Muitos desses trabalhos são de conhecimento do grande público internacional interessado na produção intelectual de Weber – como a já citada *Economia e Sociedade* –, mas estamos tratando aqui, também, de materiais desconhecidos – inclusive do próprio público alemão – e até mesmo mostras de manuscritos e correspondências inéditas, como as cartas da juventude de Weber.

Como nos informa Edith Hanke (2012), o projeto da **MWG** está fundado sobre um tripé protocolar envolvendo três instituições, com papéis organizacionais distintos. Primeiramente, a **MWG** está vinculada à Academia de Ciências da Baviera (ACB), “por intermédio da Comissão de História Social e Econômica”; além da ACB, há uma comissão científica especializada permanente, encarregada das análises filológicas, revisão técnica e edição, cuja liderança, “desde a reunião inaugural, em dezembro de 1975”, esteve a cargo do Professor M. Rainer Lepsius, da ACB, como “editor-gestor da **MWG**” (HANKE, 2012, p. 100); e, como terceiro ator associativo, conta-se a Editora J. C. B. Mohr, da cidade de Tübingen, “tendo o direito exclusivo de impressão e distribuição da **MWG**, que ela financia com seus próprios recursos” (HANKE, 2012, p. 100).

A Academia [ACB] administra a maior parte dos recursos financeiros e é, ao mesmo tempo, a empregadora da maioria dos colaboradores científicos da MWG (no momento, nove) [em 2012]. A plena responsabilidade científica e organizadora cabe aos editores nominalmente



mencionados<sup>37</sup>. Estes são cientistas de diferentes áreas que tomaram a tarefa para si e comprometeram-se, por meio de um contrato, com a Academia e a editora. Os editores encontram-se regularmente nas chamadas reuniões editoriais, que servem para consultas e tomadas de decisões por consenso. Essas reuniões são registradas em atas e têm caráter deliberativo [...] há diferentes características estruturais: a Academia, enquanto instituição estatal, que se encarrega das tarefas administrativas; em seguida, a agremiação de cientistas voluntários, dotados de competência especializada e, finalmente, a editora, que assume os riscos e a responsabilidade econômica. Cada um dos três tem competências e tarefas distintas, mas estão ligados por meio de um contrato e são mutuamente comprometidos. Na realidade, trata-se de um modelo civil de cooperação assumida voluntariamente, que se tem conservado há mais de 35 anos (HANKE, 2012, p. 102).

A obra completa foi planejada para conter 47 volumes, organizados em três seções, a conhecer: **MWG I: *Schriften und Reden*** (Escritos e Discursos); **MWG II: *Briefe*** (Cartas); **MWG III: *Vorlesungen und Vorlesungsnachschriften*** (Palestras e notas de aulas).

Segundo Edith Hanke (2012), o projeto editorial iniciado na década de 70, contando com sua primeira publicação em 1984, estava previsto para ser encerrado em 2015. Hoje, com um pouco de dilatação nos prazos, a MWG encontra-se com 43 volumes publicados na Alemanha, num total de 54 tomos. Quanto ao estágio de publicação, a obra apresenta-se distribuída em três divisões (*Abteilungen*), ou seções, conforme o quadro a seguir (Quadro 4):

---

<sup>37</sup> São eles: Mario Rainer Lepsius (1928-2014), Horst Baier, Gangolf Hübinger, M. Rainer Lepsius, Wolfgang J. Mommsen (1930-2004), Wolfgang Schluchter e Johannes Winckelmann (1900–1985) (cf. HANKE, 2012).

**Quadro 4** – Partes publicadas da MWG até o final de 2015.

<b>MWG I</b>	25 Volumes - 34 tomos (4 não publicados, dos quais 3 no prelo p/ 2016)
<b>MWG II</b>	11 volumes - 13 tomos (3 não publicados [sem previsão])
<b>MWG III</b>	7 volumes - 7 tomos (2 não publicados [sem previsão])

Fonte: Elaborado pelo autor, com base em Mohr Siebeck GmbH & Co. KG (editora)<sup>38</sup>.

Com base no esquema acima e nas informações disponibilizadas pela editora<sup>39</sup>, nota-se que a Seção **MWG I** (Escritos e Discursos), a maior das três – contando com 25 volumes, divididos por 34 tomos –, já está em vias de finalização<sup>40</sup>. A Seção **MWG II** conta com 11 volumes,

<sup>38</sup> Será comum encontrar diferentes grafias para a bicentenária editora Mohr Siebeck e, aqui, torna-se pertinente esta nota de esclarecimento. Primeiramente, os proprietários da livraria H. Laupp'schen, Paul Siebeck (1855-1920) e seu irmão J. Gustav Kötzle (1840-1900), adquiriram em 1878 a editora JCB Mohr, de 1801. Paul Siebeck administrava a editora J.C.B. Mohr de Freiburg, enquanto Kötzle permanecia com a livraria H. Laupp'schen em Tübingen. Paul Siebeck nomeou sua empresa *Academic Verlagsbuchhandlung von JCB Mohr, Inhaber* [proprietário] *Paul Siebeck*, conforme o estilo da época. Com o uso, foi adotada a forma abreviada *JCB Mohr (Paul Siebeck)*, até 1906. Naquele ano, o filho de Paul Siebeck, Oskar Siebeck (1880-1936), levou uma filial da companhia de seu pai temporariamente (1913-1920) para Berlim. A empresa chegou a sofrer fortes restrições e embargos censores, durante as Grandes Guerras, que quase causaram sua falência. Oskar e seu filho, Hans Georg Siebeck, estiveram à frente da editora até 1972. O filho de Hans, Georg Siebeck (nascido em 1946) se juntou à JCB Mohr (Paul Siebeck) em 1972, e assumiu os negócios em 1976. Desde 1996, a editora passou a se chamar apenas *Mohr Siebeck*. Em 2003, pelo caráter jurídico adotado, tornou-se *Mohr Siebeck eK* e, em 2005, *Mohr Siebeck GmbH & Co. KG*. Forma utilizada até os dias atuais (Fonte: <<https://www.mohr.de>>, seção “ueber-uns” [sobre nós]).

<sup>39</sup> **Mohr Siebeck GmbH & Co. KG**, seção *Max Weber- Gesamtausgabe*, em alemão. Disponível em: <<https://www.mohr.de/>>. Acesso em: nov. 2015.

<sup>40</sup> Dos quatro volumes faltantes à publicação, três estão “no prelo”, para 2016. Dentre eles, MWG I/18, *Die protestantische Ethik und der Geist des Kapitalismus. Die protestantischen Sekten und der Geist des Kapitalismus. Schriften* 1904-1920; MWG I/13 *Hochschulwesen und Wissenschaftspolitik. Schriften und Reden* 1895-1920; e MWG I/12: *Verstehende Soziologie und*

dos quais três ainda não foram publicados e não há previsão de lançamento. São cartas da juventude de Weber, em um período até 1886 (**MWG II/1 *Jugendbriefe bis 1886***), cartas correspondentes ao período de 1887-1894 (**MWG II/2 *Briefe 1887-1894***) e um índice geral a ser publicado como o último volume, no fechamento da seção, (**MWG II/11 *Briefe. Nachträge und Gesamtregister***). A Seção **MWG III** conta sete volumes, dos quais apenas o segundo e o terceiro ainda não foram publicados. São eles *Praktische Nationalökonomie. Vorlesungen 1895-1899*<sup>41</sup> e *Finanzwissenschaft. Vorlesungen 1894-1897*<sup>42</sup>, ambos, transcrições de cursos ministrados por Weber.

A seguir, apresentaremos uma breve descrição de algumas das publicações que compõem o conjunto da **MWG**, conforme a época de seu lançamento editorial. Como não tivemos acesso integral às publicações, a fonte mais organizada de que dispomos são as versões *fac-similadas* das folhas de rosto e resumos, dispostas no *site* alemão da editora de **MWG**, Mohr Siebeck GmbH & Co. KG<sup>43</sup>. Além de a editora dispor de uma boa ferramenta de busca, traz uma apresentação geral da obra e, ainda, é possível acessar um breve resumo de cada volume da **MWG** separadamente, de modo que esta seção “descritiva” estará baseada nesse material, exceto quando alguma informação mais pontual for necessária à complementação. Para uma consulta mais detalhada – e a fim de proporcionar um panorama completo sobre a **MWG** – preparamos um quadro geral, que está disponível no Apêndice B, no qual estão inclusas, também, as referências internacionais completas de cada item.

## a) A década de 80

---

*Werturteilsfreiheit. Schriften und Reden 1908–1917*. O quarto item, que se encontra sem previsão para publicação, é **MWG I/7 *Zur Logik und Methodik der Sozialwissenschaften. Schriften und Reden 1900-1907***. V. Subitem “iv) Anos entre 2011 e 2015-16”, neste capítulo.

<sup>41</sup> *Economia política prática. Cursos*. [1895-1899].

<sup>42</sup> “Finanças. Cursos 1894-1897”, tradução nossa, assim como as demais notas de tradução para títulos de obras em alemão não publicadas em português.

<sup>43</sup> V. Mohr Siebeck GmbH & Co. KG. Disponível em: <<https://www.mohr.de/>> (em alemão).

A **década de 80** (1984-1990) foi a época de lançamento dos primeiros volumes da **MWG**. Apesar de a reunião inaugural do projeto datar de 1975 (HANKE, 2012), é apenas nove anos depois que chegam ao público os primeiros frutos do empreendimento.

Os volumes inaugurais da **MWG** são os volumes I/3 e I/15, ambos publicados em 1984. O **MWG I/3**, editado por Martin Riesebrodt sob o título *Die Lage der Landarbeiter im ostelbischen Deutschland*<sup>44</sup>, de 1892, conta com mais de 1500 páginas e está dividido em dois tomos, sendo que o primeiro incorpora dois terços do total. O volume trata da situação dos trabalhadores rurais da Alemanha, na região ao leste do Rio Elba. Trata-se de uma pesquisa em larga escala, encomendada, à época, em nome da Associação para Política Social (*Verein für Sozialpolitik*), interessada na situação dos trabalhadores rurais na região de Ostelbien. Neste trabalho de juventude, com características muito empíricas, Max Weber aplica uma série de questionários que viabilizam análises metodológicas para pesquisa social. Já os textos do **MWG I/15**, *Zur Politik im Weltkrieg. Schriften und Reden 1914-1918*<sup>45</sup>, editados por Wolfgang J. Mommsen, são parte da coletânea de “Escritos e discursos” de Max Weber. Aqui, tornou-se possível conhecer, de modo organizado em um único tomo, uma série de ensaios e palestras de Weber a respeito da situação da Alemanha durante a I Guerra Mundial. Às suas próprias vivências como oficial de reserva do exército alemão, Weber incorpora suas concepções científicas.

Na década de 80 foram publicados ainda outros quatro volumes: **MWG I/2** *Die römische Agrargeschichte in ihrer Bedeutung für das Staats- und Privatrecht*, de 1986 [1891], editado por Jürgen Deininger; **MWG I/16** *Zur Neuordnung Deutschlands. Schriften und Reden 1918-1920*, de 1988 [1888], editado por Wolfgang J. Mommsen; **MWG I/10** *Zur Russischen Revolution von 1905. Schriften und Reden 1905-1912*, de 1989 [1905-1912], também editado por Wolfgang J. Mommsen; e **MWG I/19** *Die Wirtschaftsethik der Weltreligionen. Konfuzianismus und Taoismus. Schriften 1915-1920*, de 1989 [1915-1920], editado por

---

<sup>44</sup> “A situação dos trabalhadores agrários da Alemanha a leste do Elba” (1984 [1892]).

<sup>45</sup> “Sobre a política durante a Guerra Mundial. Escritos e discursos 1914-1918”.

Helwig Schmidt-Glintzer<sup>46</sup>. Neste ciclo, além de publicações da “Seção I”, foram lançados volumes, também, da “Seção II”, que apresenta as cartas de Weber. O **MWG II/5 Briefe 1906-1908**, de 1990, editado por M. Rainer Lepsius e Wolfgang J. Mommsen, compreende parte das correspondências de Weber naquele período, inaugurando a publicação desse material. Segundo seus editores<sup>47</sup>, o volume dá uma visão abrangente do amadurecimento metodológico de Weber, além de apresentar o delineamento da construção de suas posições ante o cenário político da Alemanha de seu tempo – principalmente exposto nas correspondências trocadas com Robert Michels – e mostrar como Weber via o papel da universidade nesse cenário.

## b) Década de 90

O período compreendido **entre 1991 e 2000** foi bastante profícuo para o projeto **MWG**. Neste ciclo, foram publicados nove volumes, divididos em 12 tomos. Logo em 1992, publicou-se o **MWG I/17**, contendo as duas célebres palestras de Weber *Wissenschaft als Beruf 1917-1919 / Politik als Beruf 1919* (1917-1919), editadas por Wolfgang J. Mommsen e Wolfgang Schluchter<sup>48</sup>. Esses textos que “nasceram clássicos”, ao serem editados pela primeira vez em 1919, são transcrições revisadas de duas palestras proferidas por Weber, em 1917 e 1919, tendo como foco o lado interno e ético das profissões. Por seu entrelaçamento teórico, os dois textos aparecem editados em um único volume.

É durante a década de 90 que é republicado o segundo volume da série de escritos de Weber sobre a “ética econômica das religiões

---

<sup>46</sup> Respectivamente, “História agrária romana em sua significação para o direito do Estado e privado: 1881”; “Sobre a reorganização da Alemanha. Escritos e discursos 1918-1920”; “Sobre a revolução russa de 1905. Escritos e discursos 1905-1912”; e “A ética econômica das religiões universais: Confucionismo e taoísmo Escritos 1915-1920”.

<sup>47</sup> Ver Mohr Siebeck GmbH & Co. KG. Disponível em: <<https://www.mohr.de/buch/max-weber-gesamtausgabe-9783168453277>>. Acesso em: nov. 2015.

<sup>48</sup> “Ciência como profissão: 1917-1919” / “Política como profissão: 1919”.

mundiais”, os *Gesammelte Aufsätze zur Religionssoziologie*<sup>49</sup>. Este volume, submetido a uma revisão crítica, é apresentado por seus editores como parte da coleção de “Escritos 1916-1920”, o **MWG I/20 Die Wirtschaftsethik der Weltreligionen. Hinduismus und Buddhismus. Schriften 1916-1920**<sup>50</sup>, de 1996, editado por Helwig Schmidt-Glintzer. A obra traz um apêndice com informações detalhadas sobre a história dos textos e do tempo de trabalho e contexto histórico.

Já no final da década de 90, mais precisamente no anos de 1999 e 2000, são lançados, consecutivamente, os dois tomos do volume **MWG I/5 Börsenwesen. Schriften und Reden 1893-1898 (MWG I/5,1 e 5,2)**<sup>51</sup>. Editados por Knut Borchardt, os volumes apresentam os resultados do trabalho de Max Weber em torno da reforma do sistema de bolsa de valores alemã e o cenário de modernização política e econômica da Alemanha. O ano de 1999 foi, também, o ano em que se publicou o primeiro volume (de cinco) da nova organização de Economia e Sociedade. Neste volume, **MWG I/22,5: Wirtschaft und Gesellschaft. Die Stadt**<sup>52</sup>, de 1999, editado por Wilfried Nippe, temos acesso à versão revisada do texto póstumo de Weber – editado pela primeira vez em 1921. Além de um esboço geral de seus estudos sobre o tema, Weber apresenta uma tipologia aplicável da formação e organização das cidades, pontos que diferem a formação de cidades do tipo ocidental e do tipo oriental. São tratadas as formações das cidades ocidentais na Idade Média Europeia, diferenciando-se as características de Itália, Alemanha e Inglaterra, mas também incluindo as cidades-estado greco-romanas e a Rússia. Para o Oriente, são citadas Índia e China; e as especificidades das cidades do Oriente antigo, Israel e o Islã.

### c) Anos entre 2001 e 2010

---

<sup>49</sup> Ou “Ensaio reunidos de sociologia da Religião”, publicados em três volumes, no período entre 1920 e 1921. V. Apêndice A – Primeiro bloco de publicações: 1889-1924.

<sup>50</sup> “A ética econômica das religiões universais: Hinduísmo e budismo. Escritos 1916-1920”.

<sup>51</sup> “O sistema da Bolsa [de valores]. Escritos e discursos 1893-1898” (1999-2000).

<sup>52</sup> “Economia e sociedade: a Economia e as ordens e poderes sociais. Espólio. A cidade”.

Com uma metodologia de trabalho consolidada, a equipe editorial da MWG teve nesse período, entre 2001 e 2010, o maior fluxo de publicações de até então. São concluídas as publicações dos outros quatro volumes da reedição de *Wirtschaft und Gesellschaft* (Economia e Sociedade), a saber: **MWG I/22,1: *Wirtschaft und Gesellschaft. Die Wirtschaft und die gesellschaftlichen Ordnungen und Mächte***, de 2001<sup>53</sup>, editado por Wolfgang J. Mommsen; **MWG I/22,2: *Wirtschaft und Gesellschaft. Religiöse Gemeinschaften***<sup>54</sup>, de 2001, editado por Hans G. Kippenberg; **MWG I/22,4: *Wirtschaft und Gesellschaft. Herrschaft***, de 2005, editado por Edith Hanke<sup>55</sup>; e **MWG I/22,3: *Wirtschaft und Gesellschaft. Recht***,<sup>56</sup> de 2010, editado por Werner Gephart e Siegfried Hermes. Além dos volumes reeditados, neste íterim, um volume suplementar foi adicionado ao conjunto: o **MWG I/24 *Wirtschaft und Gesellschaft. Entstehungsgeschichte und Dokumente***<sup>57</sup>, de 2009, editado por Wolfgang Schluchter. Este volume apresenta os aspectos filológicos histórico-documentais da reedição de *Wirtschaft und Gesellschaft*, incluindo análises críticas sobre as duas versões da obra no período Entre-Guerras.

É nos anos entre 2001 e 2010 que são apresentados os primeiros quatro volumes (de sete totais) da Seção III do MWG, a *Abteilung III: Vorlesungen und Vorlesungsnachschriften*, ou “Divisão III: Palestras e transcrições de palestras”.

De 2008, temos **MWG III/5 *Agrarrecht, Agrargeschichte, Agrarpolitik. Vorlesungen 1894-1899***<sup>58</sup> (2008), editado por Rita Aldenhoff-Hübinger, uma coletânea de manuscritos de Weber não publicados de palestras sobre direito, história e políticas agrárias, realizados no período entre 1894 e 1899 nas Universidades de Berlim, Freiburg e Heidelberg.

<sup>53</sup> “Economia e sociedade: a Economia e as ordens e poderes sociais. Espólio. **Comunidades**”.

<sup>54</sup> “Economia e sociedade: a economia e as ordens e poderes sociais. Espólio. **Comunidades religiosas**”.

<sup>55</sup> “Economia e sociedade: a Economia e as ordens e poderes sociais. Espólio. **Dominação**”.

<sup>56</sup> “Economia e sociedade: a Economia e as ordens e poderes sociais. Espólio. **Direito**”.

<sup>57</sup> “Economia e sociedade. **História da Gênese e documentos**”.

<sup>58</sup> “Direito agrário, história agrária, política agrária. **Cursos 1894-1899**”.

Do ano de 2009, temos outros três volumes: i) o **MWG III/1** *Allgemeine (“theoretische”) Nationalökonomie. Vorlesungen 1894-1898*<sup>59</sup> (2009), editado por Wolfgang J. Mommsen. O volume remete aos manuscritos e palestras de um Max Weber professor de “Economia política e Finanças Públicas” (*Nationalökonomie und Finanzwissenschaft*); ii) o **MWG III/4** *Arbeiterfrage und Arbeiterbewegung. Vorlesungen 1895-1898*<sup>60</sup> (2009), editado por Rita Aldenhoff-Hübinger, apresenta manuscritos inéditos de palestras Max Weber sobre a questão do trabalho e do movimento operário, em que Weber analisa a história do trabalho desde os tempos antigos, passando pela questão da mão de obra escrava, e analisando a emergência do moderno trabalho livre assalariado, sobretudo nos setores comercial e industrial, e a história organizacional do movimento operário e sua fundamentação teórica; e iii) o **MWG III/7** *Allgemeine Staatslehre und Politik (Staatssoziologie) - unvollendet. Mit- und Nachschriften 1920*<sup>61</sup> (2009), editado por Gangolf Hübinger, material que tem como base duas palestras cujas transcrições estiveram inacabadas, em consequência da morte prematura de Weber. As preleções eram motivadas por questões relativas a uma sociologia e a uma teoria do Estado. Para a edição final do volume, tomam-se como base registros estenográficos das duas palestras, que serviram ao próprio Weber no processo infundado de transcrevê-las e editá-las.

#### d) Anos entre 2011 e 2015-16

Quarenta anos após o início do projeto *Max Weber-Gesamtausgabe*, em 1975 (HANKE, 2012), o **atual ciclo de publicações** da MWG começa a encaminhar a sua conclusão editorial. Neste período, foram publicados mais quatro volumes da Seção II, com correspondências de Weber. São eles: **MWG II/10** (dois tomos) *Briefe 1918-1920* (2012), editado por Gerd Krumeich e M. Rainer Lepsius; o volume recentemente lançado **MWG II/3** *Briefe 1895-1902* (2015), editado por Rita Aldenhoff-Hübinger; e o volume, também de 2015,

---

<sup>59</sup> “Economia política geral (“teórica“). **Cursos 1894-1898**”.

<sup>60</sup> “A questão operária e o movimento operário. **Cursos 1895-1898**”.

<sup>61</sup> “Teoria geral do Estado e política (sociologia do Estado). Inacabados. **Pontamentos 1920**”.



**MWG II/4** *Briefe 1903-1905* (2015), editado por Gangolf Hübinger e M. Rainer Lepsius.

É neste período, também, que se encerram as publicações da reedição crítica de *Economia e Sociedadade*, com os volumes **MWG I/23** *Wirtschaft und Gesellschaft. Soziologie. Unvollendet. 1919-1920*<sup>62</sup> (2013), editado por Edith Hanke e Wolfgang Schluchter, e **MWG I/25** *Wirtschaft und Gesellschaft. Gesamtregister*<sup>63</sup> (2015), os índices gerais de **WuG**. O primeiro é uma releitura crítica da versão Pós-Guerra (1919-1920) de *Economia e Sociedadade*, sugerindo abertamente que o livro não é um todo coeso, como se tem acreditado (HANKE, 2012; LEPSIUS, 2012), enquanto o segundo volume é um registro completo (*Gesamtregister*) que oferece uma visão geral de todos os volumes da reedição histórico-crítica de *Economia e Sociedadade*.

Outro volume publicado recentemente é **MWG I/9** *Asketischer Protestantismus und Kapitalismus. Schriften und Reden 1904-1911*<sup>64</sup> (2014), editado por Wolfgang Schluchter e U. Bube. Antes da edição de 1920, o famoso artigo *Die protestantische Ethik und der 'Geist' des Kapitalismus*<sup>65</sup> foi editado em duas partes, publicadas nos anos de 1904 e 1905, no *Archiv für Sozialwissenschaft und Sozialpolitik*. Este volume apresenta não apenas a redação original das primeiras publicações, como também inclui as réplicas *anticríticas* de Werber às controvérsias geradas publicamente no debate científico da época, permitindo acompanhar a evolução da querela em torno da questão.

Para o ano de 2016, mais três volumes estão “no prelo”, com publicação prevista para 2016. Dentre eles, por conta da revisão histórico-crítica sobre o material, há grande expectativa em relação ao volume **MWG I/18**, *Die protestantische Ethik und der Geist des Kapitalismus. Die protestantischen Sekten und der Geist des*

<sup>62</sup> “Economia e sociedade. **Sociologia**. Inacabados. 1919-1920”.

<sup>63</sup> “Economia e sociedade. **Índices**.”

<sup>64</sup> “Protestantismo ascético e o ‘espírito’ do capitalismo. Escritos e discursos 1904-1911”.

<sup>65</sup> “A ética protestante e o ‘espírito’ do capitalismo”, quando de sua primeira publicação, em duas partes (1904-1905), aparecia assim, grafado com sinal de aspas, grafia que caiu em desuso na edição de 1920, por escolha do próprio Weber (cf. PIERUCCI, 2004).

*Kapitalismus. Schriften 1904-1920*<sup>66</sup>, editados por Wolfgang Schluchter. Os outros dois volumes aguardando a impressão para 2016 são: **MWG I/13** *Hochschulwesen und Wissenschaftspolitik. Schriften und Reden 1895-1920*<sup>67</sup>, editado por M. Rainer Lepsius; e **MWG I/12**: *Verstehende Soziologie und Werturteilsfreiheit. Schriften und Reden 1908-1917*<sup>68</sup>, editado por Johannes Weiß. O quarto item, que se encontra sem previsão para publicação, é **MWG I/7** *Zur Logik und Methodik der Sozialwissenschaften. Schriften und Reden 1900-1907*<sup>69</sup>, sob a supervisão de G. A. Wagner.

### 3.2 A RECEPÇÃO DAS OBRAS DE WEBER NO BRASIL

Sendo este o conjunto clássico no qual está disposta a obra de Weber (antiga e recente), resta a pergunta: de que modo, por quais vias, esse conjunto chegou ao Brasil? É o que procuramos responder doravante.

#### 3.2.1 Eventos editoriais e condicionantes bibliográficas da recepção da obra de Weber

Como apontado por Gláucia Villas Bôas, ao evocar Roth (1995, p. 11-55 apud VILLAS BÔAS, 2014), “embora se acredite que a qualidade intrínseca das obras dos grandes mestres seja o motivo de sua permanência ao longo do tempo”, os motivos dessa permanência são dependentes “das orientações e interesses de grupos e indivíduos” (VILLAS BOAS, 2014, p. 7).

Ainda que tratemos mais adiante, no presente trabalho, sobre as condicionantes bibliográficas da recepção das obras de Weber no Brasil, podemos tomar como base, neste momento, a lista (Quadro 5) elaborada por Villas Bôas (2014) que indica que a propagação das ideias

---

<sup>66</sup> “A ética protestante e o espírito do capitalismo. As seitas protestantes e o espírito do capitalismo. Escritos 1904-1920”.

<sup>67</sup> “Ensino superior e política científica. Escritos e discursos 1895-1920”.

<sup>68</sup> “Sociologia compreensiva e liberdade em face do juízo de valor. Escritos e discursos 1908-1917”.

<sup>69</sup> “Sobre a lógica e o método das Ciências Sociais. Escritos e discursos 1900-1907”.

de Max Weber é tributária – para além de suas próprias competências – à importância de grandes eventos editoriais em torno de sua obra.

### **Quadro 5 – Grandes eventos editoriais em torno da obra de Max Weber**

A envergadura do projeto de publicação da obra de Weber por Marianne Weber (1870-1954) entre 1920 e 1924, *Wirtschaft und Gesellschaft* [no Brasil, *Economia e Sociedade* (Weber, 1994)].

A tradução para o inglês de *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, por Talcott Parsons, publicada em 1930, por George Allen & Unwin.

A tradução para o espanhol, por José Medina Echavarría et al., de *Economia y Sociedad* e a publicação do livro em 1944, pela editora Fondo de Cultura Económica, no México. [Primeira italiana: 1961. Segunda, 1968; Edição norte-americana: 1968; Edição francesa: 1971].

A compilação feita por Hans Gerth e Charles Wright Mills, *From Max Weber*, editado, em 1946, pela Oxford University Press. Traduzido para o português, no Brasil, em 1969, com revisão técnica de Fernando Henrique Cardoso.

O atual projeto de reedição da obra do sociólogo, a Max Weber- Gesamtausgabe - MWG [Max Weber: Obra Completa], que vem sendo meticulosamente realizado por especialistas de alto nível, desde a metade dos anos de 1980.

Fonte: Elaborado pelo autor, a partir de Villas Bôas (2014, p. 7-8).

Conforme Villas Bôas (2014), esses cinco acontecimentos editoriais ganhariam destaque como mais relevantes para a propagação da obra de Max Weber pelo mundo, bem como para sua importação e recepção para o Brasil. A seguir, oferecemos um detalhamento das partes da obra de Weber que foram traduzidas no meio editorial nacional. Neste trabalho, como indicamos anteriormente, iremos privilegiar apenas publicações completas (livros) em torno dos textos de Weber. Deixaremos para outra ocasião a análise de escritos de Weber em capítulos isolados ou artigos publicados avulsos.

### **3.2.2 Partes que foram traduzidas**

Como indicado anteriormente, retomaremos a análise das publicações brasileiras das obras de Weber a fim de identificarmos quais as fontes utilizadas no processo de importação do pensamento do autor. Para isso, tomaremos como referências, neste momento, apenas as obras exclusivas (obras fechadas) cuja autoria principal e no todo é atribuída a Max Weber. Em função dos limites deste trabalho, não serão analisados aqui capítulos avulsos de livros que contenham outros autores e/ou

comentaristas (coletâneas) em que Weber figure de forma “complementar”. Reforçamos, também, que a intenção desse mapeamento é de levantar indícios e subsídios consideráveis para a identificação de critérios de recepção, sem a pretensão de esgotarmos, nesta ocasião restrita, a apuração. Desse modo, existe a possibilidade de que alguma obra tenha, ocasionalmente, escapado ao nosso levantamento.

Antes de avançarmos, convém ainda revermos o conjunto das obras de Weber que foram publicadas sob os cuidados de Marianne Weber (Quadro 6).

**Quadro 6 – Sistematização dos “Ensaio Reunidos”**

Ano de Publicação e Título da Obra	Abrev.
<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>1920-1:</b> <i>Gesammelte Aufsätze zur Religionssoziologie</i> [Ensaio reunidos de Sociologia da Religião]. (Em 3 volumes).</li> </ul>	<b>GARS</b>
<b>Escritos póstumos publicados após 1920 (1921–1924):</b> E continuação das coletâneas de “ensaio reunidos”:	
<b>1921:</b> <i>Gesammelte Politische Schriften</i> [Escritos políticos].	<b>GPS</b>
<b>1922:</b> <i>Gesammelte Aufsätze zur Wissenschaftslehre</i> [Ensaio Reunidos da doutrina da ciência].	<b>GAW</b>
<b>1924:</b> <i>Gesammelte Aufsätze zur Sozial- und Wirtschaftsgeschichte</i> [Ensaio Reunidos de história social e econômica].	<b>GASW</b>
<b>1924:</b> <i>Gesammelte Aufsätze zur Soziologie und Sozialpolitik</i> [Ensaio Reunidos de sociologia e política social].	<b>GASS</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>1921:</b> <i>Die rationalen und soziologischen Grundlagen der Musik</i> [Fundamentos sociológicos e racionais da música] (Incluídos como apêndice à <b>WuG</b>).</li> </ul>	–
<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>1921-2:</b> <i>Wirtschaft und Gesellschaft</i> [Economia e Sociedade] <b>WuG</b>.</li> </ul>	<b>WuG</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>1922:</b> <i>Die drei reinen Typen der legitimen Herrschaft</i> [Os tres tipos puros de dominação legítima].</li> </ul>	–
<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>1923:</b> <i>Wirtschaftsgeschichte</i>. [História econômica].</li> </ul>	–

Fonte: Elaborado pelo autor, com base em Mohr Siebeck; Zeno.org.

Como veremos adiante (Tabela 1), os escritos relativos a este período compõem a gênese filológica de imensa parte das publicações brasileiras dos trabalhos de Weber. Para compor este rol, recorreremos às edições mais antigas que conseguimos encontrar publicadas (ou republicadas) de cada obra no Brasil, e priorizamos, sempre que possível, a “1ª edição” nacional. A Tabela 1 oferecerá um sobrevoo por este conjunto, de modo a se obter uma visão panorâmica da relação entre as publicações e suas fontes originais. Mas, para uma visão mais detalhada, oferecemos uma análise descritiva dessas publicações, segundo as fontes originais e o ano de publicação, na Subitem 3.2.1.1.

**Tabela 1** – Edições completas (livros) nacionais com traduções dos escritos de Weber

<b>Obras traduzidas e dados bibliográficos</b>	<b>Fontes originais</b>
<p>WEBER, Max. <i>A ética protestante e o espírito do capitalismo</i>. São Paulo: Pioneira, 1967.</p> <p>(Biblioteca Pioneira de ciências sociais. Sociologia). Apresentação da editora Pioneira (contracapa). Introdução do Autor (<i>vorbemerkung</i>). Contém notas acrescentadas pelo autor na 2ª edição, de 1920, GARS I.</p> <p>Tradução: M. Irene de Q. F. Szmrecsanyi, Tamas J. M. K. Szmrecsanyi. (tradução direto do alemão, com notas do autor acrescentadas na segunda ed. Alemã). Trad. Grego: José cavalcanti de Souza; Trad. e transliteração hebraico: Isaac Nicolau Salum.</p>	<p><b>FONTES EM ALEMÃO:</b></p> <p>_____. Die protestantische Ethik und der Geist des Kapitalismus. In: <i>Gesammelte Aufsätze zur Religionssoziologie</i> [Ensaio Reunidos de Sociologia da Religião]. Band I: J. C. B. Mohr (Paul Siebeck). Tüsdtsdbsingen, 1947. [GARS I]</p>
<p>WEBER, Max. <i>Ensaio de sociologia</i>. Rio de Janeiro: Zahar, 1. ed. 1967. 530p., 22cm. (Biblioteca de ciências sociais). Autorias secundárias, organização e introdução de Gerth, Hans Heinrich, Mills, C. Wright (Charles Wright). Revisão técnica à ed. nacional de Fernando Henrique Cardoso.</p> <p>Trad. Waltensir Dutra</p>	<p><b>FONTES EM INGLÊS:</b></p> <p>Traduzido de: Weber, Max. Gerth, H. H.; Mills, C. Wright. <i>From Max Weber: Essays in Sociology</i>. Oxford University Press, Inc. sixth reprint (Galax Book, 1963 [1946]).</p>

<p>WEBER, Max. <i>História geral da economia</i>. São Paulo, Mestre Jou (1968): [s.n.]. 367 p. Prefácio do tradutor.</p> <p>Trad. Calógeras A. Pajuaba</p>	<p><b>FONTES EM ALEMÃO:</b></p> <p><i>Wirtschaftsgeschichte</i>. Abriß der universalen Sozial- und Wirtschaftsgeschichte (von Sigmund Hellmann und Melchior Palyi zusammengestelltes Werk aus Webers Notizen und den Mitschriften seiner Studenten zu seiner letzten vollständig gehaltenen Vorlesung 1919/1920)*. Berlin 1923.</p> <p>*[<b>História geral da economia</b>. Compilação por Sigmund Hellmann e Melchior Palyi de notas de Weber e as transcrições de seus alunos para a sua última palestra realizada em 1919-20] .</p>
<p>WEBER, Max. <i>Ciência e política, duas vocações</i>. São Paulo, Ed. Cultrix. 1. ed. 1972. 124 p. Prefácio de Manoel T. Berlinck</p> <p>Tradução de Leonidas Hegenberg e Octany Silveira da Mota.</p>	<p><b>FONTES EM ALEMÃO:</b></p> <p>Tradução dos textos originais: <i>Wissenschaft als Beruf</i> (1917-1919) / <i>Politik als Beruf</i> (1919). Edições editadas a partir das versões de 1967 e 1968, de Dunker &amp; Hunblot, Berlim.</p>

WEBER, M. *Ensaio de sociologia e outros escritos. Textos selecionados*. São Paulo, Abril Cultural. 1974. 1 ed. 268p. (Os Pensadores, 37). Autoria secundária e apresentação: Maurício Tragtenberg

Trad. Maurício Tragtenberg, Waltensir Dutra (et al).

<sup>1</sup> Parlamentarismo e governo numa Alemanha reconstruída.

<sup>2</sup> Capitalismo e sociedade rural na Alemanha.

<sup>3</sup> O caráter nacional e os “Junkers”

<sup>4</sup> História Geral da Economia (Cap. IV)

<sup>5</sup> A Ética protestante e o espírito do capitalismo.

<sup>6</sup> Rejeições religiosas do mundo e suas direções

#### FONTES EM ALEMÃO:

<sup>1</sup> Trad.: Maurício Tragtenberg:

WEBER, Max. *Parlament und Regierung in Neugeordneten Deutschland*. In: *Gesammelte Politische Schriften*, J. C. B. Mohr (Paul Siebeck), Tübingen, 1958, 2. Auflage. v. J. Winckelmamm. p. 294-394. [GPS]

<sup>4</sup> Trad.: Calógeras A. Pajuaba. WEBER, Max. História geral da economia. São Paulo, Mestre Jou [1968]: [s.n.]. 367 p.

#### FONTES EM INGLÊS:

Trad. Waltensir Dutra:

<sup>2</sup> Gerth, H. H.; Mills, C. Wright. *From Max Weber: Essays in Sociology* (C. XIII). Oxford University Press, Inc. sixth reprint (Galax Book, 1963) [Capitalismo e sociedade rural na Alemanha].

<sup>3</sup> Gerth, H. H.; Mills, C. Wright. *From Max Weber: Essays in Sociology* (C. XIV). Oxford University Press, Inc. sixth reprint (Galax Book, 1963) [O caráter nacional e os “Junkers”].

<sup>6</sup> Gerth, H. H.; Mills, C. Wright. *From Max Weber: Essays in Sociology* (C. XV). Oxford University Press, Inc. sixth reprint (Galax Book, 1963). Trad. Waltensir Dutra [Rejeições religiosas do mundo e suas direções].

#### FONTES EM PORTUGUES:

<sup>4</sup> Trad. Calógeras A. Pajuaba (reimpressão): WEBER, Max. História geral da economia. São Paulo, Mestre Jou [1968]: [s.n.]. p.367.

<sup>5</sup> Trad. Irene de Q. F. Szmrecsanyi, et al. (reimpressão):

WEBER, Max. *Die protestantische Ethik und der Geist des Kapitalismus* [Cap. II e V]. In: *Gesammelte Aufsätze zur Religionssoziologie*. Band I: J. C. B. Mohr (Paul Siebeck). Tübingen, 1947. M. [GARS I].

<p>WEBER, Max. <i>Ensaio sobre a teoria das ciências sociais</i>. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, Lisboa: Editorial Presença, imp. 1979. 132p., 21 cm. (broch.).</p> <p>Trad. Carlos Grifo Babo</p>	<p>Dados editoriais e ficha catalográfica insuficientes. Fonte original não indicada na edição. Textos referidos como 1904-1917. Contém: "A objetividade do conhecimento nas ciências sociais" (1904); "Sobre o significado de "neutralidade axiológica" nas ciências sociais (1917). Apesar de não podermos checar a fonte original em alemão, os dados editoriais parciais sugerem que a fonte seja mesmo <b>GaW</b> (os "Ensaio Reunidos da doutrina da ciência"). Data de impressão 1977.</p>
<p>WEBER, Max; GERTH, Hans Heinrich; MILLS, C. Wright (Charles Wright). <i>Ensaio de sociologia</i>. 5. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1982. 530p. (Biblioteca de ciências sociais). Autorias secundárias, organização e introdução de Gerth, Hans Heinrich, Mills, C. Wright (Charles Wright). Revisão téc. à ed. nac. de Fernando Henrique Cardoso.</p> <p>Trad. Waltensir Dutra</p>	<p><b>FONTES EM INGLÊS:</b></p> <p>Traduzido de: Weber, Max. Gerth, H. H.; Mills, C. Wright. <i>From Max Weber: Essays in Sociology</i>. Oxford University Press, Inc. sixth reprint (Galax Book, 1963 [1946]).</p> <p>1. ed. (edições brasileiras: 1967, 1971, 1974, 1979). A editora LTC possui os direitos desde 1982 e tem comercializado a reimpressão da 5ª edição.</p>
<p>WEBER, Max. <i>Conceitos básicos de sociologia</i>. São Paulo, Editora Moraes. 1. ed. 1987. 113p. ISSN 85-882-0826-1. Contém: Prefácio "do autor" e "da editora".</p> <p>Tradução: Rubens E. F. Frias e Gerard Georges Delaunay.</p>	<p><b>FONTES EM ALEMÃO:</b></p> <p>Wirtschaft und Gesellschaft. In: <i>Grundriss der verstehenden Soziologie</i>. Abteilung III. J. C. B. Mohr. Hrsg. v. Marianne Weber. 2. Auflage. 1925 [1921]. [<b>WuG</b>]</p>



WEBER, Max. *Sobre a universidade: o poder do Estado e a dignidade da profissão acadêmica*. São Paulo: Cortez, 1989. 149p., 21cm. (Pensamento & ação, v.1).1ª ed. Direitos de publicação de Lólio Lourenço de Oliveira. Introdução à edição brasileira de Maurício Tragtenberg. Nota introdutória (edição norte-americana) e notas complementárias: Edward Shils In *The Writings of Max Weber on University Problems*, XI, 4 (October 1973), 571-573.

Tradução Lólio Lourenço de Oliveira

#### FONTES EM INGLÊS:

\*Weber, M. *The Power of the State and the Dignity of the Academic Calling in Imperial Germany*:. In: *Minerva*. October 1973, Volume 11, Issue 4, pp 571-632

\* Weber, Max. *On Universities: The power of the state and the dignity of the academic calling in imperial Germany*. (Chicago Press, 1974) reprinted from *Minerva*, XI, 4 (October, 1973), pp. 571-632.

#### FONTES EM ALEMÃO:

Fontes da publicação:

\*Der „Fall Berhard“ und Prof. Delbruck – Frankfurter Zeitung vom 10/07/1908.

\*Die Sogennante „Lehrfreiheit“ an den deutschen Universitäten – Frankfurter Zeitung vom 20/09/1908, 3. Morgen blatt.

\*Die Lehrfreiheit der Universitäten, 1909, Wiederalgedruckt – Frankfurter Zeitung vom 03/11/1973.

\*Stellungnahme zum Fall Althoff – „Tagliche Rundschau“, n. 497 vom 22/11/1911.

\* Die Handelshochchuden. – Berliner Tageblatt, n. 548 vom 27/10/1911.

\* Dendsschirift an die Handelshochchuden vom 07/11/1911.

\*Eine Katolisch Universitat in Salzburg – Frankfurter Zeitung vom 10/05/1917.

<p>WEBER, Max. <i>Ensaio sobre a teoria das ciências sociais</i>. [1. ed.]. São Paulo: Moraes, 1991. 132p., 21 cm. (broch.). Prefácio do autor.</p> <p>Trad. Rubens Eduardo Ferreira frias</p>	<p><b>FONTES EM FRANCÊS:</b></p> <p>Coleção de artigos publicados entre 1904 e 1917 [GaW], traduzidos do alemão e introduzido por Julien Freund. Paris: Librairie Plon, 1965. 539 páginas. Coleção: <i>Recherches en sciences humaines</i>, No. 19.</p> <p>Contém: "A objetividade do conhecimento na ciência e na política social" (1904); "Estudos críticos no campo da lógica das ciências da cultura" (1905-6); "Ensaio sobre algumas categorias da sociologia compreensiva" (1913); "Ensaio sobre o significado de "neutralidade ética" nas ciências sociológicas e econômicas ciências da cultura (1917).</p>
<p>WEBER, Max. <i>Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva</i>. 1.ed. = 5.ed. rev. alemã Brasília, DF: Universidade de Brasília, São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1991- Obra completa (volume único) ISBN 8523003142. Revisão técnica de Gabriel Cohn.</p> <p>Tradução: Régis Brabosa e Karen E. Barbosa (vols. 1 e 2).</p>	<p><b>FONTES EM ALEMÃO:</b></p> <p>Wirtschaft und Gesellschaft : Grundriss der verstehenden Soziologie 5. Auf. Johannes Winckelmann. 1976. [WuG]</p>
<p>WEBER, Max. <i>Parlamento e governo na Alemanha reordenada: crítica política da burocracia e da natureza dos partidos</i>. Petrópolis: Vozes, 1993. 174p., 21cm. (Classicos do pensamento político. v 30). ISBN 85-326-1002-1 (broch.).</p> <p>Introdução do autor</p> <p>Tradução de Karin Bakke de Araujo.</p>	<p><b>FONTES EM ALEMÃO:</b></p> <p>Parlament und Regierung im neugeordneten Deutschland</p> <p>Ano do original: 1918. Fonte do publicação alemã não identificada.</p>
<p>WEBER, Max. <i>História agrária romana</i>. São Paulo: Martins Fontes, 1994. 283p., 21cm. (O Homem e a história). Bibliografia: p. [281]-283. ISBN 8533602685 (broch.). Prefácio do autor.</p> <p>Trad. Eduardo Brandão</p>	<p><b>FONTES EM ESPANHOL:</b></p> <p>Tradução da "versão espanhola" de <i>Romische Agrargeschichte</i> (Não referenciada na ficha catalográfica). Ano do original: 1892.</p>

WEBER, Max. *Os fundamentos racionais e sociológicos da música*. São Paulo: EdUSP, 1995. 159p., 26cm. (Clássicos, 1). Bibliografia: p. 151-159. ISBN 85-314-0272-7 (broch.). Prefácio: Gabriel Cohn.

Tradução, introdução e notas: Leopoldo Waizbort (trad. orig. alemão).

#### **FONTES EM ALEMÃO:**

Die rationalen und soziologischen Grundlagen der Musik.

Incluído como apêndice em *Wirtschaft und Gesellschaft - Grundriss der verstehende Soziologie* (org. por J. Winkelmann. Ano do original: 1911. [GaW])

1921: *Die rationalen und soziologischen Grundlagen der Musik*, München 1921. Dann in *Wirtschaft und Gesellschaft* von der 2. Auflage 1925 bis zur 4. Auflage 1956 enthalten. Erneute Separatveröffentlichung: Tübingen. [GaW]

#### **FONTES EM ESPANHOL:**

Indicação do tradutor: Cotejamento com a versão mexicana. "Los fundamentos Racionales y Sociológicos de la música", Apêndice a "Economía e Sociedad", México, Fondo de Cultura Económica", 1964.

#### **FONTES EM INGLÊS:**

Indicação do tradutor: Cotejamento Rational and Social Foundations of Music, Southern Illinois University Press, 1958.

WEBER, Max. *Textos selecionados*. São Paulo: Nova Cultural, 1997. 192p., 21cm. (Os Economistas). ISBN 8535109161 (enc.). Apresentação Maurício Tragtenberg.

Maurício Tragtenberg  
(*et al.*)

<sup>1</sup> Parlamentarismo e governo numa Alemanha reconstruída.

<sup>2</sup> Capitalismo e sociedade rural na Alemanha

<sup>3</sup> O caráter nacional e os “junkers”

<sup>4</sup> Rejeições religiosas do mundo e suas direções

## FONTES EM ALEMÃO:

<sup>1</sup> Tradução de Maurício Tragtenberg Revisão de Cássio Gomes

Traduzido de: “*Parlament und Regierung im neugeordneten Deutschland*”, in Max Weber, *Gesammelte politische Schriften*, J. C. B. Mohr (Paul Siebeck), Tübingen, 1958, 2ª edição, preparada por Johannes Winckelmann, págs. 294-394. [GPS]

## FONTES EM INGLÊS:

<sup>2</sup> Tradução da versão inglesa por Waltensir Dutra

Traduzido da sexta impressão (Galaxy Book, 1963) da edição publicada em 1946 pela Oxford University Press, Inc.: From Max Weber: *Essays in Sociology* (translated, edited and with an Introduction by H. H. Gerth and C. Wright Mills).

<sup>3</sup> Tradução da versão inglesa por Waltensir Dutra

Traduzido da sexta impressão (Galaxy Book, 1963) da edição publicada em 1946 pela Oxford University Press, Inc.: From Max Weber: *Essays in Sociology* (translated, edited and with an Introduction by H. H. Gerth and C. Wright Mills).

Texto original em alemão: “*Wahlrecht und Demokratie in Deutschland*”, *Gesammelte Politische Schriften* (Munich, Dreimaskenverlag, 1921). Compreende um trecho de um folheto que “*Die Hälfte*” – o departamento editorial de livros da pequena revista que Naumann dirigia – publicou em dezembro de 1917.

<sup>4</sup> Tradução da versão inglesa por Waltensir Dutra

Traduzido da sexta impressão (Galaxy Book, 1963) da edição publicada em 1946 pela Oxford University Press, Inc.: From Max Weber: *Essays in Sociology* (translated, edited and with an Introduction by H. H. Gerth and C. Wright Mills).

Original: De “*Zwischenbetrachtung*”. *Gesammelte Aufsätze zur Religionssoziologie*, vol. I, pp. 436-73. Este ensaio foi publicado em novembro de 1915, no *Archiv*. [GPS]

<p>WEBER, Max.: <i>sociologia</i>. 6. ed. São Paulo: Ática, 1997. 167p., 22cm. (Grandes cientistas sociais, 13)          Coordenador: Florestan Fernandes. Textos diversos. Inclui índice. ISBN 8508011458 (broch.). Autoria secundária, introdução, organização: Gabriel Cohn.</p> <p>Tradução: Amélia Cohn e Gabriel Cohn</p>	<p><b>FONTES EM ALEMÃO:</b></p> <p>Weber, M. <i>Gesammelte Aufsätze zur Sozial- und Wirtschaftsgeschichte</i> [Ensaio Reunidos de história social e econômica], J. C. B. Mohr (Paul Siebeck), Tübingen, 1. Auflage 1924. [GASW]</p> <p>_____. <i>Gesammelte Politische Schriften, München</i> [Escritos políticos], J. C. B. Mohr (Paul Siebeck), Tübingen, 3. Auflage. 1971 [1921]. [GPS]</p> <p>_____. <i>Gesammelte Aufsätze zur Wissenschaftslehre</i> [Ensaio Reunidos da doutrina da ciência], J. C. B. Mohr (Paul Siebeck), Tübingen, 4. Auflage. 1973 [1922]. [Gaw]</p> <p>_____. <i>Wirtschaft und Gesellschaft</i> [Economia e Sociedade], J. C. B. Mohr (Paul Siebeck), Tübingen, 4. Auflage. 1956 [1921]. [WuG]</p> <p>_____. <i>Gesammelte Aufsätze zur Religionssoziologie</i> [Ensaio Reunidos de sociologia da religião], J. C. B. Mohr (Paul Siebeck) Band I. 6. Auflage. / Band II. 5. 1972 [1920]. [GARS I e GARS II]</p>
<p>WEBER, Max. <i>Ciência e política: duas vocações</i>. Tradução de Jean Melville. São Paulo: Martin. Claret, 2001. 128 p. (Coleção A Obra-Prima de Cada Autor).</p> <p>Trad. Jean Melville</p>	<p><b>FONTES EM ALEMÃO:</b></p> <p>Tradução dos textos originais: <i>Wissenschaft als Beruf (1917-1919) / Politik als Beruf (1919)</i>. Edições realizadas a partir das versões de 1967 e 1968, de Dunker &amp; Humblot, Berlim.</p>
<p>WEBER, Max. <i>Metodologia das ciências sociais</i>: parte 1. 4. ed. São Paulo: Cortez, Campinas: Ed. da UNICAMP, 2001. I, 210p., 23. cm. ISBN 8524904704 (broch.). Introdução à edição brasileira de Maurício Tragtenberg.</p> <p>Trad. Augustin Wernet (partes 1 e 2).</p>	<p><b>FONTES EM ALEMÃO:</b></p> <p>_____. <i>Gesammelte Aufsätze zur Wissenschaftslehre</i> [Ensaio Reunidos da doutrina da ciência], Hrsg. v. Johannes Winckelmann, J. C. B. Mohr (Paul Siebeck), Tübingen, 4. Auflage. 1973 [1922]. [GAW]. Inclui Prefácio de J. Winkelmann, datado de 1966.</p>

<p>WEBER, Max. <i>A ética protestante e o espírito do capitalismo</i>. São Paulo: Centauro, 2001.</p> <p>Tradução de Vinícius Eduardo Alves (direto do alemão).</p>	<p><b>FONTES EM ALEMÃO:</b></p> <p>Die Protestantische Ethik und der Geits des Kapitalismus. (tradução direto do alemão, com notas do autor acrescentadas na segunda ed. Alemã 1920, <b>GARS I</b>)</p>
<p>WEBER, Max; GERTH, Hans Heinrich; MILLS, C. Wright (Charles Wright). <i>Ensaio de sociologia</i>. 5. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2002. 325 p. ISBN 8521613210. Autorias secundárias, organização e introdução de Gerth, Hans Heinrich, Mills, C. Wright (Charles Wright). Revisão técnica à ed. nacional de Fernando Henrique Cardoso.</p> <p>Trad. Waltensir Dutra</p>	<p><b>FONTES EM INGLÊS:</b></p> <p>Traduzido de: Weber, Max. Gerth, H. H.; Mills, C. Wright. <i>From Max Weber: Essays in Sociology</i>. Oxford University Press, Inc. sixth reprint (Galax Book, 1963 [1946]).</p>
<p>WEBER, Max. <i>A ética protestante e o espírito do capitalismo</i>. São Paulo: Martin Claret, 2002. (A Obra-Prima de Cada Autor). Organização e Introdução: Sílvio L. Sant'Anna</p> <p>Tradução de Pietro Nassetti.</p>	<p><b>FONTES EM INGLÊS:</b></p> <p>Die Protestantische Ethik und der Geits des Kapitalismus. 1904-5 und 1920 (tradução da versão inglesa de Talcott Parsons, Harvard University, cotejada com a versão alemã.</p> <p>Contém notas do autor acrescentadas na segunda ed. Alemã, [<b>GARS I</b>]).</p>
<p>WEBER, Max. <i>A política como vocação</i>. Brasília, UnB. 2003. Oliver T-olie. Direitos exclusivos para esta edição: Editora UnB.</p> <p>Tradução de Maurício Tragtenberg</p>	<p><b>FONTES EM ALEMÃO:</b></p> <p>Politik als Beruf [1919]. In: <i>Gesammelte Politische Schriften</i> [Escritos políticos]. [<b>GPS</b>]</p>

<p>WEBER, Max. <i>Ensaio sobre a Teoria das Ciências Sociais</i>. Tradução de Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro Editora, 2. ed. 2003. 106 p. ISBN: 8588208482. Número de Páginas: 132. Formato: 14.00 x 21.00 cm., Acabamento: brochura. Prefácio do autor.</p> <p>Trad. Rubens eduardo Ferreira frias</p>	<p><b>FONTES EM FRANCÊS:</b></p> <p>Coleção de artigos publicados entre 1904 e 1917 [GaW], traduzidos do alemão e introduzido por Julien Freund. Paris: Librairie Plon, 1965. 539 páginas. Coleção: <i>Recherches en sciences humaines</i>, No. 19.</p> <p>Contém: "A objetividade do conhecimento na ciência e na política social" (1904); "Estudos críticos no campo da lógica das ciências da cultura" (1905-6); "Ensaio sobre algumas categorias da sociologia compreensiva" (1913); "Ensaio sobre o significado de "neutralidade ética" nas ciências sociológicas e econômicas ciências da cultura (1917).</p>
<p>WEBER, Max. <i>A Ética e o "Espírito" do Capitalismo</i>. São Paulo, Companhia das Letras. 12. reimp., 2004.</p> <p>Apresentação, edição e revisão técnica: Antônio Flávio Pierucci.</p> <p>Tradução de José Marcos Mariani de Macedo.</p>	<p><b>FONTES EM ALEMÃO:</b></p> <p>_____. Die protestantische Ethik und der Geist des Kapitalismus. In: <i>Gesammelte Aufsätze zur Religionssoziologie</i> [Ensaio Reunidos de Sociologia da Religião]. Band I: J. C. B. Mohr.Tübingen, 1920. [GARS I]</p>
<p>WEBER, Max. <i>A "objetividade" do conhecimento nas ciências sociais</i>. São Paulo: Atica, 2006. Autoria secundária, apresentação, comentários Gabriel Cohn.</p> <p>Tradução Gabriel Cohn.</p>	<p><b>FONTES EM ALEMÃO:</b></p> <p>Weber, M . Die „Objektivität“ Sozialwissenschaftslehre und sozial politischer Erkenntnis. In: <i>Gesammelte Aufsätze zur Wissenschaftslehre</i> [Ensaio Reunidos da doutrina da ciência], J. C. B. Mohr (Paul Siebeck), Tübingen, 4. Auflage. 1973 [1922]. pp. 146-214. [GaW]</p>
<p>WEBER, Max. <i>História geral da Economia</i>. São Paulo: Centauro, 2006. 336p., 21 cm. Bibliografia: p. 335-336. ISBN 8588208784. (broch.).</p> <p>Sem indicação de tradutor.</p>	<p><b>FONTES EM ALEMÃO:</b></p> <p><i>Wirtschaftsgeschichte</i>. Abriß der universalen Sozial- und Wirtschaftsgeschichte [ (von Sigmund Hellmann und Melchior Palyi zusammengestelltes Werk aus Webers Notizen und den Mitschriften seiner Studenten zu seiner letzten vollständig gehaltenen Vorlesung 1919/1920)*. Berlin 1923. [Edição com base na 3 ed. Revista (j. Winkelmann)].</p>
<p>Weber, Max. <i>Escritos Políticos</i>. Tradução: Regis Barbosa e Karen Etsabe Barbosa. (Coleção Folha Grandes Nomes do Pensamento. v. 19). São Paulo: Editora da Folha. 2015.</p>	<p>Sem acesso a informações complementares. A mesma edição da Martins Fontes. Tradução: Regis Barbosa e Karen Etsabe Barbosa.</p>

<p>WEBER, Max. <i>A gênese do capitalismo moderno</i>. Organização, apresentação e comentários: Jessé Souza. Tradução: Rainer Domschke. São Paulo: Ática, 2006. Coleção Ensaios Comentados. 136p.</p>	<p>Sem acesso a informações complementares.</p>
<p>Weber, Max. Estudos políticos: Rússia 1905 e 1917. Apresentação e tradução: Maurício Tragtenberg. S. Paulo: Azougue Editorial. Data 2005.216 páginas</p>	<p>Sem acesso a informações complementares.</p>
<p>Weber, M. Escritos Políticos, de 2014. Martins Fontes (edição datada de 2013, 536p.). Trata-se da primeira publicação nacional do título. A introdução, seleção e edição é de Peter Lassman e Ronald Speirs. Trad. Regis Barbosa; Karen Elsbabe Barbosa. Série Clássicos Cambridge.</p> <p>Weber, Max. Political Writings. ed. by Peter Lassman, Ronald Speirs. Cambridge University Press 1994.</p>	<p>Sem acesso a informações complementares. Baseado na edição: Weber: Political Writings. Max Weber, Peter Lassman, Ronald Speirs. Cambridge University Press, Jun 24, 1994 - History - 390 pages</p> <p>Sem acesso a informações complementares.</p>

Fonte: Elaborado pelo autor com base em pesquisa bibliográfica em acervos digitais, como o Portal de Rede Pergamum, o Portal HEBSCOhost, Biblioteca Nacional, bibliotecas universitárias (várias), Google Books, entre outros, além de biblioteca física.

### 3.2.1.1 Análise por ordem cronológica e por fontes textuais originais das publicações nacionais

#### a) Década de 60

Nos anos 60 três obras fundamentais apresentavam o pensamento de Weber ao Brasil, a saber: *A ética protestante e o espírito do capitalismo* (Pioneira, 1967); *Ensaio de sociologia* (Zahar, 1967); e *História geral da economia* (Mestre Jou, 1968).

A edição de *A ética protestante e o espírito do capitalismo* é apresentada como parte da coleção *Biblioteca Pioneira de ciências sociais: Sociologia*. A edição vem em um encadernado (brochura) contendo uma apresentação da editora na contracapa. A base original do texto utilizado na tradução brasileira são os escritos organizados, inicialmente, por Max Weber e, após seu falecimento, finalizados por



Marianne Weber e publicados por J. C. B. Mohr (Paul Siebeck) em **GARS I** (1920-1921) (a edição utilizada data de 1947). Nesta edição nacional da editora Pioneira constam a “Introdução do Autor” (*Vorbemerkung*). O texto em si é editado por Weber para a segunda edição de 1920 em um único artigo e traz como distintivo – em relação à primeira edição alemã de *A Ética*, editada originalmente em duas partes (1904-1905) – o acréscimo de uma gama de notas complementares. Um corpo de especialistas<sup>70</sup> trabalhou na tradução do volume, citemos: M. Irene de Q. F. Szmrecsanyi, Tamas J. M. K. Szmrecsanyi (tradução direto do alemão), José cavalcanti de Souza, (tradução do grego), e Isaac Nicolau Salum (tradução e transliteração do hebraico).

Também do ano de 1967 é a primeira edição de *Ensaio de sociologia* (Zahar, 1967). O espesso volume é integrante da coleção *Biblioteca de ciências sociais*. A fonte original de *Ensaio* é o material organizado por Hans Heinrich Gerth e Charles Wright Mills, *From Max Weber: Essays in Sociology*, editado pela Oxford University Press Inc., em 1946. A versão nacional, com tradução de Waltensir Dutra, é editada a partir da sexta edição norte-americana, editada pela Galax Book, e data de 1963. O livro traz textos de Weber inéditos no mercado editorial brasileiro, como *Rejeições Religiosas do Mundo e suas Direções* (WEBER, 1967 [1920]). Publicado originalmente em **GARS I**, sob o título *Zwischenbetrachtung: Theorie der Stufen und Richtungen religiöser Weltablehnung*<sup>71</sup>, editado por J. C. B. Mohr (Paul Siebeck) em 1921. A fonte da edição norte-americana para esse texto é a publicação de **GARS I**, de 1947.

O título *História geral da economia*, editado pela Mestre Jou, chega ao público nacional em 1968. A obra é apresentada através de um “Prefácio do tradutor”, Calógeras A. Pajuaba, que realizou a tradução a partir do original *Wirtschaftsgeschichte. Abriß der universalen Sozial- und Wirtschaftsgeschichte* (“História geral da economia: resumo da história social e econômica universal”), compilação de notas de Weber e as transcrições de seus alunos para a sua última palestra realizada em 1919-20, organizadas por Sigmund Hellmann e Melchior Palyi.

---

<sup>70</sup> Na Seção 3.3, trataremos dos especialistas responsáveis pela tradução e apresentação de Weber no Brasil.

<sup>71</sup> *Consideração intermediária: Teoria dos graus e orientações da rejeição religiosa do mundo em Max Weber: Sociologia das religiões* (cf. WEBER, 2006).

## b) Década de 70

No início da década, a editora Cultrix prepara uma edição brasileira dos originais *Wissenschaft als Beruf* (1917-1919) / *Politik als Beruf* (1919). A versão elaborada pela editora paulista desde uma tradução de Leonidas Hegenberg e Octany Silveira da Mota chega às livrarias em 1972, prefaciada por Manoel T. Berlinck. As fontes originais alemãs datam de 1967 e 1968, editadas por Dunker & Hunblot, Berlim.

Em 1974, Maurício Tragtenberg publica pela Abril Cultural uma seleção de escritos weberianos sob o título *Ensaio de sociologia e outros escritos*<sup>72</sup>. A edição compõe o 37º volume da coleção Os Pensadores. O livro traz, inclusive, algumas reimpressões de parte de trabalhos publicados no Brasil na década de 60, a conhecer: o Capítulo IV de *Historia geral da economia*, tradução de Calógeras A. Pajuaba; os Capítulos XIII, XIV e XV de *Ensaio de sociologia*, tradução de Waltensir Dutra; e *A ética protestante e o espírito do capitalismo* (Capítulos II e V), Tradução de Irene de Q. F. Szmrecsanyi. Além dessas compilações, o livro apresenta um texto inédito, traduzido pelo próprio Tragtenberg direto da versão alemã. Trata-se de *Parlament und Regierung im Neugeordneten Deutschland*, extraído da segunda edição de *Gesammelte Politische Schriften*, **GPS**, datada de 1958 e editada por Johannes Winckelmamm, publicado pela J. C. B. Mohr (Paul Siebeck).

Do ano de 1977, temos uma publicação conjunta entre a Martins Fontes, de São Paulo, e a Editorial Presença, de Lisboa, do título *Ensaio sobre a teoria das ciências sociais*<sup>73</sup>. Na consulta à obra física, encontramos dados editoriais e ficha catalográfica insuficientes. A fonte original, por exemplo, não estava indicada na edição. Havia apenas uma indicação da natureza dos textos: “1904-1917”. O Volume contém: *A objetividade do conhecimento nas ciências sociais* (1904); e *Sobre o significado de “neutralidade axiológica” nas ciências sociais* (1917). A Tradução é de Carlos Grifo Babo e, apesar de não podermos checar a fonte original em alemão, os dados editoriais parciais sugerem que a

---

<sup>72</sup>Eventualmente, é possível encontrar referências que citam o livro com o subtítulo “textos selecionados”.

<sup>73</sup>Tivemos acesso à 2ª edição impressa, 1979.

fonte seja mesmo **GaW**, os *Ensaio reunidos da doutrina da ciência*, organizados em 1922.

Em 1979, a editora Ática apresenta a edição inédita do Volume 13 da coleção *Grandes Cientistas Sociais*, Coordenada pelo Professor Florestan Fernandes. Trata-se da publicação *Max Weber: sociologia*, organizada por Gabriel Cohn. A tradução foi assinada por Amélia e Gabriel Cohn, que utilizaram as seguintes fontes alemãs: **GASW**, 1. ed., 1924, **GPS** 3. ed., 1971 [1921]; **GaW** 4. ed., 1973 [1922]; **WuG** 4. ed., 1956 [1921]; e **GARS I** 6. ed. e **GARS II**. 5. ed., 1972 [1920-1921].

### c) Década de 80

Após quatro edições brasileiras bem-sucedidas (1967, 1971, 1974, 1979) a tradução de Waltensir Dutra, com revisão técnica de então professor Fernando Henrique Cardoso, para *From Max Weber: Essays in Sociology*, da Oxford University Press Inc. tem seus direitos de comercialização e de impressão transferidos a editora LTC, que em 1982 lança uma edição “definitiva” de *Ensaio de sociologia*. É a reimpressão periódica dessa quinta edição que chega até nós nos dias atuais.

Em 1987, a editora Moraes publica *Conceitos básicos de sociologia*, com tradução de Rubens E. F. Frias e Gerard Georges Delaunay. Além do “Prefácio da editora”, o volume apresenta um “Prefácio do autor”. A fonte original do texto é a segunda edição de *Wirtschaft und Gesellschaft*, de 1925 [1921], organizada por Marianne Weber a partir do material deixado por Weber para compor a Seção III (*Abteilung III*) do *Grundriss der verstehenden Soziologie*, publicado por J. C. B. Mohr (Paul Siebeck), em 1921. Hrsg. v. Marianne Weber. 2. Auflage. 1925 [1921]. **WuG**.

No ano de 1989, Lólio Lourenço de Oliveira edita, pela Cortez, uma coletânea de textos intitulada *Sobre a universidade: o poder do Estado e a dignidade da profissão acadêmica*. Tivemos acesso à primeira edição, que contava com a apresentação de Maurício Tragtenberg, na ocasião editor da coleção *Pensamento & Ação*, na qual *Sobre a universidade...* figurava exatamente como seu “Volume 1”. Embora a ficha catalográfica apresentasse as fontes originais alemãs, não explicava a origem do conjunto de edição. O volume traz, contudo, uma segunda “Nota introdutória”: trata-se de uma apresentação redigida pelo organizador da coletânea original (edição norte-americana), Edward Shils. A compilação de textos de Weber havia sido organizada e publicada por Shils sob o título *The Power of the State and the Dignity*

of the Academic Calling in Imperial Germany, no décimo primeiro volume da revista *Minerva*, em Outubro de 1973, ganhando uma reimpressão pela Chicago Press, em 1974.

As fontes em língua alemã, privilegiadas por Shils, abarcam os debates em torno do papel da ciência e da universidade, nos quais Weber se envolveu publicamente. Dentre esses textos, destacamos *Der „Fall Bernhard“ und Prof. Delbruck* [Caso Bernhard], de 1908; *Die Lehrfreiheit der Universitäten* (“Liberdade acadêmica das universidades”), de 1909; *Die Handelshochschulen: Eine Entgegnung* (“As escolas superiores de comércio: uma resposta”), de 1911; *Eine Katolische Universität in Salzburg* (“Uma universidade católica em Salzburgo”), de 1917; *Der Sinn der ‚Wertfreiheit‘ der soziologischen und ökonomischen Wissenschaften* (“O sentido da ‘neutralidade axiológica’ nas ciências sociais e econômicas”), de 1917 [GAW 1922]; e *Wissenschaften als Beruf* (“Ciência como Profissão”), publicado pela Duncker und Humblot, em 1919.

#### d) Década de 90

Diferentemente dos trabalhos que priorizaram fontes ou na língua materna de Weber ou fontes na língua inglesa, *Ensaio sobre a teoria das ciências sociais*, publicado pela extinta editora Moraes, em 1991, utiliza fontes em francês. A tradução de Rubens Eduardo Ferreira Frias nos introduz à coleção de artigos weberianos apresentada à França por Julien Freund como parte da Coleção *Recherches en sciences humaines*. A edição francesa, publicada pela Librairie Plon, em 1965, contempla quatro artigos de Weber, a citar: *L'objectivité de la connaissance dans les sciences et la politique sociales* (1904); *Études critiques pour servir à la logique des sciences de la culture* (1906); *Essai sur quelques catégories de la sociologie compréhensive* (1913); e *Essai sur le sens de la “neutralité axiologique” dans les sciences sociologiques et économiques* (1917)<sup>74</sup>. A fonte original de referência é a coletânea de ensaios **GaW**, de 1922.

---

<sup>74</sup> Na edição brasileira: “A objetividade do conhecimento na ciência e na política social” (1904); “Estudos críticos no campo da lógica das ciências da cultura” (1905-6); “Ensaio sobre algumas categorias da sociologia

Em 1991, mais uma publicação singular chega até o público brasileiro. Trata-se da primeira edição nacional de *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*, traduzida diretamente do idioma alemão. Traduzida por Régis Brabosa e Karen E. Barbosa, a base textual tomada como referência é a quinta edição alemã de *Wirtschaft und Gesellschaft: Grundriss der verstehenden Soziologie*, de 1976 [WuG 1921], revista e organizada por Johannes Winckelmann. A Revisão técnica da edição brasileira fica aos cuidados de Gabriel Cohn e a publicação a encargo da Editora da Universidade de Brasília. A primeira edição é rodada da Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, em volume único. Nas edições posteriores, a obra seria dividida em dois volumes. A edição, além de expor uma apresentação de Gabriel Cohn, traz os prefácios à primeira e à segunda edições, assinados por Marianne Weber [1921; 1925], e os prefácios à quarta e à quinta edições, assinados por Johannes Winckelmann [1955; 1976].

Outra publicação de destaque chega em 1992. A editora paulistana Cortez, em parceria com a editora da Unicamp, lançam *Metodologia das ciências sociais* (partes 1 e 2). A Introdução à edição brasileira fica a cargo de Maurício Tragtenberg e inclui o “Prefácio do editor alemão”, Johannes Winckelmann, datado de 1966. A tradução é de Augustin Wernet, que se valeu da quarta edição de *Gesammelte Aufsätze zur Wissenschaftslehre (GAW)* (“Ensaio Reunidos da doutrina da ciência”), publicada por J. C. B. Mohr (Paul Siebeck), em 1973 [1922]. Abaixo (Imagem XXX), as fontes originais dos escritos de Weber que compreendem a edição de **GAW**.

---

compreensiva" (1913); "Ensaio sobre o significado de 'neutralidade ética' nas ciências sociológicas e econômicas e ciências da cultura" (1917).

**Imagem XXX** – Das fontes originais que compõem a edição **GAW**.

*Fontes originais*

Schmollers Jahrbuch. 27., 29., 30. Jahrgang. 1903-1906.  
 Archiv für Sozialwissenschaft und Sozialpolitik. 19. Bd. 1904.  
 Archiv für Sozialwissenschaft und Sozialpolitik. 22. Bd. 1906.  
 Archiv für Sozialwissenschaft und Sozialpolitik. 24. Bd. 1907.  
 Aus dem Nachlass.  
 Archiv für Sozialwissenschaft und Sozialpolitik. 27. Bd. 1908.  
 Archiv für Sozialwissenschaft und Sozialpolitik. 29. Bd. 1909.  
 Logos. Band 4. 1913.  
 Aus dem Nachlass. Preussische Jahrbücher. 187. Bd. 1922.  
 Logos. Band 7. 1918.  
 Grundriss der Sozialökonomik. III. Abteilung: Wirtschaft und  
 Gesellschaft, I. Teil. Kapitel I, §§ 1-7. 1921.  
 Vortrag. 1919.

Fonte: Ficha catalográfica de *Metodologia das ciências sociais* (4. ed., v. 1, de 2001).

No ano de 1993, a editora Vozes publica o artigo *Parlamento e governo na Alemanha reordenada: crítica política da burocracia e da natureza dos partidos*. A publicação é parte da coleção “Clássicos do pensamento político”, sob a marca de “Volume 30”. A tradução é feita por de Karin Bakke de Araújo e não dá indicações da fonte original. Como não conseguimos recuperar essa informação até o fechamento deste trabalho, há, pelo menos, duas possibilidades a explorar. Primeiramente, a indicação do subtítulo “crítica política da burocracia e da natureza dos partidos” remete à publicação original do artigo de Weber *Parlament und Regierung im neugeordneten Deutschland. Zur politischen Kritik des Beamtentums und Parteiwesens*, de maio de 1918. A outra possibilidade é que o artigo tenha sido traduzido a partir organização de *Gesammelte Politische Schriften (GPS)*, publicada por J. C. B. Mohr (Paul Siebeck), contudo essa edição não apresenta o subtítulo acima descrito<sup>75</sup>.

---

<sup>75</sup> A **GPS** apresenta *Parlament und Regierung im neugeordneten Deutschland* sem indicação de subtítulo, mas com as seguintes subseções: *Vorbemerkung* [Introdução do autor] (p.306); I. *Die Erbschaft BISMARCKS* (p.311); II. *Beamtenherrschaft und politisches Führertum* (320); III. *Verwaltungsöffentlichkeit und Auslese der politischen Führer* (351); IV. *Die*

Em 1994, a editora Martins Fontes publica *História agrária romana*. O volume de 283 páginas compõe a coleção *O Homem e a história*. Com prefácio do autor, a Tradução de Eduardo Brandão toma como texto de referência a versão em espanhol (não descrita ou referenciada na ficha catalográfica) de *Romische Agrargeschichte* (1892).

Leopoldo Waizbort, em 1995, traduz do idioma alemão *Os fundamentos racionais e sociológicos da música*, de 1911. O texto publicado pela editora EdUSP, como o primeiro volume da coleção *Clássicos*, é prefaciado por Gabriel Cohn, e Waizbort, além de escrever a introdução, compõe notas assessorias à edição. A principal fonte de Waizbort é *Die rationalen und soziologischen Grundlagen der Musik*, publicada na quarta edição alemã de em **WuG** (1956), organizada por Winckelmann. Além da fonte alemã, Leopoldo Waizbort cotejou o material com a versão mexicana *Los fundamentos Racionales y Sociológicos de la música*, de 1964<sup>76</sup>, e com a versão norte-americana *Rational and Social Foundations of Music*, de 1958<sup>77</sup>.

No ano de 1997, ocorre uma reedição de *Ensaio de sociologia e outros escritos. Textos selecionados*, publicado pela Abril Cultural, originalmente, em 1974 (*Os Pensadores*, 37). Com introdução de Maurício Tragtenberg, a edição reapresenta os textos anteriores, mas acrescenta à tradução de Maurício Tragtenberg, a *Parlamentarismo e governo numa Alemanha reconstruída*, os créditos de revisão a Cássio Gomes. A coletânea reeditada recebeu o título de *Max Weber: textos selecionados* e acompanha a reformulação da editora, que agora passa a se chamar “Nova Cultural”. O volume é parte da coleção *Os Economistas*<sup>78</sup>.

*Beamtenherrschaft in der auswärtigen Politik* (369); V. *Parlamentarisierung und Demokratisierung* (382); VI. *Parlamentarisierung und Föderalismus* (406). (cf. **GPS**, org. J. Winckelmann, Tübingen, J. C. B. Mohr (Paul Siebeck) p. 306-443 (9. edição, de 1988, p. ex.).

<sup>76</sup> *Los fundamentos Racionales y Sociológicos de la música*, Apêndice a *Economía e Sociedad*, México, Fondo de Cultura Económica, 1964. [**GaW**].

<sup>77</sup> *Rational and Social Foundations of Music*, Southern Illinois University Press Inc., 1958. [**GaW**].

<sup>78</sup> Cf. Alínea b) “Década de 70”.

### e) De 2000 aos dias atuais

Em 2001, a Centauro lança sua edição de *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. A tradução é de Vinícius Eduardo Alves, direto da língua alemã, tomando como fonte a 2ª edição alemã, de 1920, publicada em **GARS I**.

O ano de 2001 também traz a publicação de *Ciência e política: duas vocações*, pela Martin Claret. A edição tem tradução de Jean Melville e é parte da Coleção A Obra-Prima de Cada Autor. Melville utilizou fontes em alemão, com base nos textos originais: *Wissenschaft als Beruf*, de 1917-1919, e *Politik als Beruf*, de 1919, em sua edições de 1967 e 1968, da editora de Dunker & Humblot, de Berlim. Em 2002, também pela coleção A Obra-Prima de Cada Autor, a editora Martin Claret lança a sua edição de *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. A organização do volume é de Sílvio L. Sant'Anna, que assina a Introdução. A tradução é de de Pietro Nasseti, que utiliza fontes em inglês e alemão, mais especificamente *Die Protestantische Ethik und der Geist des Kapitalismus*. Durante o processo de tradução, a versão inglesa, de Talcott Parsons, editada pela *Harvard University*, foi cotejada por Pietro Nasseti em relação à versão alemã, **GARS I**.

No ano de 2003, a editora UnB lança *A política como vocação*. Com Tradução de Maurício Tragtenberg. A fonte utilizada é a *Gesammelte Politische Schriften*, **GPS**, que contém a versão de *Politik als Beruf*, 1919.

Também em 2003, a Centauro Editora (antiga editora Moraes) reedita *Ensaio sobre a Teoria das Ciências Sociais*, com Tradução de Rubens Eduardo Ferreira Frias, que já havia sido editada no catálogo da Editora Moraes em 1991<sup>79</sup>.

No ano de 2004, a Companhia das Letras apresenta a edição de *Ética e o "Espírito" do Capitalismo*. A apresentação, a edição e a revisão técnica são de Antônio Flávio Pierucci, que recupera as aspas do título, como na primeira edição em que o artigo apareceu no *Archiv für Sozialwissenschaft und Sozialpolitik*, em 1904-1905. A grafia do título *Die protestantische Ethik und der 'Geist' des Kapitalismus* foi alterada pelo próprio Weber, que excluiu as aspas do título para a edição de 1920, publicada em **GARS I**. A tradução desta edição é de José Marcos

---

<sup>79</sup> Cf. Alínea d) “Década de 90”.



Mariani de Macedo, com cotejamentos entre a edição de 1904-1905 (Archiv) e 1920 (**GARS I**).

Em 2005, a editora Azougue Editorial publica *Estudos políticos: Rússia 1905 e 1917*, com apresentação e tradução de Maurício Tragtenberg. A edição apresenta três artigos inéditos no Brasil, nos quais Weber acompanha e comenta as tensões políticas na Rússia que culminariam na Revolução de 1917.

De 2006, temos a publicação da edição comentada de *A "objetividade" do conhecimento nas ciências sociais*, pela editora Ática, na coleção *Ensaio Comentados*. Autorias secundárias, apresentação, comentários e tradução são assinados por Gabriel Cohn, que utiliza como fonte-base os escritos publicados em **GAW**, *Die „Objektivität“ Sozialwissenschaftslehre und sozial politischer Erkenntnis*, especificamente a quarta edição, de 1973 [1922], publicada por J. C. B. Mohr (Paul Siebeck).

Também no ano de 2006, temos outra publicação de *História geral da Economia*, pela Centauro, com tradução de Klaus von Puschen, direto de *Wirtschaftsgeschichte. Abriß der universalen Sozial- und Wirtschaftsgeschichte* (“História econômica”), editado na Alemanha por Sigmund Hellmann e Melchior Palyi, em Berlim, 1923. O texto traz compilações a partir das anotações de Weber e das transcrições de seus alunos de seu último curso integralmente oferecido, entre 1919-1920. Na edição nacional, o tradutor toma como base a terceira edição revista por Johannes Winckelmann.

Em 2007, a editora Ática oferece mais um artigo de Weber como parte da coleção *Ensaio Comentados*. Trata-se de *A gênese do capitalismo moderno*. O texto é acompanhado de apresentação e comentários de Jessé Souza, que também é responsável pela organização do volume; já a tradução é de Rainer Domschke. Não tivemos acesso à obra física para checar outras informações.

Em 2014, a editora Martins Fontes lança *Escritos Políticos* (edição datada de 2013, 536p.). Trata-se da primeira publicação nacional do título. Até o fechamento deste trabalho, não tivemos acesso a nenhum exemplar físico da edição, tampouco informações mais detalhadas que confirmassem a edição original de Peter Lassman e Ronald Speirs, bem como a tradução de Regis Barbosa e Karen Elsabe

Barbosa<sup>80</sup>. Destarte, reproduzimos a sinopse oficial apresentada pela editora:

*Os textos presentes nesta edição abarcam a carreira de Weber e incluem suas primeiras palestras, além de outros textos mais curtos. Juntos, eles ilustram o desenvolvimento de seu pensamento acerca do destino da Alemanha e a natureza da política no Estado moderno ocidental em uma era de "desencantamento" cultural. A Introdução discute os temas centrais no pensamento político de Weber, e uma cronologia, notas e bibliografia anotada o posicionam em seu contexto intelectual e político (Editora Martins Fontes Paulista)<sup>81</sup>.*

Problemas semelhantes encontramos ao tentarmos recuperar informações a respeito de outra edição de *Escritos Políticos*, lançada em outubro de 2015, editada pela Folha de São Paulo como parte de coleção *Grandes Nomes do Pensamento*, nº 19. Abaixo, reproduzimos o *realese*<sup>82</sup> da editora:

*A modernidade, para Max Weber (1864-1920), é a cristalização de um longo processo histórico caracterizado pela progressiva racionalização do mundo ou, visto do avesso, pelo seu desencantamento. Na religião, o protestantismo europeu, com seus rebentos no norte da América, é a forma mais desenvolvida dessa lenta decantação. Na economia, prevalece o capitalismo industrial das grandes corporações.*

---

<sup>80</sup> Exceto por duas fontes aleatórias e “não oficiais”: um indexador de livros e arquivos digitais, WordCat, que indica os nomes dos editores originais e dos tradutores brasileiros (Disponíveis em: <<http://www.worldcat.org/title/escritos-politicos/oclc/894714111>>.) e uma nota promocional de jornal, publicada em 07/06/2014, indicando os nomes de Peter Lassman e Ronald Speirs (Disponível em: <[http://divirta-se.uai.com.br/app/noticia/pensar/2014/06/07/noticia\\_pensar,155838/lancamento\\_s.shtml](http://divirta-se.uai.com.br/app/noticia/pensar/2014/06/07/noticia_pensar,155838/lancamento_s.shtml)>.

<sup>81</sup> Disponível em: <<http://www.martinsfontespaulista.com.br/escritos-politicos-468842.aspx/p>>.

<sup>82</sup> Disponível em: <[http://nomesdopensamento.folha.com.br/weber-volume\\_19.html](http://nomesdopensamento.folha.com.br/weber-volume_19.html)>.

*Seu paralelo na política é o Estado impessoal, dominado pelas leis e por um profundo e extenso aparato burocrático, cujo funcionamento depende de um corpo de funcionários regular e especializado. Como equacionar a ebulição e o dinamismo da sociedade de massas com o fato institucional da dominação legal-burocrática, em especial na conflagrada Alemanha da virada para o século XX, é a difícil questão que o autor enfrenta nestes escritos.*

*Vinícius Mota, Secretário de Redação da Folha.*

A tradução do volume é de Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa, que já haviam trabalhado na tradução de *Economia e Sociedade* (WEBER, 1991 [1921]) organizada por Gabriel Cohn. A mencionada tradução indica uma possível reimpressão da edição da Martins Fontes, informação que não conseguimos confirmar até o fechamento deste trabalho.

### 3.3 DOS ATORES E SEUS INTERESSES: TRADUTORES E EXPERTS

Com base no mapeamento que apresentamos ao longo do Capítulo II, é possível delinear um traçado sobre os principais centros acadêmicos irradiadores do pensamento de Weber no Brasil. Para tanto, iniciamos com uma leitura feita por Sell (2014) acerca da *dinâmica de conteúdo* das discussões weberológicas no país, em atenção aos elementos de ordem sócio-institucional:

Neste caso, refiro-me aos centros de pesquisas em que esta discussão foi realizada. Mesmo partindo de um procedimento simples, como o levantamento bibliográfico, descortina-se logo como a pesquisa brasileira sobre Weber tem como seu centro irradiador o Estado de São Paulo, mormente em instituições ligadas à própria origem do campo das ciências sociais no Brasil: USP e UNICAMP. Em ambos os centros de pesquisa o estudo das premissas metodológicas da obra de Weber foi uma preocupação compartilhada (e ainda constante), mas é especialmente na UNICAMP que o debate sobre a dimensão política da obra de Weber foi mais

saliente, destacando-se a Universidade de São Paulo na discussão sobre sua sociologia da religião. Mais recentemente, contudo, a produção especializada sobre Max Weber vem se tornando mais descentralizada e pluralizada, e novos centros de difusão emergem, como é o caso de Brasília (UnB), Belo Horizonte (UFMG), Florianópolis (UFSC) e Rio de Janeiro (IUPERJ/UERJ), Rio Grande do Sul, Sergipe (UFS), além de diversos trabalhos que surgem esporadicamente nos mais diversos âmbitos acadêmicos (SELL, 2014, p. 13).

Como já realizamos anteriormente (Subitem 3.2.1.1) uma incursão sobre os aspectos editoriais da recepção de Weber no meio nacional, quando foram citados os nomes de obras e de profissionais envolvidos, a exposição a seguir poderá tomar uma nuance secundada; contudo, dedicaremos este espaço às pessoas envolvidas na apresentação e tradução desses trabalhos. Dito de modo mais claro, nesta seção dedicaremos atenção aos atores diretamente ligados à introdução da obra de Weber no Brasil e, sempre que possível, daremos alguns indicativos da filiação de tais atores a núcleos institucionais, principalmente acadêmicos. Embora consideremos que o histórico biográfico de cada um desses atores é também pertinente para uma análise mais aprofundada das relações sociais e correlações sociológicas estabelecidas no âmbito do envolvimento institucional, para os limites deste trabalho faremos apenas breves apontamentos, a maioria ligada mais diretamente às informações técnico-profissionais, principalmente aquelas informadas pelos próprios atores em meios formais, como a Plataforma Lattes.

O primeiro especialista que citamos é Maurício Tragtenberg. Preocupado com as consequências dos excessos da organização burocrática e do capitalismo (MISOCZKY, 2013; SELL, 2014), Tragtenberg, intelectual de orientação trotskista (SELL, 2014), procurou sempre vincular seus trabalhos à realidade material e à práxis. Como nos informa Misoczky (2013, p. 16), na década de 40 Tragtenberg “já se encontrava atuando no movimento libertário de São Paulo, e assim se manteve ao longo de sua vida”. Intelectual autodidata, Maurício Tragtenberg frequentava os cursos do professor Antonio Candido, na USP, e, segundo sua esposa Beatriz (FERRAZ, 2013), sob forte incentivo de Candido, juntou “todas as suas ideias até então, e fez um

livro<sup>83</sup>, e então entrou na FFLCH/USP, a única que possibilitava esse tipo de acesso (TRAGTENBERG, B. apud FERRAZ, 2013, p. 5).

Desde os 20 anos que ele reviu todas as posições. Ele se dizia, brincando, ser um marxista-anarquista, o que, claro, é uma aberração. E era isso mesmo que ele era, uma aberração. E ele acreditava em Weber. E o Max Weber, que era um pensador liberal, era um genial pensador, que conseguiu dar uma excelente contribuição para o estudo da sociedade. Então, era uma coisa um pouco estranha ao academicismo. E como dizia o professor Antonio Candido, onde perpassava uma “formosa” liberdade, foi com aquele livro que ele entrou na faculdade. Porque ele entrou pra faculdade fazendo um livro. Ele não tinha tido nem colégio nem ginásio, ele só tinha o primário (TRAGTENBERG, B. apud FERRAZ, 2013, p. 6).

Após 12 anos de instabilidade profissional, devido a perseguições de cunho político-ideológico nos *Anos da Repressão* (FERRAZ, 2013, p. 8), Tragtenberg consegue relativa estabilidade, tornando-se professor efetivo em três instituições: na UNICAMP, onde foi convidado a dar aulas e ficou até sua aposentar, na PUC e na Fundação Getúlio Vargas (FGV). Além da vida acadêmica, Maurício também participou de debates da vida pública, manifestando abertamente suas análises em jornais de grande circulação, como *Notícias Populares* (SP), *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo* (FERRAZ, 2013).

A influência de Tragtenberg para a entrada e repercussão de Weber no Brasil é decisiva. Em 1974, ele lança pela Abril Cultural a coletânea de artigos de Weber *Ensaio de sociologia e outros escritos: textos selecionados*, como parte da coleção *Os pensadores*. Além de algumas reedições de material já publicado no Brasil, a coletânea inclui uma tradução, realizada pelo próprio Tragtenberg, de *Parlamentarismo*

---

<sup>83</sup> Reeditado dentro das *Obras Completas*, a Coleção Maurício Tragtenberg, atualizou o título da obra. Originalmente, o livro se chamava *Planificação: desafio do século XX*, e o título novo ficou *O capitalismo no século XX* (Cf. TRAGTENBERG, B. apud FERRAZ, 2013).

e governo numa Alemanha reconstruída<sup>84</sup>. No ano de 1989, Tragtenberg assina a introdução de uma coletânea de artigos traduzidos por Lólio Lourenço de Oliveira, sociólogo e tradutor, nos quais Weber enfrenta as dificuldades do sistema acadêmico frente a uma Alemanha em processo de modernização. Os artigos são publicados pela Cortez, sob o título nacional *Sobre a universidade: o poder do Estado e a dignidade da profissão acadêmica*. Já na sua estada na UNICAMP, Maurício Tragtenberg realiza e apresenta a primeira edição brasileira integral dos escritos epistemológicos de Weber, *Ensaio reunidos da Doutrina da ciência*, organizados por Marianne Weber e publicados em 1922 (GaW). Os dois volumes, publicados em 1992 e 1995, respectivamente, foram traduzidos por Augustin Wernet e trazem o título nacional *Metodologia das ciências sociais*. Wernet possui graduação em Filosofia, História e Latim pela Albert-Universität (1959), graduação em História pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (1970), especialização em Filosofia pela Escola Superior de Filosofia e Teologia da Congregação do Espírito Santo (1963), especialização em Teologia pela Escola Superior de Filosofia e Teologia da Congregação do Espírito Santo (1965), doutorado em História Social pela Universidade de São Paulo (1973) e Pós-Doutorado pela Universidade de São Paulo (1986)<sup>85</sup>. A publicação é uma parceria entre as editoras Cortez, de São Paulo, e a Editora da UNICAMP, de Campinas.

Do ano de 2003, surge a publicação avulsa da tradução de Tragtenberg para *A política como vocação*, lançada pela editora da UnB. Por fim, citamos a tradução mais recente de escritos de Weber realizada por Tragtenberg, uma obra tardia que revela em muito a afinidade do intelectual brasileiro com as preocupações que Weber tinha a respeito dos excessos da formação burocrática estatal. Trata-se de *Estudos políticos: Rússia 1905 e 1917*, publicada pela paulistana Azougue Editorial, em 2005.

---

<sup>84</sup> Fonte do original: WEBER, Max. *Parlament und Regierung im Neugeordneten Deutschland*. In: *Gesammelte Politische Schriften*, J. C. B. Mohr (Paul Siebeck), Tübingen, 1958, 2. ed. v. J. Winkelmann. p. 294-394. (GPS).

<sup>85</sup> Fonte: Plataforma Lattes. Disponível em:

<<http://lattes.cnpq.br/1719736663107531>>. Acesso em: dez. 2015.

O próximo nome que abordaremos é de um pesquisador dono de trajetória intelectual muito ativa e de uma carreira consolidada como cientista social. Gabriel Cohn, um filho da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP), graduou-se naquela casa em Ciências Sociais, em 1964, lá obteve os títulos de Mestre em Ciências Sociais (Sociologia), em 1967, e de Doutor em Sociologia, em 1971; obteve sua livre-docência em Sociologia, em 1977; tornou-se Professor Adjunto em 1982, Professor Titular em 1985 e Professor Emérito em 2011. Conforme o texto informado pelo próprio autor em seu Currículo Lattes<sup>86</sup>, esteve à frente, ou diretamente conectado, a diversas instituições e agências ligadas a interesses acadêmicos e científicos. Foi presidente da Associação dos Sociólogos do Estado de São Paulo (1983-85); presidente da Sociedade Brasileira de Sociologia (1985-87) e presidente da ANPOCS (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (2005-2006). Foi diretor da FFLCH/USP (2006-2008). Cohn foi editor da revista *Lua Nova* do Centro de Estudos de Cultura Contemporânea (Cedec) (1991-2003). Aposentou-se em 2008 e atualmente é Professor Visitante na Universidade Federal de São Paulo, na Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Campus de Guarulhos, pelo Programa Professor Visitante Nacional Sênior da CAPES.

O professor Cohn assinou alguns trabalhos em parceria com sua esposa, também socióloga, professora e pesquisadora, Amélia Cohn. Amélia Cohn igualmente se destaca por uma carreira frutífera. Conforme texto descritivo de seu currículo Lattes<sup>87</sup>, formou-se em Ciências Sociais em 1968, pela FFLCH/USP, concluiu o Mestrado em Sociologia em 1972, e o Doutorado em 1980. É professora aposentada da USP, onde lecionou de 1971 até 2009, no Departamento de Medicina Preventiva da Faculdade de Medicina, pesquisadora do Cedec desde 1980. De agosto de 2008 até dezembro de 2013 foi professora permanente do Programa de Mestrado (e a partir de 2013 também do de Doutorado) em Saúde Coletiva da Unisantos. Foi Professora Visitante da UFRJ em 2007. É membro da Associação Brasileira de Pós-

---

<sup>86</sup> Disponível em <<http://lattes.cnpq.br/1149340244513528>>. Acesso em: dez. 2015.

<sup>87</sup> Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/2371365646248988>>. Acesso em dez. 2015.

Graduação em Saúde Coletiva (Abrasco) e da Associação Nacional de Pós-Graduação em Ciências Sociais (Anpocs).

O nome de Gabriel Cohn esteve ligado à introdução nacional de várias obras de Max Weber, seja como tradutor, apresentador, comentador ou organizador. Podemos citar a coletânea organizada por Gabriel Cohn – cuja tradução foi um dos trabalhos assinados em parceria com sua esposa, Amélia Cohn – com textos integralmente atribuídos a Weber, *Max Weber: sociologia*, de 1979 (mesmo ano em que Cohn lança seu *Crítica e resignação: fundamentos da sociologia de Max Weber*, que recebeu, em 2003, uma edição atualizada, pela Martins Fontes, sob o título *Crítica e resignação: Max Weber e a teoria social*). O título *Max Weber: sociologia* era o 13º volume da coleção *Grandes cientistas sociais*, coordenada por Florestan Fernandes. Além da organização do volume, Cohn redige uma introdução que não apenas apresenta o Weber ao público nacional, mas situa-o no contexto temático da produção dos trabalhos apresentados naquele volume.

Há outras obras de Weber no meio nacional cuja rubrica final é de Gabriel Cohn. A edição brasileira de *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*, datada de 1991 (1. ed. em volume único), traz a tradução completa de Leopoldo Waizbord, baseada na 5ª edição alemã. Revisada por Johannes Winkelmann, com a tradução nacional de Régis Barbosa e Karen E. Barbosa, a obra encerra toda a revisão técnica aos cuidados de Cohn. Waizbord também fez sua trajetória na USP, graduado em Ciências Sociais, em 1987, mestrado em sociologia em 1992 e doutorado em sociologia em 1996. Obteve a livre-docência em 2003, e em 2010 tornou-se professor titular daquela instituição.

Em 2006, a editora Ática publica o famoso ensaio de Weber *A "objetividade" do conhecimento nas ciências sociais*, apresentado, traduzido e comentado por Gabriel Cohn. Podemos citar, também, o prefácio que Cohn escreve à tradução brasileira (de Leopoldo Waizbord) de *Os fundamentos racionais e sociológicos da música*, lançada pela EdUSP em 1995. O prefácio de Cohn, *Como um hobby ajuda a entender um grande tema*, dá orientação ao leitor de como a questão da racionalização da música ocidental traz em si os mesmos traços culturais característicos do Ocidente que deram origem ao capitalismo ocidental moderno, de tipo racional.

Figura aqui também Fernando Henrique Cardoso, bastante conhecido cenário nacional, não apenas por seu trabalho acadêmico, mas também pela longa carreira política, iniciada em 1978, quando de



sua eleição para Suplente de Senador da República pelo Estado de São Paulo, pelo Movimento Democrático Brasileiro (MDB). Como acadêmico, Fernando Henrique teve uma carreira marcada por colaborações internacionais e plurinstitucionais. Realizou pesquisas de cunho étnico, como *Relações raciais entre negros e brancos no Brasil Meridional*, de 1955, e ligadas a questões de desenvolvimento do mundo do trabalho, como *A estrutura da empresa industrial em São Paulo*, de 1961, e *Emprego e marginalidade*, de 1969. Sua trajetória como pesquisador e docente tem início em 1952, com seu Licenciamento em Ciências Sociais, seguido de Especialização em Sociologia, 1953, Doutorado em Ciências, 1961, todos pela FFLCH/USP, e curso de pós-graduação no Laboratoire de Sociologie Industrielle, na Universidade de Paris, 1962/63. Obteve a livre-docência em Sociologia pela FFLCH/USP, em 1963, e em 1968 tornou-se Professor Titular da cátedra de Ciência Política, também daquela instituição. O nome de Fernando Henrique Cardoso está ligado à recepção de Weber no Brasil, sobretudo, pela revisão técnica que realizou da coletânea *Max Weber: ensaios de sociologia*, publicada pela editora Zahar, do Rio de Janeiro, em 1967. O volume é parte da coleção *Biblioteca de ciências sociais* e é traduzido a partir da coletânea organizada por Hans Heinrich Gerth e C. Wright Mills, *From Max Weber*<sup>88</sup>. Essa tradução é feita por Waltensir Dutra, que foi membro diretor da Associação Brasileira de Tradutores (ABRATES) e presidente do Sindicato Nacional dos Tradutores (SINTRA)<sup>89</sup>. A quinta edição nacional revista é a que chega até nós nos dias atuais, publicada pela LTC. À época do lançamento da obra, Fernando Henrique Cardoso ocupava a função de Diretor Adjunto e Coordenador de Pesquisas da Divisão Social do Instituto Latinoamericano de Planificación Económica y Social (ILPES), Nações Unidas, Santiago, Chile.

Ao lado de Fernando Henrique Cardoso e Roberto Schwarz, e outros professores afastados da atividade acadêmica pela Ditadura Civil Militar, está o nome de Manoel T. Berlinck como o da primeira geração de pesquisadores do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEBRAP). Manoel T. Berlinck graduou-se Bacharel em Ciências Sociais em 1961, e Mestre em Ciências Sociais em 1964, ambos pela

---

<sup>88</sup> Editado em 1946, pela Oxford University Press.

<sup>89</sup> Fonte: ABRATES <<http://abrates.com.br/>>.

Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo; Ph.D. pela Cornell University, em 1969, e Pós-Doutorado em 1975. Como professor de Sociologia, atuou na Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas, entre 1969 e 1972, e no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), entre 1972 e 1992. Foi também diretor do IFCH da UNICAMP (1972-1976)<sup>90</sup>. À essa época, Manoel T. Berlinck assinou o prefácio de *Ciência e política: duas vocações*, publicado pela Cultrix em 1972. A edição encontra-se, atualmente, em sua 18ª edição, com 2ª reimpressão de 2011, e foi traduzida por Leonidas Hegenberg e Octany Silveira da Mota. Hegenberg, que possui graduação em Filosofia pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras (1958), graduação em Matemática e Física pela Universidade Mackenzie (1950), especialização em Lógica e Filosofia da Ciência pela University of California (1962) e doutorado em Filosofia pela Universidade de São Paulo (1968)<sup>91</sup>, tem diversos trabalhos traduzidos em parceria com Octanny Silveira da Mota.

Outro notório estudiosos do pensamento de Weber, Jessé Souza, professor titular de Ciência Política da Universidade Federal Fluminense (UFF), tem discutido o pensamento de Weber em diversas ocasiões<sup>92</sup>. Pela organização, citamos, aqui, a edição de *A gênese do capitalismo moderno*, de 2006, publicada pela editora Ática como parte da Coleção Ensaio Comentados. O artigo de Weber é apresentado e comentado por Jessé Souza, já a tradução é do profissional alemão, residente em Portugal, Rainer Domschke. Jessé Souza é graduado em Direito (1981) e titulado Mestre em Sociologia (1986) pela Universidade de Brasília (UnB). Seu doutorado em Sociologia foi realizado na Karl Ruprecht Universität, de Heidelberg, na Alemanha (1991), sob orientação direta do professor Wolfgang Schluchter – um dos maiores especialistas atuais em Max Weber e um dos organizadores da MWG. Jessé Souza também tem um pós-doutorado em filosofia e psicanálise na New School for Social research, de Nova Iorque (1994-1995), e livre-docência em

---

<sup>90</sup> Fonte: Plataforma Lattes. Disponível em:

<<http://lattes.cnpq.br/0233197996647701>>. Acesso em: dez. 2015.

<sup>91</sup> Fonte: Plataforma Lattes. Disponível em:

<<http://lattes.cnpq.br/6263429492189335>>. Acesso em: dez. 2015.

<sup>92</sup> Por exemplo, Souza (1994, 1998).

sociologia pela Universität Flensburg, Alemanha (2006). Tem um largo histórico de cooperações científicas nacionais e internacionais e tem dado atenção a estudos em teoria social, pensamento social brasileiro e estudos teórico/empíricos sobre desigualdade e classes sociais no Brasil contemporâneo.

Em 2004, Antônio Flávio Pierucci apresentou, com os cuidados de sua revisão técnica, uma nova edição para o conhecido ensaio de Weber, *A ética e o “espírito” do capitalismo*, lançado pela Companhia das Letras, com tradução de José Marcos Mariani de Macedo, que é graduado em Direito pela Universidade de São Paulo (1992), com Mestrado em Letras: Língua e Literatura Alemã (1997) e doutorado em Letras Clássicas (2007) pela Universidade de São Paulo. Já o professor Pierucci, realizou sua graduação em Filosofia, em 1973, defendeu o título de Mestre em Ciências Sociais, em 1977, ambos pela PUC-SP, e de Doutor em Sociologia, em 1985, pela USP. Também nessa instituição, obteve sua livre-docência, em 2001. Foi Professor Titular do Departamento de Sociologia da USP. Esteve como secretário executivo da ANPOCS por dois mandatos (1992-1996) e foi Secretário Geral da SBPC, Sociedade Brasileira para o Progresso Ciência (2001-2003). Foi pesquisador do CEBRAP (SP) por 17 anos (1971-1987), com participação nos mais diferentes projetos de pesquisa empírica e teórica. Seus interesses de pesquisa incluem Sociologia da Religião, Teoria Sociológica Alemã, Sociologia Urbana e Sociologia Política com foco em Comportamento Eleitoral<sup>93</sup>.

Com pesquisas ligadas à Educação, Sociologia da Religião e do Conhecimento, Sílvio Luiz Sant'Anna assina a organização e a Introdução de *A ética protestante e o espírito do capitalismo* editada pela Martin Claret, em 2002, como parte da coleção *A Obra-Prima de Cada Autor*. Na ocasião da publicação, ocupava a função de diretor-executivo do Centro de Estudos Ásia/Pacífico (CEAP), e coordenava o grupo de pesquisa Religião, Estado e Sociedade da Associação Brasileira de História das Religiões (ABHR). Sílvio Luiz Sant'Anna é Graduado em Estudos Sociais com habilitação em História, pela Faculdade de Ciências e Letras Teresa Martin (1994), possui Especialização em Ciências Sociais pela Fundação Escola de Sociologia

---

<sup>93</sup> Fonte: Plataforma Lattes. Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/8326373409734809>>. Acesso em: dez. 2015.

e Política de São Paulo (1995) e Especialização em MBA - Gestão de Marketing (2006); obteve Mestrado em Ciências da Religião (2002), Doutorado em Antropologia (2013), ambos pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC/SP, Brasil<sup>94</sup>. Ele também organizou, pela Martin Claret, *O Manifesto do Partido Comunista*, de Marx e Engels.

Quatro nomes estiveram envolvidos com a tradução de *A ética protestante e o espírito do capitalismo* de 1967, pela editora Pioneira, com base na versão de 1920 de Marianne Weber (**GARS I**). A tradução direta do alemão esteve a cargo de Tamás J. M. K. Szmrecsanyi e Irene de Q. F. Szmrecsanyi. Tamás Szmrecsanyi possui formação em Filosofia pela USP (1961), Mestrado em Economia pela New School for Social Research, New York (1969) e Doutorado em Ciência Econômica pela UNICAMP (1976) e livre-docência em Economia, pela UNICAMP, em 1985. Irene Szmrecsanyi possui Graduação em Ciências Sociais pela USP (1963), Mestrado em Sociologia e Ciência Política na Graduate Faculty of Political and Social Sciences, New School for Social Research (1967), Doutorado em Sociologia pela USP (1980) e Pós-Doutorado na Universidade de Oxford (1990), Aposentou-se pela USP em 2008. A tradução do idioma grego ficou aos cuidados de José Cavalcanti de Souza, na ocasião, professor da Faculdade de Letras da USP. Por último, a tradução e transliteração do idioma hebraico foi realizada por Isaac Nicolau Salum, professor titular no curso de Letras Clássicas, da FFLCH/USP, nas disciplinas de Filologia e Linguística Românica.

Rubens Eduardo Ferreira Frias tem duas obras de Weber creditadas como tradutor, são elas: *Conceitos básicos de sociologia*, de 1987, pela Editora Moraes e em parceria com Gerard Georges Delaunay; e *Ensaio sobre a teoria das ciências sociais*, de 1991, pela editora Moraes. O texto também recebeu uma segunda edição pela editora Centauro, em 2003. Frias é Bacharelado e Licenciado em Letras (Português-Espanhol) pela Universidade de São Paulo (1972); Mestre em Letras (Teoria Literária e Literatura Comparada) pela Universidade de São Paulo (1983) e Doutor em Teoria da Literatura (Letras Modernas) pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2006) e atualmente é professor efetivo do Depto. de Letras Modernas

---

<sup>94</sup> Fonte: Plataforma Lattes. Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/1646400950294079>>. Acesso em: dez. 2015.

da UNESP, onde leciona Literatura Hispano-americana e Literatura Espanhola<sup>95</sup>.

A tradução de *Parlamento e governo na Alemanha reordenada: crítica política da burocracia e da natureza dos partidos*, publicada pela Vozes em 1993, foi realizada pela tradutora profissional Karin Bakke de Araujo. O texto faz parte da coleção *Clássicos do pensamento político* (v. 30). Em entrevista (KARIN..., 2015), a tradutora, ligada ao Goethe-Institut, revela que, curiosamente, *Parlament und Regierung im neugeordneten Deutschland*, de Max Weber, foi o primeiro livro traduzido por ela. Hoje, pesquisadora na área, visa dar continuidade exclusiva à experiência de tradutora – que vem praticando paralelamente – com ênfase em humanidades.

Para esta apresentação, não encontramos fontes seguras relativas à trajetória de Régis Barbosa e Karen E. Barbosa, tampouco de Vinícius Eduardo Alves e Eduardo Brandão. Faltaram também informações confiáveis para que pudéssemos tratar dos tradutores Calógeras A. Pajuaba, Carlos Grifo Babo, Jean Melville e Pietro Nassetti.

---

<sup>95</sup> Fonte: Plataforma Lattes. Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/8980768521960953>>. Acesso em: dez. 2015.

## CONCLUSÕES OU “CONSIDERAÇÕES PARA UMA CONTINUIDADE”<sup>96</sup>

O presente trabalho se propôs uma tarefa difícil: empreender um estudo de caráter sociológico a fim de compreender a relação entre a publicação de trabalhos teóricos com a *assinatura* de Max Weber, em cenário nacional brasileiro, e as condicionantes sociais e históricas de sua recepção, propondo um olhar de estranhamento ao suscitar algumas questões sobre a naturalidade aparente da apropriação da leitura canônica. Para tanto, com o objetivo de criar uma imagem compreensiva e explicativa de como se dá a recepção, a permanência e a atualização da obra de Weber no Brasil, partimos de algumas questões que nortearam as diretrizes de pesquisa, a relembrar: a) “Quais os principais *caminhos* – editoras, núcleos de pesquisa, instituições de ensino prefaciadores, apresentadores e tradutores – que proporcionaram uma recepção e permanência da obra de Weber no Brasil?”; b) “Quais as principais *temáticas* e preocupações que, ao longo do tempo, foram selecionadas pelos pesquisadores brasileiros ao estudar o pensamento weberiano? E em quais problemáticas regionais elas foram aplicadas?”; c) “Quais as fontes originais utilizadas por esses *receptores* para apresentar ao Brasil as abordagens teóricas de Weber?”

Essas questões demarcavam o pano de fundo para um desenho de pesquisa, partindo da premissa de que existem *condicionantes sociais e históricas* para a recepção de uma obra estrangeira e de que elas podem ser conhecidas. Embora tais noções não fossem *a priores* em nosso levantamento, o conceito teórico de “circulação internacional das ideias”, como exposto por Bourdieu (2002a, 2002b), pareceu ser o referencial teórico necessário à sustentação desta linha de investigação, sobretudo quando o sociólogo francês toca na questão de as ideias, fora de seus contextos de origem, seguirem uma série de protocolos de adaptação, ou “operações sociais”, entre o “campo de origem” e o “campo de chegada” (BOURDIEU, 2002a). Ainda nesta via, o conceito

---

<sup>96</sup> Como mencionamos na seção introdutória deste trabalho, uma mostra parcial do presente estudo foi apresentada em forma de projeto no processo de seleção para Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da Universidade Federal de Sta. Catarina, visando a imediata continuidade desta pesquisa; o projeto recebeu aprovação.

de “lógica da recepção”, elaborado por Sérgio da Mata (2013b, p. 189-90), parecia oferecer pontos de contato a explorar. Finalmente, para que pudéssemos tratar da relação dos atores envolvidos no processo de importação e exportação das *ideias*, evocamos a relação discutida por M. Rainer Lepsius, e apresentada por Schluchter (2014), entre *ideias, interesses e instituições*. Dentro dessas condições, estávamos guarnecidos com as ferramentas conceituais necessárias ao início da pesquisa.

Por esta senda metodológica é necessário, e mesmo desejável, que se faça um mergulho no universo bibliográfico nacional e internacional, envolvendo as publicações das obras de Weber. O primeiro grau para se estabelecer uma relação mínima entre suas obras publicadas no “campo de origem”, a Alemanha, e o “campo de chegada”, o Brasil, é conhecer o perfil e histórico editorial do conjunto dos escritos de Weber em sua terra natal. E é neste momento que a pesquisa aqui pretendida se depara com o primeiro grande desafio, e imediatamente nos damos conta das reais dimensões do problema que resolvemos enfrentar.

A história do fenômeno editorial *Max Weber* é a história de uma obra inconclusa, que luta persistentemente, desde 1920, por estabelecer sua *definitive edition*. “Luta”, não pela falta de valor científico ou mercadológico de suas publicações, mas pela complexidade que envolve suas organizações. O primeiro passo dado no esforço de compreender este cenário exigiu que delineássemos, antes de tudo, o roteiro de publicação dos escritos de Weber na Alemanha, desde seu trabalho inaugural, *Zur Geschichte der Handelsgesellschaften im Mittelalter*<sup>97</sup>, apresentado para habilitação em direito comercial, em 1889, até os volumes mais recentes publicados pela **MWG: III/3 Briefe 1895-1902** (2015), editado por Rita Aldenhoff-Hübinger; e o volume, do mesmo ano, **III/4 Briefe 1903-1905** (2015), editado por Gangolf Hübinger e M. Rainer Lepsius, parte da coleção das correspondências ativas de Weber, relativas às suas cartas (*Briefe*) dos períodos de 1895-1902 e 1903-1905, respectivamente.

O que revelou-se foi uma cadeia complexa de editores, organizadores, empresas editoriais, instituições acadêmicas,

---

<sup>97</sup> “Sobre a história das sociedades comerciais na Idade Média”, Stuttgart, 1889. Publicado posteriormente e de maneira editada em **GASW** 312-443,

governamentais e comerciais, revisores técnicos, entre outros profissionais envolvidos. Complexidade que começou a se mostrar já quando pesquisamos a *bicentenária* história da Editora Mohr Siebeck GmbH & Co. KG, com seus inúmeros nomes comerciais ao longo de sua existência, que remonta a 1801. Embora tenhamos apresentado um esboço deste desenho editorial complexo no Capítulo III, não houve tempo hábil para estabelecer um mapa detalhado dessas relações. Um exemplo disso foi a necessidade de adiar o aprofundamento em três pontos basilares no histórico editorial dos escritos de Weber: i) nesta ocasião, não pudemos dar conta da primeira fase das publicações de Weber, período que compreende o ano de 1889 até o ano de 1920, às vésperas de sua morte, quando do início da organização dos *Gesammelte (GARS I)*; ii) também não houve condições práticas de oferecer, aqui, um quadro mais detalhado da organização dos Ensaio Reunidos (*Gesammelte*) por Marianne Weber, bem como os papéis evidentes de Sigmund Hellmann e Melchior Palyi nessa empreitada; iii) não abordamos direta e detalhadamente o papel de Johannes Winckelmann, notadamente, a ponte entre duas gerações dos grandes momentos editoriais de Weber. Winckelmann é o único editor que esteve ligado à edição dos trabalhos de Weber pela editora Mohr Siebeck (Paul Siebeck) e atuou na edição da **MGW**. Enfim, mesmo que tenhamos conseguido elaborar importantes subsídios para um roteiro de leitura da gênese de editoração de uma matriz weberiana, uma descrição mais densa deste circuito editorial requereu tempo e recursos dos quais não dispúnhamos<sup>98</sup>.

Quanto ao campo de chegada, a entrada de Weber no Brasil, estabelecemos que a abordagem de elementos históricos e institucionais seria uma excelente chave para compreender as relações que possibilitaram a entrada e a permanência de Weber. Para tanto, no Capítulo II, tomamos os conceitos de “literatura primária e secundária”, como utilizado por Carlos Sell (2007, p. 242), e o conceito de “lógica da recepção”, como utilizado pelo historiador Sérgio da Mata (2013b, p. 189-90). Com o primeiro, desdobramos o *status* de cânone de Weber e a

---

<sup>98</sup> “Recursos” valiosos, como o domínio da língua alemã. Aliás, indispensável acrescentar nota sobre o uso de plataformas eletrônicas nesta tarefa, cito: Dicionário Eletrônico Michaelis, Dicionário Eletrônico Babel, Dicionário Eletrônico Pauker.at e Dicionário Eletrônico Dict.cc.



via pela qual ele foi apropriado por uma literatura *especializada*. Com o segundo, abordamos o *status* do aparecimento, da apropriação, e do uso de Weber no meio intelectual.

Ao final do Capítulo III, após minuciosa descrição do circuito editorial alemão, pelo qual transitaram as obras de Weber, abordamos diretamente o mercado editorial brasileiro. Nosso interesse foi de estabelecer: i) quais as partes da totalidade dos escritos de Max Weber que foram traduzidos no Brasil; ii) a enumeração e descrição da obras publicadas (livros) no Brasil, atribuídas exclusivamente aos escritos de Weber (excluindo-se, para esta ocasião, livros que traziam textos de Weber contíguos a outros autores e livros que debatem o arcabouço weberiano em si); iii) uma organização cronológica do histórico dessas publicações; iv) uma apresentação de quais os principais atores envolvidos no processo de publicação (editoras, tradutores, prefaciadores, comentadores etc.).

Quanto dos critérios expostos por Sérgio da Mata, que compõem uma “lógica da recepção”, elencados no Quadro 1 (Seção 2.1). A possibilidade de aplicação desses critérios a um *exame* detalhado do circuito editorial nacional, em torno do pensamento e da obra de Max Weber, tende a trazer indicativos para a compreensão mais completa e para a desnaturalização desse fenômeno, bem como grandes contribuições para o debate nacional e internacional em torno de sua obra. A seguir, tomando estes critérios como referência para a análise empírica, demonstramos indicativos de como estes conceitos, tomados aqui como marcadores, podem se relacionar com a análise levantada.

#### **(a) situação institucional ou de poder desfrutada pelos promotores da recepção (a quem designaremos “mediadores”) no campo intelectual/ acadêmico**

Na seção 3.3 apresentamos um breve perfil, ainda que muito resumido, dos principais agentes institucionais envolvidos no processo de recepção e tradução das obras de Weber no Brasil. Este perfil de “mediadores”, tras os nomes envolvidos diretamente no processo editorial. Um estudo que se ocupe não apenas dos nomes não envolvidos diretamente neste processo, bem como um mapeamento das redes de inserção destes atores e níveis de vínculos institucionais mais detalhados, pode contribuir à observação de espaços de influência, poder ou prestígio e sua relação com o processo editorial estudado.

#### **(b) a disponibilidade de traduções**

Como apresentado no subitem 3.2.1, a pesquisa empírica revela, por exemplo, que a maior parte dos escritos de Weber traduzidos no Brasil é tributária dos ensaios reunidos (Gesammelte) e outros escritos da primeira grande fase de edição e organização das obras de Weber no Brasil, não sendo encontradas, atualmente, traduções brasileiras a partir da nova organização revista, a MWG.

**(c) as possibilidades de diálogo da obra de um autor com os problemas suscitados pela realidade histórico-cultural da comunidade de recepção**

Destacamos o pioneirismo de Sérgio B. de Holanda e José H. Rodrigues, que inaugura um weberianismo *sobre* o Brasil, abrindo caminho, inclusive, às primeiras críticas, estando o debate fortemente balizado pela questão do “atraso brasileiro” e a tentativa de se explicar o atraso nas da formação “moderna” da identidade nacional. Nesse encadeamento, apresentamos subsídios, também, para a compreensão da entrada de Weber como *método*, impactando diretamente na disputa metodológica e em um tipo de *amadurecimento* das ciências sociais no Brasil.

**(d) a presença ou não de discípulos ou divulgadores imigrados da comunidade de origem na comunidade de recepção**

A compreensão dos *primórdios weberianos* nos trouxe a perspectiva de entrada de Weber e a compreensão de um weberianismo inicial discreto, praticado *no* e *sobre* o Brasil. Experiência iniciada pela atuação de Karl Loewenstein e Emílio Willems, desde a entrada de *um weberianismo estrangeiro* em terras brasileiras.

**(e) a eventual interferência ideológica ou política, que, não obstante ser externa ao campo intelectual, pode facilitar ou dificultar o processo de recepção**

A entrada de Weber, sobretudo como método investigativo, concorre diretamente com o paradigma marxista predominante na academia brasileira de meados do séc. XX. Embora tenhamos tocado sobre o tema em alguns pontos deste trabalho, sobretudo em torno do nome de Florestan Fernandes, seria necessário analisar e descrever as

implicações práticas e metodológicas na escolha de Weber como método para as Ciências Sociais neste momento em particular da história.

**(f) as relações de força que regem a lógica dos intercâmbios intelectuais-acadêmicos entre a comunidade intelectual de origem e a comunidade de recepção**

Este item não foi abordado diretamente no trabalho.

**(g) a existência ou não de paradigmas alternativos na comunidade de recepção**

O mesmo que o item “e”.

**(h) o sucesso ou insucesso prévio da recepção numa terceira comunidade científica, uma “comunidade intermediária”, a qual goza de prestígio junto à comunidade final etc.**

O fato de este trabalho não apresentar uma enumeração/descrição mais detalhada de outras fontes internacionais que possam ter servido de veículo de entrada para os trabalhos de Weber (as fontes americana, mexicana (**WuG**) e francesa, por exemplo), estimula um mapeamento da recepção de Weber em outros campos, ou comunidades, intelectuais e uma compreensão das diferenças e semelhanças entre estes processos.

\* \* \*

Dos problemas ou incompletudes enfrentados nesta etapa da pesquisa, por conta das restrições de uma curta pesquisa dissertação de mestrado, destacam-se: i) de não conseguirmos apresentar um histórico mais completo das editoras nacionais (comerciais e universitárias) envolvidas no processo de tradução e introdução das obras para o meio nacional, tampouco um histórico mais amplo dos *experts* envolvidos nessas operações – um mapeamento das ligações institucionais entre esses atores ofereceria um excelente complemento à Seção 3.3; ii) a não problematização, neste trabalho, da existência de uma *etiqueta*, ou *grife*, “Max Weber”, dentro do mercado editorial nacional, que atende à demanda por “produto” intelectual específico para um determinado segmento que o consome; iii) não haver condições práticas neste trabalho para desenvolvermos uma aplicação metodológica para esse cenário

editorial brasileiro dos critérios elencados por Bourdieu, acerca dos marcadores e operações sociais de adequação das ideias (descritos por nós na Seção 1.2).

Durante a primeira fase de levantamento de dados, correspondente ao histórico editorial alemão, percebemos que nossa ambição inicial de compreender como Max Weber era lido no Brasil precisaria ser reformulada. Para entender *como*, isto é, *de que maneira Weber foi lido por nós, se tomarmos por referência suas ideias originais*, seria necessário, primeiramente, compreender desde onde ele foi lido. Logo no início, abandonou-se a tentativa de uma sistematização crítica desse universo editorial. Diante da imensidão de detalhes e matizes na edição alemã das obras de Weber, expressões como *dados empíricos* foram, rápida e necessariamente, substituídas por termos como *subsídios compreensivos*. O exercício de compreensão (deste ponto de partida de leitura para o ponto de chegada entre os brasileiros) acabou por tornar-se um fim em si. A intenção de entender e descrever o *como?* foi substituída pela pergunta mais realista *por quais vias?*

Por quais vias Max Weber é lido no Brasil? Ao tomar consciência de suas limitações e abarcar uma questão mais modesta e dentro de suas possibilidades, este trabalho acerta em oferecer indícios e subsídios para compreensão da recepção da obra de Weber nos Brasil. Longe de se esgotar nesta oportunidade, essa questão é lançada mais com o propósito de provocar novos debates do que de apresentar respostas fechadas ou definitivas.

A organização e sistematização, em um único trabalho, do conjunto de publicações das obras de Weber na Alemanha e de suas partes publicadas no Brasil já traz em si um elemento novo, acenando à possibilidade da construção futura de uma metodologia de compreensão sociológico-histórica das condições de entrada das obras intelectuais em um meio exógeno a sua origem. Em caso de sucesso, uma metodologia dessa natureza presta serviço não apenas à compreensão explicativa do arcabouço weberiano, mas também à compreensão da recepção de outras obras intelectuais, no intuito de conhecer suas condições de importação e exportação. O presente trabalho estimou oferecer alguma contribuição nessa direção.



## REFERÊNCIAS

ADAIR-TOTTEFF, C. Protestant ethics and the spirit of politics: Weber on conscience, conviction and conflict. **History of the Human Sciences**, v. 24, Issue 1, p. 19-35, 2 jan. 2011. DOI: 10.1177/0952695110392278.

ALEXANDER, J. C. A importância dos clássicos. In: GIDDENS, A.; TURNER, J. (Org.). **Teoria social hoje**. São Paulo: Unesp, 1999. p. 23-89.

\_\_\_\_\_. Ação coletiva, cultura e sociedade civil: secularização, atualização, inversão, revisão e deslocamento do modelo clássico dos movimentos sociais. **Rev. Bras. Ci. Soc.**, São Paulo, v. 13, n. 37, jun. 1998.

BOURDIEU, P. Gênese e estrutura do campo religioso. In: \_\_\_\_\_. **A economia das trocas simbólicas**. Org. Sérgio Miceli. São Paulo: Perspectiva, 2005a.

\_\_\_\_\_. A causa da ciência: como a história das ciências sociais pode servir ao progresso das ciências. Trad. Gabriel Fernandes. **Política & Sociedade**, Florianópolis, n. 1, p. 143-161, set. 2002b.

\_\_\_\_\_. **A economia das trocas simbólicas**. Org. Sergio Miceli. São Paulo: Perspectiva. 6. ed. 2007.

\_\_\_\_\_. A gênese dos conceitos de habitus e campo. In: \_\_\_\_\_. **O poder simbólico**. Trad. Fernando Tomaz. Lisboa: DIFEL; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989. p. 59-73.

\_\_\_\_\_. As condições sociais da circulação internacional das ideias. Trad. Fernanda Abreu. **Rev. Enfoques**. PPGSA/IFCS/UFRJ [on-line], Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 04-15, dez. 2002a.

\_\_\_\_\_. Les conditions sociales de la circulation internationale des idées. **Actes de la recherche en sciences sociales**, v. 145, p. 3-8, dez. 2002c. Disponível em:

<[http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/arss\\_0335-5322\\_2002\\_num\\_145\\_1\\_2793](http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/arss_0335-5322_2002_num_145_1_2793)>. Acesso em: 27 jan. 2016.

\_\_\_\_\_. O mercado de bens simbólicos. In: \_\_\_\_\_. **A economia das trocas simbólicas**. Org. Sergio Miceli. São Paulo: Perspectiva. 6. ed. 2007b. p. 99-182.

\_\_\_\_\_. **Os usos sociais da ciência**: por uma sociologia clínica do campo científico. Trad. Denise Barbara Catani. São Paulo: Ed. UNESP, 2004a.

\_\_\_\_\_. **Para uma sociologia da ciência**. Trad. Pedro Duarte. Lisboa: Edições 70, 2004b.

\_\_\_\_\_. Uma interpretação da teoria da religião de Max Weber. Apêndice I. In: \_\_\_\_\_. **A economia das trocas simbólicas**. Org. Sergio Miceli. São Paulo: Perspectiva. 6. ed. 2007a. p. 79-98.

BRUHNS, H. One language, one history? On the uncertain future of social sciences in Europe. **Portuguese Journal Of Social Science**, Lisbon, v. 11, Issue 1, p. 55-69, 1<sup>o</sup> dez. 2012. DOI: 10.1386/pjss.11.1.55\_1.

CARVALHO, M. de. Max Weber em dimensões temporal e espacial: um relato de pesquisa sobre a repercussão do pensamento weberiano no período de 1934 a 2012 através do portal de periódicos EBSCOhost (Painel). In: CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, 17., 2015, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: Sbs, 2015.

\_\_\_\_\_. **O pensamento de Max Weber na literatura internacional**: um estudo temático da produção de seus comentadores a partir do Portal de Periódicos EBSCOhost. 2013. 135 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciências Sociais) - Departamento de Sociologia Política, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

CATAÑO, G. Max Weber y la educación. **Espacio Abierto**: Cuaderno Venezolano de Sociología, Caracas, v. 13, Issue 3, p. 395-404, 1<sup>o</sup> jul. 2004. DOI: 10.1111/j.1467-9299.2011.01957.x.

CHACON, V. **Max Weber**: a crise da ciência e da política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1988.

COHN, G. Apresentação: o sentido da ciência. In: WEBER, M. A. **“objetividade” do conhecimento nas ciências sociais**. Org. Gabriel Cohn. São Paulo: Ática, 2010. p. 7-12.

COSTA, Sérgio. Teoria por adição. In: MARTINS, Carlos Benedito; MARTINS, Heloísa Helena T. de Souza (Org.). **Horizontes das Ciências Sociais no Brasil: Sociologia**. São Paulo: ANPOCS, 2010, p. 25-52.

DESTRETTI, L. G. Max Weber and the Sociology of Music. **Studi di Sociologia**, Roma, v. 20, Issue 1, p. 55-62.

FERRAZ, D. L. da S. Maurício, por Beatriz Tragtenberg: transcrição de palestra proferida por Beatriz Tragtenberg, em novembro de 2011, no I Simpósio Cátedra Maurício Tragtenberg. **Espaço Acadêmico**, Maringá, v. 13, n. 150, p. 01-08, nov. 2013. Disponível em: <file:///C:/Users/marcio/Documents/GD. 2014.2/1 A Dissertação/Recepção bibliográfica de Weber/Pesquisa/Mauricio Tragtenberg 2.pdf>. Acesso em: 5 dez. 2015.

FREITAG, B. Florestan Fernandes: revisitado. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 19, n. 55, p. 230-247, dez. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v19n55/15.pdf>>. Acesso em: 30 abr. 2013.

HANKE, E. A obra completa de Max Weber - MWG: um retrato. Trad. Sibebe Paulino. **Tempo soc.**, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 99-118, 2012. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-20702012000100006&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702012000100006&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 28 dez. 2015.

HOLANDA, S. B. de. **Raízes de Sérgio Buarque de Holanda**. Org. e intro. Francisco de Assis Barbosa. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

KARIN Bakke de Araújo [Entrevista]. 7 perguntas para... **Goethe-Institut**, Munique, [201-]. Literatura Alemã no Brasil. Seção Tradução. Disponível em: <<http://www.goethe.de/ins/br/lp/prj/dgb/uek/uep/ara/ptindex.htm>>. Acesso em: 22 nov. 2015.



LEPSIUS, M. R. "Economia e sociedade": a herança de Max Weber à luz da edição de sua obra completa (MWG). **Tempo soc.**, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 137-145, 2012. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-20702012000100008&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702012000100008&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 28 dez. 2015.

LITOWITZ, D. Max Weber and Franz Kafka: a shared vision of modern law. **Law, Culture & Humanities**, v. 7, Issue 1, p. 48-65.

MATA, S. da. Anos de aprendizagem de um jurista formado numa perspectiva histórica: Weber e o historicismo. In: \_\_\_\_\_. **A fascinação weberiana: as origens da obra de Max Weber**. Belo Horizonte, Fino Traço (História). 2013a. p. 23-36.

\_\_\_\_\_. Weberianismo tropical: caminhos e fronteiras da recepção da obra de Max Weber no Brasil. In: \_\_\_\_\_. **A fascinação weberiana: as origens da obra de Max Weber**. Belo Horizonte, Fino Traço (História). 2013b. p. 189-208.

MATTEDI, M. **Sociologia e conhecimento**. Chapecó: Argos, 2006.

MERTON, R. K. **Sociologia: teoria e estrutura**. São Paulo: Mestre Jou, 1970.

MISOCZKY, M. C. Homenagear Tragtenberg retomando as ideias e conceitos da matriz revolucionária. **Espaço Acadêmico**, Maringá, v. 13, n. 150, p. 09-16, nov. 2013. Disponível em: <[file:///C:/Users/marcio/Documents/GD.2014.2/1 A Dissertação/Recepção bibliográfica de Weber/Pesquisa/Mauricio Tragtenberg 2.pdf](file:///C:/Users/marcio/Documents/GD.2014.2/1%20A%20Disserta%C3%A7%C3%A3o/Recep%C3%A7%C3%A3o%20bibliogr%C3%A1fica%20de%20Weber/Pesquisa/Mauricio%20Tragtenberg%20.pdf)>. Acesso em: 5 dez. 2015.

PIERUCCI, A. F. Apresentação. In: WEBER, Max. **A ética e o "espírito" do capitalismo**. Trad. José M. M. Macedo. Ed. Antônio F. Pierucci. 12. reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SAINT-PIERRE, H. L. **Max Weber: entre a paixão e a razão**. 3. ed. Campinas: Unicamp, 1995.

SCHLUCHTER, W. Ideias, interesses e instituições: conceitos centrais de uma sociologia de orientação weberiana. In: \_\_\_\_\_. **O**

**desencantamento do mundo:** seis estudos sobre Max Weber. Trad. e Apres. Carlos E. Sell. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2104. p. 57-87.

\_\_\_\_\_. O desencantamento do mundo: a visão da modernidade em Max Weber. In: \_\_\_\_\_. **O desencantamento do mundo:** seis estudos sobre Max Weber. Trad. e Apres. Carlos E. Sell. Rio de Janeiro, Ed. UFRJ, 2014. p. 36-56.

SEGRE, S. Understanding lived experience: Max Weber's intellectual relationship to Simmel, Husserl, James, Starbuck, and Jaspers. **Max Weber Studies**, v. 4, Issue 1, p. 77-99, 1<sup>o</sup> jan. 2004.

SELL, C. E. A sociologia weberiana da ciência. **Política & Sociedade**, Florianópolis, Edufsc, v. 11, n. 20, abr. 2012b.

\_\_\_\_\_. Imagens de Weber: esboço de uma tipologia das interpretações do pensamento weberiano. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, 14., 2009, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: Sbs, 2009.

\_\_\_\_\_. Leituras de Weber e do Brasil: da política à religião, do atraso à modernidade. **Cienc. Soc. Unisinos**, Porto Alegre, v. 43, n. 3, p. 241-248, dez. 2007.

\_\_\_\_\_. Max Weber e a sociologia da educação. **Contrapontos**, Itajaí, v. 2, n. 5, p. 237-250, maio/ago. 2002.

\_\_\_\_\_. **Max Weber no Brasil:** a interpretação do pensamento weberiano na pesquisa brasileira. Relatório de bolsa de produtividade em pesquisa 2010-2013. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), 2014. 51 p.

\_\_\_\_\_. Sistemática dos conceitos: entre ideias e interesses. In: \_\_\_\_\_. **Max Weber e a racionalização da vida.** Petrópolis: Vozes, 2013b. p. 85-88.

\_\_\_\_\_. Teoria da modernidade. In: \_\_\_\_\_. **Sociologia clássica.** 4. ed. Itajaí: Ed. Univali, 2006. p. 187-217.

\_\_\_\_\_. Um paradigma weberiano? Anotações sobre um programa de pesquisa. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 36., 2012, Águas de Lindoia. GT 24 – **O Pluralismo na teoria social contemporânea**. Águas de Lindoia: Anpocs, 2012. p. 1-38. Disponível em: <[http://www.anpocs.org/portal/index.php?option=com\\_docman&task=doc\\_download&gid=8108&Itemid=76](http://www.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=8108&Itemid=76)>. Acesso em: 10 jan. 2013.

SOARES, G. A. D. Ascensão e queda do marxismo: os dados que saem dos livros. **Revista Insight Inteligência**, Rio de Janeiro, ano 15, n. 59, p. 54-62, 10 dez. 2012. 4<sup>o</sup> trimestre. Versão modificada para publicação. Disponível em: <<http://www.insightinteligencia.com.br/59/PDFs/pdf3.pdf>>. Acesso em: 15 jan. 2013.

SOUZA, J. Homem, cidadão: ética e modernidade em Weber. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, v. 33, n. 32, p. 135-143, 1994.

\_\_\_\_\_. Max Weber e a ideologia do atraso brasileiro publicado. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 38, 1998.

TURNER, B. S. Max Weber and the spirit of resentment: the Nietzsche legacy. **Journal of Classical Sociology**, v. 11, Issue 1, p. 75-92, 3 jan. 2011. DOI: 10.1177/1468795X10391458

VIANNA, L. J. W. Weber e a interpretação do Brasil. **Novos Estudos CEBRAP** [Impresso], São Paulo, v. 53, p. 33-48, 1999.

VILLAS BÔAS, G. K. A Recepção controversa de Max Weber no Brasil (1940-1980). **Rev. Dados** [on-line], v. 57, n. 1, p. 5-33. 2014.

\_\_\_\_\_. A recepção da sociologia alemã no Brasil: notas para uma discussão. **BIB – Revista de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais**, p. 73-80, 1997.

WAIZBORT, L. Apresentação: Max Weber hoje. **Tempo soc.**, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 9-18, 2012. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-20702012000100001&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702012000100001&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 28 dez. 2015.

WEBER, Marianne. Prefácio à primeira edição. In: WEBER, M. **Economia e sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. Trad. Regis Barbosa e Karen Barbosa. 4. ed. Brasília: Unb, 2012. p. xxxix-xl..

\_\_\_\_\_. Prefácio à segunda edição. In: WEBER, M. **Economia e sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. Trad. Regis Barbosa e Karen Barbosa. 4. ed. Brasília: Unb, 2012. p. xli.

WEBER, M. O espírito do capitalismo, In: \_\_\_\_\_. **A ética e o “espírito” do capitalismo**. Trad. José M. M. Macedo. Ed. Antônio F. Pierucci. 12. reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

\_\_\_\_\_. A “objetividade” do conhecimento nas ciências sociais. In: COHN, G. (Org.). **Max Weber**: sociologia. 7. ed. São Paulo: Ática, 2003.

\_\_\_\_\_. **A ética e o “espírito” do capitalismo**. Trad. José M. M. Macedo. Ed. Antônio F. Pierucci. 12. reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

\_\_\_\_\_. A psicologia social das religiões mundiais. In: \_\_\_\_\_. **Ensaio de sociologia**. 5. ed. reimp. Rio de Janeiro: LTC, 2010. p. 189-210.

\_\_\_\_\_. Rejeições religiosas do mundo e suas direções. In: GERTH, H. H.; WRIGTH-MILLS, C. (Orgs.). **Ensaio de sociologia**. 5. ed. reimp. Rio de Janeiro: LTC, 2010b. p. 226-249.

\_\_\_\_\_. **Ciência e política**: duas vocações. 18. ed. São Paulo: Cultrix, 2011.

\_\_\_\_\_. Consideração intermediária. Teoria dos graus e orientações da rejeição religiosa do mundo. In: \_\_\_\_\_. **Sociologia das religiões**. Trad. Osório P. Castro. Lisboa: Relógio D’Água, 2006. p. 317-358.

\_\_\_\_\_. **Economia e sociedade**. 3. ed. Brasília: UnB, 1994.

\_\_\_\_\_. **Economia e sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. Trad. Regis Barbosa e Karen Barbosa. 4. ed. Brasília: Unb, 2012.

\_\_\_\_\_. **Ensaio de sociologia**. 5. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1982.

\_\_\_\_\_. **Metodologia das ciências sociais**. Trad. Augustin Wernet. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

\_\_\_\_\_. Sociologia da Religião (tipos de relações comunitárias religiosas). In: \_\_\_\_\_. **Economia e sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. Trad. Regis Barbosa e Karen Barbosa. 4. ed. Brasília: Unb, 2012. p. 279-418.

WINCKELMANN, J. Prefácio à quarta edição. In: WEBER, M. **Economia e sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. Trad. Regis Barbosa e Karen Barbosa. 4. ed. Brasília: Unb, 2012. p. xxxi-xxxviii.

\_\_\_\_\_. Prefácio à quinta edição. In: WEBER, M. **Economia e sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. (Trad. Regis Barbosa e Karen Barbosa. 4. ed. Brasília: Unb, 2012. p. xxxiii-xxxvi.

## APÊNDICES

### APÊNDICE A – Primeiro bloco de publicações (Marianne Weber): 1889-1924.

#### Obras (seleção)

1889: *Zur Geschichte der Handelsgesellschaften im Mittelalter*, Stuttgart 1889. Habilitationsschrift in Handelsrecht, GASW 312-443, daraus das 3. Kapitel *Die Familien- und Arbeitsgemeinschaften* separat veröffentlicht: *Entwicklung des Solidarhaftprinzips und des Sondervermögens der offenen Handelsgesellschaft aus den Haushalts- und Gewerbegemeinschaften in den italienischen Städten*, Stuttgart 1889, Inauguraldissertation

1891: *Die römische Agrargeschichte in ihrer Bedeutung für das Staats- und Privatrecht*, Stuttgart 1891. Habilitationsschrift in Römischem Recht, Reprint Amsterdam 1962.

1891–1892: *Die Verhältnisse der Landarbeiter im ostelbischen Deutschland. Die Verhältnisse der Landarbeiter in Deutschland, geschildert auf Grund der vom Verein für Socialpolitik veranstalteten Erhebungen* Band 3, Leipzig 1892.

1895: Freiburger Antrittsvorlesung *Der Nationalstaat und die Volkswirtschaftspolitik*. Akademische Verlagsbuchhandlung J.C.B Mohr, Freiburg i. Br. und Leipzig 1895, GPS 1–25

1896: *Die sozialen Gründe des Untergangs der antiken Kultur*. In: *Die Wahrheit*. Band 3, H. 63, Fr. Frommanns Verlag, Stuttgart 1896, S. 57–77, GASW 289–311

1904: Veröffentlichung von

*Y Die 'Objektivität' sozialwissenschaftlicher und sozialpolitischer Erkenntnis*. In: *Archiv für Sozialwissenschaft und Sozialpolitik* 19 (1904), 22–87, GAW 146–214

*Y Die protestantische Ethik und der 'Geist' des Kapitalismus*. In: *Archiv für Sozialwissenschaft und Sozialpolitik* 20 (1904), 1–54 und 21 (1905), 1–110, überarbeitet in **GARS I** 1–206

1909: *Agrarverhältnisse im Altertum* [3. Fassung], in: *Handwörterbuch der Staatswissenschaften* Band 1, Jena 1909 3. Auflage. 52–188, GASW 1–288

1910: *Enquete über das Zeitungswesen* (Rede auf dem 1. Deutschen Soziologentag vor der neugegründeten Deutschen Gesellschaft für Soziologie, 20. Oktober 1910, siehe dazu <http://www.zeit.de/2010/43/Soziologie>)

X 1915–1919: *Die Wirtschaftsethik der Weltreligionen* erscheint in Form von elf Einzelaufsätzen **GARS I** 237–573, II–III

1918: Veröffentlichung der gesammelten Aufsatzreihe *Parlament und Regierung im neugeordneten Deutschland. Zur politischen Kritik des Beamtentums und Parteiwesens* (GPS 306–443), mit der Weber eine

Fundamentalkritik an dem deutschen Beamtentum und dessen althergebrachten Traditionen übt 1919: Erscheinen der Vortragsverschriftlichungen
<i>Y Wissenschaft als Beruf</i> . München/ Leipzig 1919, GAW 582–613 (Separatveröffentlichungen: Stuttgart 1995 (Reclam) ISBN 3-15-009388-0 und Schutterwald/Baden 1994, ISBN 3-928640-05-4) (Online Text)
<i>Y Politik als Beruf</i> . München/ Leipzig 1919, GPS 505–560 (Separatveröffentlichungen: Stuttgart 1992 (Reclam) ISBN 3-15-008833-X und Schutterwald/Baden 1994, ISBN 3-928640-06-2) (Online Text)
1920–1921: <i>Gesammelte Aufsätze zur Religionssoziologie</i> . drei Bände (zum Teil Überarbeitung früher erschienener Aufsätze)
Band 1: Vorbemerkung, <i>Die protestantische Ethik und der Geist des Kapitalismus</i> , <i>Die protestantischen Sekten und der Geist des Kapitalismus</i> sowie <i>Die Wirtschaftsethik der Weltreligionen</i> (Einleitung; Teil 1: Konfuzianismus und Taoismus); Zwischenbetrachtung, Tübingen 1920, 9. Auflage. 1988, ISBN 3-8252-1488-5 <b>GARS I</b>
Band 2: (Teil 2: Hinduismus und Buddhismus), Tübingen 1921, 7. Auflage. 1988, ISBN 3-8252-1489-3 <b>GARS II</b>
Band 3: (Teil 3: Das antike Judentum), Tübingen 1921, 8. Auflage. 1988, ISBN 3-8252-1490-7 <b>GARS III</b>
<b>Escritos publicados após a morte de Weber (1920)</b>
1921–1924: Fortsetzung der Aufsatzsammlung:
1921: <i>Gesammelte Politische Schriften</i> , München 1921, 5. Auflage. Tübingen 1988, ISBN 3-8252-1491-5 GPS
1922: <i>Gesammelte Aufsätze zur Wissenschaftslehre</i> , Tübingen 1922, 7. Auflage. 1988, ISBN 3-8252-1492-3 GAW
1924: <i>Gesammelte Aufsätze zur Sozial- und Wirtschaftsgeschichte</i> , Tübingen 1924, 2. Auflage. 1988, ISBN 3-8252-1493-1 <b>GASW</b>
1924: <i>Gesammelte Aufsätze zur Soziologie und Sozialpolitik</i> , Tübingen 1924, 2. Auflage. 1988, ISBN 3-8252-1494-X <b>GASS</b>
1921: <i>Die rationalen und soziologischen Grundlagen der Musik</i> , München 1921. Dann in <i>Wirtschaft und Gesellschaft</i> von der 2. Auflage 1925 bis zur 4. Auflage 1956 enthalten. Erneute Separatveröffentlichung: Tübingen 1972, ISBN 3-16-533351-3.
1922: erscheint sein kompiliertes Hauptwerk <i>Wirtschaft und Gesellschaft</i> , Tübingen 1921/22, 5. Auflage. 1972, ISBN 3-16-533631-8 (diverse Nachdrucke, zuletzt Studienausgaben 1980, ISBN 3-16-538521-1 und 2002, ISBN 3-16-147749-9) Der Textkorpus erfuhr im Verlaufe seiner Auflagengeschichte mehrere Umschichtungen und Zusätze, die zur 5. Auflage teilweise wieder getilgt wurden. Im Rahmen der Max Weber-Gesamtausgabe (siehe unten) ist eine kritische Revision des Textes unternommen worden. Wiedergaben der Erstauflage: (Online Text, unvollständig und stellenweise fehlerhaft) – Faksimile – vollständige Wiedergabe aller 840 Seiten (Online-Text)- auch als PDF (mit

Volltextsuche) downloadbar, Umfang jedoch ca. 80 MB.
1922: <i>Die drei reinen Typen der legitimen Herrschaft</i> . In: <i>Preußische Jahrbücher</i> 187 (1922), 1–12, GAW 475–488 (ab 3. Aufl. 1968)
1923: <i>Wirtschaftsgeschichte</i> . Abriß der universalen Sozial- und Wirtschaftsgeschichte, Berlin 1923, 5. Auflage. 1991, ISBN 3-428-07215-4, 6. Auflage. 2011, ISBN 978-3-428-13511-0 (von Sigmund Hellmann und Melchior Palyi zusammengestelltes Werk aus Webers Notizen und den Mitschriften seiner Studenten zu seiner letzten vollständig gehaltenen Vorlesung 1919/1920)

Fonte: elaborado pelo autor, com base em Mohr Siebeck<sup>99</sup>; Zeno.org<sup>100</sup>; e Wikipedia.org<sup>101</sup>.

---

<sup>99</sup> Mohr Siebeck (editora), seção “Name das Autors” / “Max Weber”, em alemão. <<https://www.mohr.de/>>. Nov 2015.

<sup>100</sup> Zeno.org. **Busca** “Max Weber”, em alemão:

<<http://www.zeno.org/Soziologie/M/Weber,+Max>>. Acesso em: Nov 2015.

<sup>101</sup> Wikipedia.org. **Verbete** “Max Weber”, em alemão:

<[https://de.wikipedia.org/wiki/Max\\_Weber](https://de.wikipedia.org/wiki/Max_Weber)>. Acesso em: Nov 2015.





**Apêndice B** – Segundo bloco de publicações, a *Max Weber-Gesamtausgabe* (MWG).

	Descrição	Títulos em tradução livre
	Max Weber-Gesamtausgabe (Publicado por)	Produção Total de Max Weber (ou Obras Completas)
V.	<b>(I) ESCRITOS E DISCURSOS</b>	
I/1	<b>Zur Geschichte der Handelsgesellschaften im Mittelalter.</b> Schriften 1889-1894. Hrsg. v. Gerhard Dilcher u. Susanne Lepsius. 2008. XVIII, 661 Seiten. + 4 Abb. ISBN 978-3-16-149494-9	Sobre a história das sociedades comerciais na Idade Média. Escritos 1889-1894 (2008)
I/2	<b>Die römische Agrargeschichte in ihrer Bedeutung für das Staats- und Privatrecht.</b> 1891. Hrsg. v. Jürgen Deininger. 1986. XIII, 444 Seiten. ISBN 978-3-16-844984-3	História agrária romana em sua significação para o direito do Estado e privado. 1891. (1986)
I/3	<b>Band I/3,1: Die Lage der Landarbeiter im ostelbischen Deutschland</b> 1892. Hrsg. v. Martin Riesebrodt. 1984. XIII, 1065 Seiten. ISBN 978-3-16-344813-1	A situação dos trabalhadores agrários da Alemanha a leste do Elba. 1892 (1984)
	<b>Band I/3,2: Die Lage der Landarbeiter im ostelbischen Deutschland 1892.</b> Hrsg. v. Martin Riesebrodt. 1984. XI, 474 Seiten. (XI, S.593-1067 + 6 Karten). ISBN 978-3-16-544858-0	A situação dos trabalhadores agrários da Alemanha a leste do Elba 1892 (1984)
I/4	<b>Band I/4,1: Landarbeiterfrage, Nationalstaat und Volkswirtschaftspolitik.</b> Schriften und Reden 1892-1899. Hrsg. v. Wolfgang J. Mommsen, in Zus.-Arb. m. Rita Aldenhoff. 1993. XXI, 534 Seiten. ISBN 978-3-16-145733-	Questão dos trabalhadores agrários, o Estado nacional e a política econômica. Escritos e Discursos 1892-1899 (1993)

	3	
	Band I/4,2: Landarbeiterfrage, Nationalstaat und Volkswirtschaftspolitik. Schriften und Reden 1892-1899. Hrsg. v. Wolfgang J. Mommsen, in Zus.-Arb. m. Rita Aldenhoff 1993. XVII, 476 Seiten. XVII,S.535-1011. ISBN 978-3-16-145808-8	–
I/5	<b>Band I/5,1: Börsenwesen. Schriften und Reden</b> 1893-1898. Hrsg. v. Knut Borchardt, in Zus.-Arb. m. Cornelia Meyer-Stoll 1999. XVIII, 530 Seiten. ISBN 978-3-16-146952-7	O sistema da Bolsa [de valores]. Escritos e discursos 1893-1898. (1999-2000)
	Band I/5,2: Börsenwesen. Schriften und Reden 1893-1898. Hrsg. v. Knut Borchardt, in Zus.-Arb. m. Cornelia Meyer-Stoll. 2000. XIV, 551 Seiten. ISBN 978-3-16-147256-5	–
I/6	<b>Zur Sozial- und Wirtschaftsgeschichte des Altertums.</b> Schriften und Reden 1893-1908. Hrsg. v. Jürgen Deininger. 2006. XVIII, 977 Seiten. ISBN 978-3-16-148800-9	Sobre a história social e econômica da Antiguidade. Escritos e discursos 1893-1908. (2006)
I/7	<b>Zur Logik und Methodik der Sozialwissenschaften.</b> Schriften und Reden 1900-1907. Hrsg. v. G. A. Wagner. ( <b>Ainda não publicado</b> ).	Sobre a lógica e o método das Ciências Sociais. Escritos e discursos 1900-1907.
I/8	<b>Band I/8: Wirtschaft, Staat und Sozialpolitik. Schriften und Reden 1900–1912.</b> Hrsg. v. Wolfgang Schluchter, in Zus.-Arb. m. Peter Kurth u. Birgitt Morgenbrod. 1998. XVII, 546 Seiten. ISBN 978-3-16-146779-0	Economia, Estado e política social. Escritos e discursos 1900-1912. (1998)

	<p>Band I/8: Wirtschaft, Staat und Sozialpolitik. Schriften und Reden 1900-1912. Ergänzungsheft. Hrsg. v. Wolfgang Schluchter. 2005. VIII, 59 Seiten. ISBN 978-3-16-148767-5</p>	–
I/9	<p><b>Asketischer Protestantismus und Kapitalismus.</b> Schriften und Reden 1904-1911. Hrsg. v. Wolfgang Schluchter u. U. Bube. 2014. XIX, 994 Seiten (+ 7 KD-Tafeln). ISBN 978-3-16-153133-0</p>	<p>Protestantismo ascético e o “espírito” do capitalismo. Escritos e discursos 1904-1911. (2014)</p>
I/10	<p><b>Zur Russischen Revolution von 1905.</b> Schriften und Reden 1905-1912. Hrsg. v. Wolfgang J. Mommsen, in Zus.-Arb. m. Dittmar Dahlmann. 1989. XV, 855 Seiten. ISBN 978-3-16-845378-9</p>	<p>Sobre a revolução russa de 1905. Escritos e discursos 1905-1912. (1989)</p>
I/11	<p><b>Zur Psychophysik der industriellen Arbeit.</b> Schriften und Reden 1908-1912. Hrsg. v. Wolfgang Schluchter, in Zus.-Arb. m. Sabine Frommer. 1995. XII, 470 Seiten. ISBN 978-3-16-146356-3</p>	<p>Sobre a psicofísica do trabalho industrial. Escritos e discursos 1905-1912. (1995)</p>
I/12	<p><b>Band I/12: Verstehende Soziologie und Werturteilsfreiheit.</b> Schriften und Reden 1908–1917 Hrsg. v. Johannes Weiß in Zus.-Arb. m. Sabine Frommer 680 Seiten. ISBN 978-3-16-150296-5 <b>No prelo</b></p>	<p>Sociologia compreensiva e liberdade em face do juízo de valor. Escritos e discursos 1908-1917.</p>
I/13	<p><b>Hochschulwesen und Wissenschaftspolitik.</b> Schriften und Reden 1895-1920. Hrsg. v. M. Rainer Lepsius, in Zus.-Arb. m. Heide-Marie Lauterer u. Anne Munding. 2016. 700 Seiten. ISBN 978-3-16-153432-4 <b>No prelo</b></p>	<p>Ensino superior e política científica. Escritos e discursos 1895-1920.</p>

I/14	<b>Zur Musiksoziologie.</b> Nachlaß 1921. Hrsg. v. Christoph Braun u. Ludwig Finscher. 2004. XIV, 446 Seiten. ISBN 978-3-16-146956-5	Sobre a Sociologia da música. Espólio 1921. (2004)
I/15	<b>Zur Politik im Weltkrieg.</b> Schriften und Reden 1914-1918. Hrsg. von Wolfgang J. Mommsen, in Zus.-Arb. m. Gangolf Hübinger. 1984. XVIII, 864 Seiten. ISBN 978-3-16-844752-8	Sobre a política durante a Guerra Mundial. Escritos e discursos 1914-1918. (1984)
I/16	<b>Zur Neuordnung Deutschlands.</b> Schriften und Reden 1918-1920. Hrsg. v. Wolfgang J. Mommsen, in Zus.-Arb. m. Wolfgang Schwentker. 1988. XIX, 643 Seiten. ISBN 978-3-16-845053-5	Sobre a reorganização da Alemanha. Escritos e discursos 1918-1920. (1988)
I/17	<b>Wissenschaft als Beruf</b> 1917-1919 / <b>Politik als Beruf</b> 1919. Hrsg. v. Wolfgang J. Mommsen, Wolfgang Schluchter, in Zus.-Arb. m. Birgitt Morgenbrod. 1992. XIII, 296 Seiten. ISBN 978-3-16-145765-4	Ciência como profissão 1917-1919/Política como profissão 1919. (1992)
I/18	<b>Die protestantische Ethik und der Geist des Kapitalismus. Die protestantischen Sekten und der Geist des Kapitalismus. Schriften 1904–1920</b> Hrsg. v. Wolfgang Schluchter in Zus.-Arb. m. Ursula Bube. 800 Seiten. ISBN 978-3-16-153269-6 <b>No prelo</b>	A ética protestante e o espírito do capitalismo. As seitas protestantes e o espírito do capitalismo. Escritos 1904-1920.
I/19	<b>Die Wirtschaftsethik der Weltreligionen. Konfuzianismus und Taoismus.</b> Schriften 1915–1920. Hrsg. v. Helwig Schmidt-Glintzer, in Zus.-Arb. m. Petra Kolonko 1989. XIII, 621 Seiten. ISBN 978-3-16-845382-6	A ética econômica das religiões universais: Confucionismo e taoismo Escritos 1915-1920. (1989)
I/20	<b>Die Wirtschaftsethik der</b>	A ética econômica das

	<p><b>Weltreligionen. Hinduismus und Buddhismus.</b> Schriften 1916-1920. Hrsg. v. Helwig Schmidt-Glintzer, in Zus.-Arb. m. Karl-Heinz Golzio. 1996. XIII, 740 Seiten. ISBN 978-3-16-146483-6</p>	<p>religiões universais: Hinduísmo e budismo. Escritos 1916-1920. (1996)</p>
I/21	<p><b>Band I/21,1: Die Wirtschaftsethik der Weltreligionen. Das antike Judentum.</b> Schriften und Reden 1911-1920. Hrsg. v. Eckart Otto u. Mitw. v. Julia Offermann 2005. XXVII, 606 Seiten. ISBN 978-3-16-148487-2</p>	<p>A ética econômica das religiões universais: O judaísmo antigo. Escritos e discursos 1911-1920. (2005)</p>
	<p><b>Band I/21,2: Die Wirtschaftsethik der Weltreligionen. Das antike Judentum.</b> Schriften und Reden 1911-1920. Hrsg. v. Eckart Otto u. Mitw. v. Julia Offermann. 2005. XIX, 552 Seiten. ISBN 978-3-16-148529-9</p>	<p>A ética econômica das religiões universais: O judaísmo antigo. Escritos e discursos 1911-1920. (2005)</p>
I/22	<p><b>Band I/22,1: Wirtschaft und Gesellschaft. Die Wirtschaft und die gesellschaftlichen Ordnungen und Mächt.</b> Nachlass. Gemeinschaften. Hrsg. v. Wolfgang J. Mommsen in Zus.-Arb. m. Michael Meyer. 2001. XXVI, 401 Seiten. ISBN 978-3-16-147558-0</p>	<p><b>Economia e sociedade (EeS).</b> A Economia e as ordens e poderes sociais. <b>Espólio. Comunidades.</b> (2001)</p>
	<p><b>Band I/22,2: Wirtschaft und Gesellschaft. Religiöse Gemeinschaften.</b> Hrsg. v. Hans G. Kippenberg in Zus.-Arb. m. Petra Schilm, unter Mitw. v. Jutta Niemeier. 2001. XXV, 584 Seiten. ISBN 978-3-16-147562-7</p>	<p><b>(EeS).</b> A Economia e as ordens e poderes sociais. <b>Espólio. Comunidades religiosas.</b></p>
	<p><b>Band I/22,3: Wirtschaft und Gesellschaft. Recht.</b></p>	<p><b>(EeS).</b> A Economia e as ordens e poderes sociais.</p>

	Hrsg. v. Werner Gephart u. Siegfried Hermes. 2010. XXIX, 813 Seiten. ISBN 978-3-16-150356-6	<b>Espólio. Direito.</b> (2010)
	Band I/22,4: <b>Wirtschaft und Gesellschaft. Herrschaft.</b> Hrsg. v. Edith Hanke in Zus.-Arb. m. Thomas Kroll. 2005. XXX, 944 Seiten. ISBN 978-3-16-148694-4	<b>(EeS).</b> A Economia e as ordens e poderes sociais. <b>Espólio. Dominação.</b> (2005)
	Band I/22,5: <b>Wirtschaft und Gesellschaft. Die Stadt</b> Hrsg. v. Wilfried Nippel. 1999. XXVI, 390 Seiten. ISBN 978-3-16-146821-6	<b>(EeS).</b> A Economia e as ordens e poderes sociais. <b>Espólio. A cidade.</b> (1999)
I/23	<b>Wirtschaft und Gesellschaft. Soziologie.</b> Unvollendet. 1919-1920. Hrsg. v. Knut Borchardt, Edith Hanke u. Wolfgang Schluchter 2013. XXVI, 847 Seiten. ISBN 978-3-16-150292-7	<b>(EeS). Sociologia.</b> Inacabados. 1919-1920. (2013)
I/24	<b>Wirtschaft und Gesellschaft. Entstehungsgeschichte und Dokumente.</b> Hrsg. v. Wolfgang Schluchter. 2009. XI, 285 Seiten. ISBN 978-3-16-150058-9	<b>(EeS). História da Gênese e documentos.</b> (2009)
I/25	<b>Wirtschaft und Gesellschaft. Gesamtregister.</b> Bearb. v. Edith Hanke u. Christoph Morlok. 2015. XXIV, 479 Seiten (+ CD-ROM). ISBN 978-3-16-152997-9	Economia e sociedade. <b>Índices.</b> [+ CD- ROM]. (2005)
<b>(II) CARTAS</b>		
II/1	<b>Jugendbriefe bis 1886.</b> Hrsg. v. G. Hübinger u. M. R. Lepsius. <b>Ainda não publicado.</b>	Cartas da juventude até 1886.
II/2	<b>Briefe 1887-1894.</b> Hrsg. v. G. Hübinger u. M. R. Lepsius. <b>Ainda não publicado</b>	Cartas 1887-1894.
II/3	<b>Briefe 1895-1902.</b> Hrsg. v. Rita Aldenhoff-Hübinger, in Zus.-Arb. m. Uta Hinz. 2015. 970	Cartas 1895-1902. (2015)

	Seiten. ISBN 978-3-16-153753-0	
II/4	<b>Briefe 1903–1905.</b> Hrsg. v. Gangolf Hübinger u. M. Rainer Lepsius in Zus.-Arb. m. Thomas Gerhards u. Sybille OBwald-Bargende. 2015. XXIV, 751 Seiten. ISBN 978-3-16-153428-7	Cartas 1903-1905. (2015)
II/5	<b>Briefe 1906-1908.</b> Hrsg. v. M. Rainer Lepsius u. Wolfgang J. Mommsen, unter Mitarb. v. Birgit Rudhard u. Manfred Schön. 1990. XXVI, 796 Seiten. ISBN 978-3-16-845327-7	Cartas 1906-1908. (1990)
II/6	<b>Briefe 1909-1910.</b> Hrsg. v. M. Rainer Lepsius u. Wolfgang J. Mommsen, unter Mitarb. v. Birgit Rudhard u. Manfred Schön. 1994. XXIV, 854 Seiten. ISBN 978-3-16-146308-2	Cartas 1909-1910. (1994)
II/7	<b>Band II/7,1: Briefe 1911-1912.</b> Hrsg. v. M. Rainer Lepsius u. Wolfgang J. Mommsen, unter Mitarb. v. Birgit Rudhard u. Manfred Schön. 1998. XXVIII, 500 Seiten. ISBN 978-3-16-146799-8	Cartas 1911-1912. (1998)
	<b>Band II/7,2: Briefe 1911-1912.</b> Hrsg. v. M. Rainer Lepsius u. Wolfgang J. Mommsen, unter Mitarb. v. Birgit Rudhard u. Manfred Schön. 1998. XXV, 580 Seiten (XXV, S.501-1081). ISBN 978-3-16-146925-1	Cartas 1911-1912. (1998)
II/8	<b>Briefe 1913-1914.</b> Hrsg. v. M. Rainer Lepsius u. Wolfgang J. Mommsen, in Zus.-Arb. m. Birgit Rudhard u. Manfred Schön 2003. XXX, 902 Seiten. + Abb. ISBN 978-3-16-147920-5	Cartas 1913-1914. (2003)
II/9	<b>Briefe 1915-1917.</b> Hrsg. v. Gerd Krumeich u. M. Rainer	Cartas 1915-1917. (2008)



	Lepsius in Zus.-Arb. m. Birgit Rudhard u. Manfred Schön. 2008. XXXI, 948 Seiten. + 1 Abb.. ISBN 978-3-16-149481-9	
II/10	II/10,1: <b>Briefe 1918-1920.</b> Hrsg. v. Gerd Krumeich u. M. Rainer Lepsius, in Zus.-Arb. m. Uta Hinz, Sybille Oßwald-Bargende u. Manfred Schön. 2012. XXXIII, 627 Seiten. ISBN 978-3-16-150895-0	Cartas 1918-1920. (2012)
	II/10,2: <b>Briefe 1918-1920.</b> Hrsg. v. Gerd Krumeich u. M. Rainer Lepsius, in Zus.-Arb. m. Uta Hinz, Sybille Oßwald-Bargende u. Manfred Schön. 2012. XXIX, 601 Seiten. ISBN 978-3-16-151847-8	Cartas 1918-1920. (2012)
II/11	<b>Briefe. Nachträge und Gesentreigister.</b> <b>Ainda não publicado</b>	Cartas: Complementos e índices Gerais.
<b>(III) PALESTRAS E TRANSCRIÇÕES DE PALESTRAS</b>		
III/1	<b>Allgemeine (“theoretische”) Nationalökonomie. Vorlesungen 1894-1898.</b> Hrsg. v. Wolfgang J. Mommsen in Zus.-Arb. m. Cristof Judenau, Heino H. Nau, Klaus Scharfen u. Marcus Tiefel. 2009. XVI, 814 Seiten (+CD-ROM). ISBN 978-3-16-149765-0	Economia política geral (“teórica”). <b>Cursos</b> 1894-1898. (2009)
III/2	<b>Praktische Nationalökonomie. Vorlesungen 1895-1899. Ainda não publicado</b>	Economia política prática. <b>Cursos</b> 1895-1899.
III/3	<b>Finanzwissenschaft. Vorlesungen 1894-1897. Ainda não publicado</b>	Finanças. <b>Cursos</b> 1894-1897.
III/4	<b>Arbeiterfrage und Arbeiterbewegung.</b> Vorlesungen 1895-1898. Hrsg. v. Rita Aldenhoff-Hübinger in Zus.-Arb. m. Silke Fehleman.	A questão operária e o movimento operário. <b>Cursos</b> 1895-1898. (2009)

	2009. XII, 394 Seiten (+ CD-ROM). ISBN 978-3-16-150133-3	
III/5	<b>Agrarrecht, Agrargeschichte, Agrarpolitik. Vorlesungen 1894–1899.</b> Hrsg. v. Rita Aldenhoff-Hübinger. 2008. XII, 524 Seiten (+ CD-ROM). ISBN 978-3-16-149485-7	Direito agrário, história agrária, política agrária. <b>Cursos</b> 1894-1899. (2008)
III/6	<b>Abriß der universalen Sozial- und Wirtschaftsgeschichte. Mit- und Nachschriften 1919-1920.</b> Hrsg. v. Wolfgang Schluchter in Zus.-Arb. m. Joachim Schröder. 2011. XIII, 664 Seiten (+ CD-ROM). ISBN 978-3-16-151036-6	Compêndio de história universal social e econômica. <b>Apontamentos</b> 1919-1920. (2011)
III/7	Allgemeine Staatslehre und Politik (Staatssoziologie) - unvollendet. Mit- und Nachschriften 1920. Hrsg. v. Gangolf Hübinger in Zus.-Arb. m. Andreas Terwey. 2009. XI, 136 Seiten (+ CD-ROM). ISBN 978-3-16-149932-6	Teoria geral do Estado e política (sociologia do Estado). Inacabados. <b>Apontamentos</b> 1920. (2009)

Fonte: Elaborado pelo autor, com base em Mohr Siebeck (editora).



## APÊNDICE C – Partes que foram traduzidas no Brasil

### GARS I

<p>WEBER, Max. <i>A ética protestante e o espírito do capitalismo</i>. São Paulo: Pioneira, 1967. (Biblioteca Pioneira de ciências sociais. Sociologia). Apresentação da editora Pioneira (contracapa) Introdução do Autor (<i>vorbemerkung</i>). Contém notas acrescentadas pelo autor na 2ª edição, de 1920, GARS I.</p> <p>Tradução: M. Irene de Q. F. Szmrecsanyi, Tamas J. M. K. Szmrecsanyi. (tradução direto do alemão, com notas do autor acrescentadas na segunda ed. Alemã). Trad. Grego: José Cavalcanti de Souza; Trad. e transliteração hebraico: Isaac Nicolau Salum.</p>	<p><u>FONTES EM ALEMÃO</u></p> <p>_____. Die protestantische Ethik und der Geist des Kapitalismus. In: <i>Gesammelte Aufsätze zur Religionssoziologie</i> [Ensaio Reunidos de Sociologia da Religião]. Band I: J. C. B. Mohr (Paul Siebeck). Tübingen, 1947. [GARS I]</p>	<p><u>GARS I</u></p>
<p>WEBER, Max. <i>A Ética e o “Espírito” do Capitalismo</i>. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. 12. reimp. Apresentação, edição e revisão técnica: Antônio Flávio Pierucci.</p> <p>Tradução de José Marcos Mariani de Macedo.</p>	<p><u>FONTES EM ALEMÃO</u></p> <p>_____. Die protestantische Ethik und der Geist des Kapitalismus. In: <i>Gesammelte Aufsätze zur Religionssoziologie</i> [Ensaio Reunidos de Sociologia da Religião]. Band I: J. C. B. Mohr. Tübingen, 1920. [GARS I]</p>	<p><u>GARS I</u></p>
<p>WEBER, Max. <i>A ética protestante e o espírito do capitalismo</i>. São Paulo: Centauro, 2001.</p> <p>Tradução de Vinícius Eduardo Alves (direto do alemão).</p>	<p><u>FONTES EM ALEMÃO</u></p> <p>Die Protestantische Ethik und der Geits des Kapitalismus. (tradução direto do alemão, com notas do autor acrescentadas na segunda ed. Alemã 1920, GARS I.)</p>	<p><u>GARS I</u></p>
<p>WEBER, Max. <i>A ética protestante e o espírito</i></p>	<p><u>FONTES EM INGLÊS</u></p>	<p><u>GARS I</u></p>

<p><b>do capitalismo. São Paulo: Martin Claret, 2002. (A Obra-Prima de Cada Autor). Organização e Introdução: Sílvio L. Sant'Anna</b></p> <p><b>Tradução de Pietro Nassetti.</b></p>	<p>Die Protestantische Ethik und der Geits des Kapitalismus. 1904-5 und 1920 (tradução da versão inglesa de Talcott Parsons, Harvard University, cotejada com a versão alemã.</p> <p>Contém notas do autor acrescentadas na 2ª edição Alemã. [GARS I]).</p>	
<p><b>WEBER, Max. Textos selecionados. São Paulo: Nova Cultural, 1997. 192p., 21cm. ( Os Economistas) . ISBN 8535109161 ( enc.) . Apresentação Maurício Tragtenberg.</b></p> <p><b>Maurício Tragtenberg (et al).</b></p> <p><sup>1</sup> <b>Parlamentarismo e governo numa Alemanha reconstruída.</b></p> <p><sup>2</sup> <b>Capitalismo e sociedade rural na Alemanha</b></p> <p><sup>3</sup> <b>O caráter nacional e os “junkers”</b></p> <p><sup>4</sup> <b>Rejeições religiosas do mundo e suas direções</b></p>	<p><b><u>FONTES EM ALEMÃO</u></b></p> <p><sup>1</sup> Tradução de Maurício Tragtenberg Revisão de Cássio Gomes</p> <p>Traduzido de: “<i>Parlament und Regierung im neugeordneten Deutschland</i>”, in Max Weber, <i>Gesammelte politische Schriften</i>, J. C. B. Mohr (Paul Siebeck), Tübingen, 1958, 2ª edição, preparada por Johannes Winkelmann, págs. 294-394. [GPS]</p> <p><b><u>FONTES EM INGLÊS</u></b></p> <p><sup>2</sup> Tradução da versão inglesa por Waltensir Dutra</p> <p>Traduzido da sexta impressão (Galaxy Book, 1963) da edição publicada em 1946 pela Oxford University Press, Inc.: From Max Weber: <i>Essays in Sociology</i> (translated, edited and with an Introduction by H. H. Gerth and C. Wright Mills).</p> <p><sup>3</sup> Tradução da versão inglesa por Waltensir Dutra</p> <p>Traduzido da sexta impressão (Galaxy Book, 1963) da edição publicada em 1946 pela Oxford University Press, Inc.: From Max</p>	<p><b>GARS I</b></p> <p><b>GPS</b></p> <p><b>GPS</b></p>

Weber: *Essays in Sociology* (translated, edited and with an Introduction by H. H. Gerth and C. Wright Mills).

Texto original em alemão:  
 "Wahlrecht und Demokratie in Deutschland", *Gesammelte Politische Schriften* (Munich, Dreimaskenverlag, 1921).  
 Compreende um trecho de um folheto que "Die Halbe" — o departamento editorial de livros da pequena revista que Naumann dirigia — publicou em dezembro de 1917.

<sup>4</sup> Tradução da versão inglesa por Waltensir Dutra

Traduzido da sexta impressão (*Galaxy Book*, 1963) da edição publicada em 1946 pela Oxford University Press, Inc.: *From Max Weber: Essays in Sociology* (translated, edited and with an Introduction by H. H. Gerth and C. Wright Mills).

Original: De "Zwischenbetrachtung".  
*Gesammelte Aufsätze zur Religionssoziologie*, vol. I, pp. 436-73. Este ensaio foi publicado em novembro de 1915, no *Archiv*. [GARS I]

#### **FONTES EM PORTUGUÊS**

Traduzido por Maurício Tragtenberg, com Revisão de Cássio Gomes, à partir de:  
 "Parlament und Regierung im neugeordneten Deutschland", in: Max Weber, *Gesammelte Politische Schriften*, J. C. B. Mohr (Paul Siebeck), Tübingen, 1958,

	2ª edição, preparada por Johannes Winckelmann, págs. 294-394. [GPS]	
WEBER, Max. A Ética e o “Espírito” do Capitalismo. São Paulo, Companhia das Letras. 12. reimpr., 2004. Apresentação, edição e revisão técnica: Antônio Flávio Pierucci. Tradução de José Marcos Mariani de Macedo.	<b><u>FONTES EM ALEMÃO</u></b>  _____. Die protestantische Ethik und der Geist des Kapitalismus. In: <i>Gesammelte Aufsätze zur Religionssoziologie</i> [Ensaio Reunidos de Sociologia da Religião]. Band I: J. C. B. Mohr. Tübingen, 1920. [GARS I]	GARS I
WEBER, Max. A ética protestante e o espírito do capitalismo. São Paulo: Centauro, 2001.  Tradução de Vinícius Eduardo Alves (direto do alemão).	<b><u>FONTES EM ALEMÃO</u></b>  Die Protestantische Ethik und der Geits des Kapitalismus. (tradução direto do alemão, com notas do autor acrescentadas na segunda ed. Alemã 1920, GARS I.)	GARS I
WEBER, Max. A ética protestante e o espírito do capitalismo. São Paulo: Martin Claret, 2002. (A Obra-Prima de Cada Autor).  Organização e Introdução: Sílvio L. Sant'Anna  Tradução de Pietro Nassetti.	<b><u>FONTES EM INGLÊS</u></b>  Die Protestantische Ethik und der Geits des Kapitalismus. 1904-5 und 1920 (tradução da versão inglesa de Talcott Parsons, Harvard University, cotejada com a versão alemã.  Contém notas do autor acrescentadas na 2ª edição Alemã. [GARS I]).	GARS I
WEBER, Max. Textos selecionados. São Paulo: Nova Cultural, 1997. 192p., 21cm. ( Os Economistas) . ISBN 8535109161 ( enc. ) . Apresentação Maurício Tragtenberg.	<b><u>FONTES EM ALEMÃO</u></b>  <sup>1</sup> Tradução de Maurício Tragtenberg Revisão de Cássio Gomes  Traduzido de: “ <i>Parlament und Regierung im neugeordneten</i>	GARS I GPS GPS

<p><b>Maurício Tragtenberg</b> <i>(et al)</i>.</p> <p><sup>1</sup> <b>Parlamentarismo e governo numa Alemanha reconstruída.</b></p> <p><sup>2</sup> <b>Capitalismo e sociedade rural na Alemanha</b></p> <p><sup>3</sup> <b>O caráter nacional e os “junkers”</b></p> <p><sup>4</sup> <b>Rejeições religiosas do mundo e suas direções</b></p>	<p><i>Deutschland</i>”, in Max Weber, <i>Gesammelte politische Schriften</i>, J. C. B. Mohr (Paul Siebeck), Tübingen, 1958, 2ª edição, preparada por Johannes Winckelmann, págs. 294-394. [GPS]</p> <p><b><u>FONTES EM INGLÊS</u></b></p> <p><sup>2</sup> Tradução da versão inglesa por Waltensir Dutra</p> <p>Traduzido da sexta impressão (Galaxy Book, 1963) da edição publicada em 1946 pela Oxford University Press, Inc.: From Max Weber: <i>Essays in Sociology</i> (translated, edited and with an Introduction by H. H. Gerth and C. Wright Mills).</p> <p><sup>3</sup> Tradução da versão inglesa por Waltensir Dutra</p> <p>Traduzido da sexta impressão (Galaxy Book, 1963) da edição publicada em 1946 pela Oxford University Press, Inc.: From Max Weber: <i>Essays in Sociology</i> (translated, edited and with an Introduction by H. H. Gerth and C. Wright Mills).</p> <p>Texto original em alemão: "Wahlrecht und Demokratie in Deutschland", <i>Gesammelte Politische Schriften</i> (Munich, Dreimaskenverlag, 1921). Compreende um trecho de um folheto que “Die Halfe” — o departamento editorial de livros da pequena revista que Naumann dirigia — publicou em dezembro de 1917.</p> <p><sup>4</sup> Tradução da versão inglesa por</p>	
--	--	--



	<p>Waltensir Dutra</p> <p>Traduzido da sexta impressão (Galaxy Book, 1963) da edição publicada em 1946 pela Oxford University Press, Inc.: From Max Weber: Essays in Sociology (translated, edited and with an Introduction by H. H. Gerth and C. Wright Mills).</p> <p>Original: De “Zwischenbetrachtung”. Gesammelte Aufsätze zur Religionssoziologie, vol. I, pp. 436-73. Este ensaio foi publicado em novembro de 1915, no <i>Archiv</i>. [GARS I]</p> <p><b><u>FONTES EM PORTUGUÊS</u></b></p> <p>Traduzido por Maurício Tragtenberg, com Revisão de Cássio Gomes, à partir de: “Parlament und Regierung im neugeordneten Deutschland”, in Max Weber, Gesammelte Politische Schriften, J. C. B. Mohr (Paul Siebeck), Tübingen, 1958, 2ª edição, preparada por Johannes Winckelmann, págs. 294-394. [GPS]</p>	
--	---	--

## GARS II

<p><b>WEBER, Max.</b> Max Weber: sociologia. 6. ed. São Paulo: Ática, 1997. 167p., 22cm. (Grandes cientistas sociais, 13)</p> <p><b>Coordenador:</b> Florestan Fernandes. Textos diversos. Inclui índice. ISBN 8508011458 (broch.).</p> <p>Autoria secundária,</p>	<p><b><u>FONTES EM ALEMÃO</u></b></p> <p>Weber, M. <i>Gesammelte Aufsätze zur Sozial- und Wirtschaftsgeschichte</i> [Ensaio Reunidos de história social e econômica], J. C. B. Mohr (Paul Siebeck), Tübingen, 1. Auflage 1924. [GASW]</p> <p>_____. <i>Gesammelte</i></p>	<p><b>GASW</b> <b>GPS]</b> <b>GaW</b> <b>WsG</b> <b>GARS I e</b> <b>GARS II</b></p>
--	---	---

<p>introdução, organização: Gabriel Cohn.</p> <p>Tradução: Amélia Cohn e Gabriel Cohn</p>	<p><i>Politische Schriften, München</i> [Escritos políticos], J. C. B. Mohr (Paul Siebeck), Tübingen, 3. Auflage. 1971 [1921]. [GPS]</p> <p>_____. <i>Gesammelte Aufsätze zur Wissenschaftslehre</i> [Ensaio Reunidos da doutrina da ciência], J. C. B. Mohr (Paul Siebeck), Tübingen, 4. Auflage. 1973 [1922]. [GaW]</p> <p>_____. <i>Wirtschaft und Gesellschaft</i> [Economia e Sociedade], J. C. B. Mohr (Paul Siebeck), Tübingen, 4. Auflage. 1956 [1921]. [WsG]</p> <p>_____. <i>Gesammelte Aufsätze zur Religionssoziologie</i> [Ensaio reunidos de sociologia da religião], J. C. B. Mohr (Paul Siebeck) Band I. 6. Auflage. / Band II. 5. 1972 [1920]. [GARS I e GARS II]</p>	
---	--	--

## GPS

<p>WEBER, Max. <i>A política como vocação</i>. Brasília, UnB. 2003. Oliver T~olie. Direitos exclusivos para esta edição: Editora UnB.</p> <p>Tradução de Maurício Tragtenberg</p>	<p><u>FONTES EM ALEMÃO</u></p> <p>Politik als Beruf [1919]. In: Gesammelte Politische Schriften [Escritos políticos]. [GPS]</p>	<p>GPS</p>
<p>WEBER, Max. <i>Textos selecionados</i>. São Paulo: Nova Cultural, 1997. 192p., 21cm. ( Os Economistas) . ISBN 8535109161 ( enc.) .</p>	<p><u>FONTES EM ALEMÃO</u></p> <p><sup>1</sup> Tradução de Maurício Tragtenberg Revisão de Cássio Gomes</p>	<p>GARS I GPS GPS</p>

<p><b>Apresentação Maurício Tragtenberg.</b></p>	<p>Traduzido de: <i>“Parlament und Regierung im neugeordneten Deutschland”</i>, in Max Weber, <i>Gesammelte politische Schriften</i>, J. C. B. Mohr (Paul Siebeck), Tübingen, 1958, 2ª edição, preparada por Johannes Winkelmann, págs. 294-394. [GPS]</p>	
<p><b>Maurício Tragtenberg (et al).</b></p>		
<p><sup>1</sup> Parlamentarismo e governo numa Alemanha reconstruída.</p>	<p><u><b>FONTES EM INGLÊS</b></u></p>	
<p><sup>2</sup> Capitalismo e sociedade rural na Alemanha</p>	<p><sup>2</sup>Tradução da versão inglesa por Waltensir Dutra</p>	
<p><sup>3</sup> O caráter nacional e os “junkers”</p>	<p>Traduzido da sexta impressão (Galaxy Book, 1963) da edição publicada em 1946 pela Oxford University Press, Inc.: From Max Weber: Essays in Sociology (translated, edited and with an Introduction by H. H. Gerth and C. Wright Mills).</p>	
<p><sup>4</sup> Rejeições religiosas do mundo e suas direções</p>	<p><sup>3</sup> Tradução da versão inglesa por Waltensir Dutra</p> <p>Traduzido da sexta impressão (Galaxy Book, 1963) da edição publicada em 1946 pela Oxford University Press, Inc.: From Max Weber: Essays in Sociology (translated, edited and with an Introduction by H. H. Gerth and C. Wright Mills).</p>	
	<p>Texto original em alemão: "Wahlrecht und Demokratie in Deutschland", <i>Gesammelte Politische Schriften</i> (Munich, Dreimaskenverlag, 1921). Compreende um trecho de um folheto que “Die Halfe” — o departamento editorial de livros da pequena revista que Naumann dirigia — publicou em dezembro de 1917.</p>	

	<p><sup>4</sup> Tradução da versão inglesa por Waltensir Dutra</p> <p>Traduzido da sexta impressão (Galaxy Book, 1963) da edição publicada em 1946 pela Oxford University Press, Inc.: From Max Weber: Essays in Sociology (translated, edited and with an Introduction by H. H. Gerth and C. Wright Mills).</p> <p>Original: De “Zwischenbetrachtung”. Gesammelte Aufsätze zur Religionssoziologie, vol. I, pp. 436-73. Este ensaio foi publicado em novembro de 1915, no <i>Archiv</i>. [GARS I]</p> <p><b><u>FONTES EM PORTUGUES</u></b></p> <p>Traduzido por Maurício Tragtenberg, com Revisão de Cássio Gomes, à partir de: “Parlament und Regierung im neugeordneten Deutschland”, in Max Weber, <i>Gesammelte Politische Schriften</i>, J. C. B. Mohr (Paul Siebeck), Tübingen, 1958, 2ª edição, preparada por Johannes Winckelmann, págs. 294-394. [GPS]</p>	
<p>WEBER, Max. Max Weber: sociologia. 6. ed. São Paulo: Ática, 1997. 167p., 22cm. (Grandes cientistas sociais, 13) Coordenador: Florestan Fernandes. Textos diversos. Inclui índice. ISBN 8508011458 (broch.). Autoria secundária, introdução, organização: Gabriel</p>	<p><b><u>FONTES EM ALEMÃO</u></b></p> <p>Weber, M. <i>Gesammelte Aufsätze zur Sozial- und Wirtschaftsgeschichte</i> [Ensaio Reunidos de história social e econômica], J. C. B. Mohr (Paul Siebeck), Tübingen, 1. Auflage 1924. [GASW]</p> <p>_____. <i>Gesammelte</i></p>	<p>GASW GPS] GaW WsG GARS I e GARS II</p>

<p><b>Cohn.</b></p> <p>Tradução: Amélia Cohn e Gabriel Cohn</p>	<p><i>Politische Schriften, München</i> [Escritos políticos], J. C. B. Mohr (Paul Siebeck), Tübingen, 3. Auflage. 1971 [1921]. [GPS]</p> <p>_____. <i>Gesammelte Aufsätze zur Wissenschaftslehre</i> [Ensaio Reunidos da doutrina da ciência], J. C. B. Mohr (Paul Siebeck), Tübingen, 4. Auflage. 1973 [1922]. [GaW]</p> <p>_____. <i>Wirtschaft und Gesellschaft</i> [Economia e Sociedade], J. C. B. Mohr (Paul Siebeck), Tübingen, 4. Auflage. 1956 [1921]. [Wsg]</p> <p>_____. <i>Gesammelte Aufsätze zur Religionssoziologie</i> [Ensaio reunidos de sociologia da religião], J. C. B. Mohr (Paul Siebeck) Band I. 6. Auflage. / Band II. 5. 1972 [1920]. [GARS I e GARS I]</p>	
<p><b>WEBER, Max; TRAGTENBERG, Maurício.</b> Ensaio de sociologia e outros escritos. São Paulo: Abril Cultural, 1974. 270 p. (Os pensadores ; 37). Seleção de Maurício Tragtenberg</p> <p>Tradução de Maurício Tragtenberg, Waltensir Dutra <i>et al.</i></p> <p>Textos compilados:</p> <p><sup>1</sup> Parlamentarismo e governo numa Alemanha reconstruída.</p>	<p><u>FONTES EM ALEMÃO</u></p> <p><sup>1</sup> Trad. Tragtenberg:</p> <p>WEBER, Max. <i>Parlament und Regierung im Neugeordneten Deutschland. In: Gesammelte Politische Schriften</i>, Tübingen, 1958, 2. Auflage. V. J. Winkelmann. J. C. B. Mohr (Paul Siebeck). [GPS].</p> <p><u>FONTES EM INGLÊS</u></p> <p><sup>2</sup> Trad. Waltensir Dutra:</p> <p>Gerth, H. H.; Mills, C. Wright. <i>From Max Weber: Essays in Sociology</i> (C. XIII, XIV e XV).</p>	<p>GPS GAR S I</p>

<p><sup>2</sup> Ensaio de sociologia (cap. XIII, XIV e XV).</p> <p><sup>3</sup> História geral da economia (cap. IV).</p> <p><sup>4</sup> A ética protestante e o espírito do capitalismo.</p>	<p>Oxford University Press, Inc. sixth reprint (Galax Book, 1963).</p> <p><b>FONTES EM PORTUGUÊS</b></p> <p><sup>3</sup> Trad. Calógeras A. Pajuaba (reimpressão):</p> <p>WEBER, Max. História geral da economia. São Paulo, Mestre Jou [1968]: [s.n.]. p.367.</p> <p><sup>4</sup> Tradução: Irene de Q. F. Szmrecsanyi, Tamas J. M. K. Szmrecsanyi. (tradução direto do alemão, com notas do autor acrescentadas na segunda ed. Alemã). Trad. Grego: José cavalcanti de Souza; Trad. e transliteração hebraico: Isaac Nicolau Salum:</p> <p>WEBER, Max. <i>Die protestantische Ethik und der Geist des Kapitalismus. In: Gesammelte Aufsätze zur Religionssoziologie</i> [Ensaios Reunidos de Sociologia da Religião]. Band I: J. C. B. Mohr (Paul Siebeck).Tübingen, 1947. [GARS I]</p>	
<p><b>MAX WEBER:</b> Textos selecionados. Sao Paulo, Abril Cultural. 1974. 1 ed. 268p. (Os Pensadores). Autoria secundária e apresentação: Maurício Tragtenberg</p> <p>Trad. Maurício Tragtenberg, Waltensir Dutra (et al).</p>	<p><b>FONTES EM ALEMÃO</b></p> <p><sup>1</sup>Trad.: Maurício Tragtenberg:</p> <p>WEBER, Max. <i>Parlament und Regierung im Neugeordneten Deutschland. In: Gesammelte Politische Schriften</i>, J. C. B. Mohr (Paul Siebeck), Tübingen, 1958, 2. Auflage. v. J. Winckelmamm. p. 294-394. [GPS]</p> <p><sup>4</sup> Trad.: Calógeras A. Pajuaba. WEBER, Max. História geral da economia. São Paulo, Mestre Jou [1968]: [s.n.]. 367 p.</p>	<p>GPS GARS I</p>

<p><sup>1</sup>Parlamentarismo e governo numa Alemanha reconstruída.</p>	<p><u>FONTES EM INGLÊS</u></p>	
	<p><sup>2</sup> Trad. Waltensir Dutra:</p>	
<p><sup>2</sup>Capitalismo e sociedade rural na Alemanha.</p>	<p>Gerth, H. H.; Mills, C. Wright. <i>From Max Weber: Essays in Sociology</i> (C. XIII). Oxford University Press, Inc. sixth reprint (Galax Book, 1963). Trad.</p>	
<p><sup>3</sup> O caráter nacional e os “Junkers”</p>	<p><sup>3</sup> Gerth, H. H.; Mills, C. Wright. <i>From Max Weber: Essays in Sociology</i> (C. XIV). Oxford University Press, Inc. sixth reprint (Galax Book, 1963).</p>	
<p><sup>4</sup> História Geral da Economia (Cap. IV)</p>	<p><sup>6</sup> Gerth, H. H.; Mills, C. Wright. <i>From Max Weber: Essays in Sociology</i> (C. XV). Oxford University Press, Inc. sixth reprint (Galax Book, 1963). Trad. Waltensir Dutra</p>	
<p><sup>5</sup> A Ética protestante e o espírito do capitalismo.</p>	<p><u>FONTES EM PORTUGUES</u></p>	
<p><sup>6</sup> Rejeições religiosas do mundo e suas direções</p>	<p><sup>5</sup> Trad. Irene de Q. F. Szmrecsanyi, Tamas J. M. K. Szmrecsanyi. (tradução direto do alemão, com notas do autor acrescentadas na segunda ed. Alemã). Trad. Grego: José cavalcanti de Souza; Trad. e transliteração hebraico: Isaac Nicolau Salum:</p>	
	<p>WEBER, Max. <i>Die protestantische Ethik und der Geist des Kapitalismus. In: Gesammelte Aufsätze zur Religionssoziologie</i> [Ensaio Reunidos de Sociologia da Religião]. Band I: J. C. B. Mohr (Paul Siebeck).Tübingen, 1947. M. [GARS I]</p>	
	<p><sup>6</sup> Trad. Waltensir Dutra:</p> <p>Gerth, H. H.; Mills, C. Wright. <i>From Max Weber: Essays in</i></p>	

	Sociology (C. XIII, XIV e XV). Oxford University Press, Inc. sixth reprint (Galax Book, 1963).	
--	--	--

## GASW

<p>WEBER, Max. Max Weber: sociologia. 6. ed. São Paulo: Ática, 1997. 167p., 22cm. (Grandes cientistas sociais, 13) Coordenador: Florestan Fernandes. Textos diversos. Inclui índice. ISBN 8508011458 (broch.). Autoria secundária, introdução, organização: Gabriel Cohn.  Tradução: Amélia Cohn e Gabriel Cohn</p>	<p><u>FONTES EM ALEMÃO</u></p> <p>Weber, M. <i>Gesammelte Aufsätze zur Sozial- und Wirtschaftsgeschichte</i> [Ensaaios Reunidos de história social e econômica], J. C. B. Mohr (Paul Siebeck), Tübingen, 1. Auflage 1924. [GASW]</p> <p>_____. <i>Gesammelte Politische Schriften, München</i> [Escritos políticos], J. C. B. Mohr (Paul Siebeck), Tübingen, 3. Auflage. 1971 [1921]. [GPS]</p> <p>_____. <i>Gesammelte Aufsätze zur Wissenschaftslehre</i> [Ensaaios Reunidos da doutrina da ciência], J. C. B. Mohr (Paul Siebeck), Tübingen, 4. Auflage. 1973 [1922]. [GaW]</p> <p>_____. <i>Wirtschaft und Gesellschaft</i> [Economia e Sociedade], J. C. B. Mohr (Paul Siebeck), Tübingen, 4. Auflage. 1956 [1921]. [WsG]</p> <p>_____. <i>Gesammelte Aufsätze zur Religionssoziologie</i> [Ensaaios reunidos de sociologia da religião], J. C. B. Mohr (Paul Siebeck) Band I. 6. Auflage. / Band II. 5. 1972 [1920].</p>	<p>GASW GPS] GaW WsG GARS I e GARS II</p>
---	--	---



[GARS I e GARS I]

## GaW

<p><b>WEBER, Max. A</b> "objetividade" do conhecimento nas ciências sociais. São Paulo: Atica, 2006. Autoria secundária, apresentação, comentários Gabriel Cohn.</p> <p>Tradução Gabriel Cohn.</p>	<p><b><u>FONTES EM ALEMÃO</u></b></p> <p>Weber, M . Die „Objektivität“ Sozialwissenschaftslehre und sozial politischer Erkenntnis. In.: <i>Gesammelte Aufsätze zur Wissenschaftslehre</i> [Ensaio Reunidos da doutrina da ciência], J. C. B. Mohr (Paul Siebeck), Tübingen, 4. Auflage. 1973 [1922]. pp. 146-214. [GaW]</p>	GaW
<p><b>WEBER, Max. Ensaio sobre a teoria das ciências sociais. [1. ed.]. São Paulo: Moraes, 1991. 132p., 21 cm. ( broch. ) . Prefácio do autor.</b></p> <p><b>Trad. Rubens eduardo Ferreira frias</b></p>	<p><b><u>FONTES EM FRANCÊS</u></b></p> <p>Coleção de artigos publicados entre 1904 e 1917 [GaW], traduzidos do alemão e introduzido por Julien Freund. Paris: Librairie Plon, 1965. 539 páginas. Coleção: <i>Recherches en sciences humaines</i>, No. 19.</p> <p>Contém: "A objetividade do conhecimento na ciência e na política social" (1904); "Estudos críticos no campo da lógica das ciências da cultura" (1905-6): "Ensaio sobre algumas categorias da sociologia compreensiva" (1913); "Ensaio sobre o significado de "neutralidade ética" nas ciências sociológicas e econômicas ciências da cultura (1917).</p>	GaW
<p><b>Ensaio sobre a Teoria das Ciências Sociais. Tradução de Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro Editora, 2. ed. 2003. 106 p. ISBN: 8588208482. Número de Páginas: 132. Formato: 14.00 x 21.00 cm.,</b></p>	<p><b><u>FONTES EM FRANCÊS</u></b></p> <p>Coleção de artigos publicados entre 1904 e 1917 [GaW], traduzidos do alemão e introduzido por Julien Freund. Paris: Librairie Plon, 1965. 539 páginas. Coleção: <i>Recherches en sciences humaines</i>, No. 19.</p>	GaW

<p><b>Acabamento: brochura.</b> <b>Prefácio do autor.</b></p> <p><b>Trad. Rubens Eduardo Ferreira Farias</b></p>	<p>Contém: "A objetividade do conhecimento na ciência e na política social" (1904); "Estudos críticos no campo da lógica das ciências da cultura" (1905-6); "Ensaio sobre algumas categorias da sociologia compreensiva" (1913); "Ensaio sobre o significado de "neutralidade ética" nas ciências sociológicas e econômicas, ciências da cultura (1917).</p>	
<p><b>WEBER, Max. Ensaaios sobre a teoria das ciências sociais. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, Lisboa: Editorial Presença, imp. 1979. 132p., 21 cm. ( broch. ) .</b></p> <p><b>Trad. Carlos Grifo Babo</b></p>	<p>Dados editoriais e ficha catalográfica insuficientes. Fonte original não indicada na edição. Textos referidos como 1904-1917. Contém: "A objetividade do conhecimento nas ciências sociais" (1904); "Sobre o significado de "neutralidade axiológica" nas ciências sociais (1917). Apesar de não podermos checar a fonte original em alemão, os dados editoriais parciais sugerem que a fonte seja mesmo GaW [os "Ensaios Reunidos da doutrina da ciência"]. Data de impressão 1977.</p>	<p>GaW</p>
<p><b>WEBER, Max. Os fundamentos racionais e sociológicos da música. São Paulo: EdUSP, 1995. 159p., 26cm. ( Clássicos, 1) . Bibliografia: p. 151-159. ISBN 85-314-0272-7 ( broch. ) . Prefácio: Gabriel Cohn.</b></p> <p><b>Tradução, introdução e notas: Leopoldo Waizbord (trad. orig. alemão).</b></p>	<p><u>FONTES EM ALEMÃO</u></p> <p>Die rationalen und soziologischen Grundlagen der Musik. Incluído como apêndice em Wirtschaft und Gesellschaft - Grundriss der verstehende Soziologie (org. por J. Winckelmann. Ano do original: 1911. [GaW]</p> <p>1921: <i>Die rationalen und soziologischen Grundlagen der Musik</i>, München 1921. Dann in <i>Wirtschaft und Gesellschaft</i> von der 2. Auflage 1925 bis zur 4. Auflage 1956</p>	<p>GaW GaW</p>

	<p>enthalten. Erneute Separatveröffentlichung: Tübingen. [GaW]</p> <p><u>FONTES EM ESPANHOL</u></p> <p>Indicação do tradutor: Cotejamento com a versão mexicana. “Los fundamentos Racionales y Sociológicos de la música”, Apêndice a “Economía e Sociedad”, México, Fondo de Cultura Económica”, 1964.</p> <p><u>FONTES EM INGLÊS</u></p> <p>Indicação do tradutor: Cotejamento com a versão americana. Rational and Social Fundations of Music, Southern Illinois University Press, 1958.</p>	
<p><b>WEBER, Max.</b> <b>Metodologia das ciências sociais: parte 1. 4. ed.</b> <b>São Paulo: Cortez,</b> <b>Campinas: Ed. da</b> <b>UNICAMP, 2001. I, 210p.,</b> <b>23. cm. ISBN 8524904704</b> <b>( broch. ) . Introdução a</b> <b>edição brasileira de</b> <b>Maurício Tragtenberg.</b></p> <p><b>Trad. Augustin Wernet</b> <b>(partes 1 e 2).</b></p>	<p><u>FONTES EM ALEMÃO</u></p> <p>_____. <i>Gesammelte Aufsätze zur Wissenschaftslehre</i> [Ensaio Reunidos da doutrina da ciência], Hrsg. v. Johannes Winckelmann, J. C. B. Mohr (Paul Siebeck), Tübingen, 4. Auflage. 1973 [1922]. [GAW]. Inclui Prefácio de J. Winkelmann, datado de 1966.</p>	GAW

## WuG

<p><b>WEBER, Max. Max</b> <b>Weber: sociologia. 6.</b> <b>ed. São Paulo: Ática,</b> <b>1997. 167p., 22cm.</b> <b>( Grandes cientistas</b> <b>sociais, 13)</b> <b>Coordenador: Florestan</b> <b>Fernandes. Textos</b> <b>diversos. Inclui índice.</b> <b>ISBN 8508011458</b></p>	<p><u>FONTES EM ALEMÃO</u></p> <p><b>Weber, M. <i>Gesammelte Aufsätze zur Sozial- und Wirtschaftsgeschichte</i></b> [Ensaio Reunidos de história social e econômica], J. C. B. Mohr (Paul Siebeck), Tübingen, 1. Auflage</p>	<p><b>GASW</b> <b>GPS]</b> <b>GaW</b> <b>Wuu</b> <b>GARS I e</b> <b>GARS II</b></p>
---	--	---

<p>( broch. ) . Aatoria secundária, introdução, organização: Gabriel Cohn.</p> <p>Tradução: Amélia Cohn e Gabriel Cohn</p>	<p>1924. [GASW]</p> <p>_____. <i>Gesammelte Politische Schriften, München</i> [Escritos políticos], J. C. B. Mohr (Paul Siebeck), Tübingen, 3. Auflage. 1971 [1921]. [GPS]</p> <p>_____. <i>Gesammelte Aufsätze zur Wissenschaftslehre</i> [Ensaio Reunidos da doutrina da ciência], J. C. B. Mohr (Paul Siebeck), Tübingen, 4. Auflage. 1973 [1922]. [GaW]</p> <p>_____. <i>Wirtschaft und Gesellschaft</i> [Economia e Sociedade], J. C. B. Mohr (Paul Siebeck), Tübingen, 4. Auflage. 1956 [1921]. [WuG]</p> <p>_____. <i>Gesammelte Aufsätze zur Religionssoziologie</i> [Ensaio reunidos de sociologia da religião], J. C. B. Mohr (Paul Siebeck) Band I. 6. Auflage. / Band II. 5. 1972 [1920]. [GARS I e GARS II]</p>	
<p><b>WEBER, Max.</b> <i>Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva</i>. 1.ed. = 5.ed. rev. alemã Brasília, DF: Universidade de Brasília, São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1991-Obra completa (volume único) ISBN 8523003142. Revisão técnica de Gabriel Cohn. Tradução: Régis Brabosa e</p>	<p><b><u>FONTES EM ALEMÃO</u></b></p> <p><i>Wirtschaft und Gesellschaft : Grundriss der verstehenden Soziologie</i> 5. Auf. Johannes Winkelmann. 1976. [WuG]</p>	<p>WuG</p>

Karen E. Barbosa (vols. 1 e 2).		
<p><b>WEBER, Max. Conceitos básicos de sociologia.</b> São Paulo. Editora Moraes. 1. ed. 1987. 113p. ISSN 85-882-0826-1. Contém: Prefácio “do autor” e “da editora”.</p> <p>Tradução: Rubens E. F. Frias e Gerard Georges Delaunay.</p>	<p><u>FONTES EM ALEMÃO</u></p> <p>Wirtschaft und Gesellschaft. In: <i>Grundriss der verstehenden Soziologie.</i> Abteilung III. J. C. B. Mohr. Hrsg. v. Marianne Weber. 2. Auflage. 1925 [1921]. [WuG]</p>	WuG

## WG

<p><b>WEBER, Max, 1864-1920-. História geral da economia.</b> São Paulo, Mestre Jou (1968): [s.n.]. 367 p. Prefácio do tradutor.</p> <p>Trad. Calógeras A. Pajuaba</p>	<p><u>FONTES EM ALEMÃO</u></p> <p><i>Wirtschaftsgeschichte.</i> Abriß der universalen Sozial- und Wirtschaftsgeschichte (von Sigmund Hellmann und Melchior Palyi zusammengestelltes Werk aus Webers Notizen und den Mitschriften seiner Studenten zu seiner letzten vollständig gehaltenen Vorlesung 1919/1920)*. Berlin 1923.</p> <p>*[História geral da economia. Compilação por Sigmund Hellmann e Melchior Palyi de notas de Weber e as transcrições de seus alunos para a sua última palestra realizada em 1919-20] .</p>	WG
<p><b>WEBER, Max. História geral da Economia.</b> São Paulo: Centauro, 2006. 336p., 21 cm. Bibliografia: p. 335-336. ISBN 8588208784. (broch.).</p> <p>Sem marcação do tradutor.</p>	<p><u>FONTES EM ALEMÃO</u></p> <p><i>Wirtschaftsgeschichte.</i> Abriß der universalen Sozial- und Wirtschaftsgeschichte [ (von Sigmund Hellmann und Melchior Palyi zusammengestelltes Werk aus Webers Notizen und den Mitschriften seiner Studenten zu seiner letzten vollständig gehaltenen Vorlesung 1919/1920)*. Berlin 1923.</p> <p>Edição com base na 3ª edição</p>	WG

revista (j. Winckelmann).